



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

ELAINE FEITOSA DA SILVA

PESSOAS IDOSAS E *SMARTPHONE*:
Reflexões sobre o valor simbólico
do artefato entre frequentadores
do Centro de Referência Municipal
da Pessoa Idosa, João Pessoa - PB.

RECIFE
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO - DEPARTAMENTO DE DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

ELAINE FEITOSA DA SILVA

PESSOAS IDOSAS E *SMARTPHONE*

Reflexões sobre o valor simbólico do artefato entre frequentadores do Centro de
Referência Municipal da Pessoa Idosa, João Pessoa - PB

Recife
2025

ELAINE FEITOSA DA SILVA

PESSOAS IDOSAS E *SMARTPHONE*

Reflexões sobre o valor simbólico do artefato entre frequentadores do Centro de Referência Municipal da Pessoa Idosa, João Pessoa - PB

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Design.

Área de concentração: Planejamento e contextualização de artefatos

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kátia Medeiros de Araújo

Recife
2025

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Silva, Elaine Feitosa da.

Pessoas idosas e smartphone: reflexões sobre o valor simbólico do artefato entre frequentadores do Centro de Referência Municipal da Pessoa Idosa, João Pessoa - PB / Elaine Feitosa da Silva. - Recife, 2025.

166f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Design, 2025.

Orientação: Kátia Medeiros de Araújo.

Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Pessoa idosa; 2. Tecnologia digital; 3. Smartphone; 4. Envelhecimento saudável; 5. Habilidade funcional. I. Araújo, Kátia Medeiros de. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

ELAINE FEITOSA DA SILVA

**“PESSOAS IDOSAS E *SMARTPHONE*: REFLEXÕES SOBRE O VALOR SIMBÓLICO
DO ARTEFATO ENTRE FREQUENTADORES DO CENTRO DE REFERÊNCIA
MUNICIPAL DA PESSOA IDOSA, JOÃO PESSOA - PB.”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, na área de concentração Planejamento e Contextualização de Artefatos, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Design.

Aprovada em: 30/01/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Kátia Medeiros de Araújo (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Auta Luciana Laurentino (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Ana Beatriz Gomes Pimenta de Carvalho (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho à idosa Carnaúba (em memória) e a todas as pessoas idosas do Centro de Referência Municipal da Pessoa Idosa que possibilitaram a realização desta pesquisa, compartilhando suas experiências e contribuindo para que mais pessoas idosas brasileiras possam ter um envelhecimento digno e saudável.

AGRADECIMENTOS

A concretização desta pesquisa só foi possível graças à colaboração de diversas pessoas e instituições, às quais manifesto minha eterna gratidão pela dedicação e apoio dispensados a mim como pesquisadora.

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, a Prof^a. Dr^a. Kátia Medeiros de Araújo, que não apenas aceitou orientar este trabalho, mas também foi essencial para sua realização. Sua paciência e dedicação foram inestimáveis e, sem sua contribuição, certamente não teria alcançado os resultados obtidos.

Agradeço também, de maneira especial, às professoras que integraram minha banca examinadora junto à minha orientadora: a Prof^a. Dr^a. Auta Luciana Laurentino e a Prof^a. Dr^a. Ana Beatriz Gomes Pimenta de Carvalho. Sou imensamente grata pelo tempo dedicado à leitura deste material e pelas valiosas contribuições oferecidas, tanto durante a qualificação quanto na defesa desta dissertação.

À Universidade Federal de Pernambuco e ao Programa de Pós-graduação em Design, registro meu profundo agradecimento pelo acolhimento à minha pesquisa e pelo conhecimento adquirido ao conviver com professores, técnicos administrativos e colegas tão excepcionais.

Expresso também minha gratidão aos amigos que fiz ao longo do desenvolvimento deste estudo, cuja parceria e apoio foram fundamentais neste processo. Destaco Gutianne Michelle de Oliveira Dias, Hércules Manoel Silva Monteiro, Andrellainy Samires de Albuquerque Litvin e, em especial, minha grande amiga Juliana de Fátima Figueiredo Mendonça de Assis, por sua paciência, companheirismo e afeto durante o percurso que trilhamos juntas.

Aos meus amigos da Paraíba, agradeço pelo carinho, paciência e compreensão diante de minhas muitas ausências ao longo desta jornada, em especial aos meus amigos de longa data Bárbara Couto Falqueto e Steven Ellison Araújo de Sousa, por seu apoio nos momentos mais desafiadores.

Agradeço também aos meus pais, Maria Zélia da Silva e Elias Feitosa da Silva, e à minha irmã, Taís Feitosa da Silva. Suas contribuições e opiniões, mesmo que intuitivas, foram indispensáveis ao desenvolvimento desta pesquisa.

Por fim, agradeço a Deus pela força e pelo amparo!

*"Aprender mesmo a gente aprende
quando o saber não é mercadoria."*

(Bispo, 2024)

RESUMO

A expressão dos desafios do envelhecimento vem se tornando mais efetiva para a população brasileira nas últimas décadas, dado o crescimento significativo do número de pessoas idosas e o aumento da expectativa de vida. Por outro lado, se parte relevante da vida da população atualmente depende dos meios digitais, é necessário que o olhar da sociedade se volte à problemática do uso dessas tecnologias por idosos, de modo a contribuir com a experiência deste segmento etário. Este trabalho aborda o impacto do *smartphone* na vida de pessoas idosas, objetivando entender que necessidades as motivam na utilização do equipamento, a forma como se sentem quanto a este uso e a possível contribuição à sua habilidade funcional. Assim, buscamos investigar o valor simbólico atribuído ao uso do *smartphone* por um grupo de frequentadores do Centro de Referência da Pessoa Idosa, em João Pessoa/PB, de modo a refletir sobre a contribuição deste uso em prol de um processo de envelhecimento saudável. Para isso, buscamos identificar seus contextos específicos, os apoios com que contam no processo de apropriação do equipamento e as necessidades que as motivaram à relação com o *smartphone*, buscando também entender como relações familiares e sociais mais amplas, que envolvem preconceitos, estigmas e possíveis crenças em torno do tema, impactam este uso. Como relação à construção metodológica, foi adotada a abordagem qualitativa a partir da pesquisa etnográfica em campo, utilizando-se das técnicas da observação participante e de entrevistas semiestruturadas com diferentes categorias de atores sociais envolvidos no contexto, através das quais buscamos identificar diferentes processos de aprendizado e graus de apropriação neste uso. Como resultado, constatamos que o valor simbólico do *smartphone* para as pessoas idosas do CRMPI são diversas, a depender da necessidade demandada, do processo de aprendizado para o uso e do tipo de atividade realizada. Como reflexão, destacamos que o uso do equipamento pode contribuir positivamente para o envelhecimento saudável, a depender do processo de apropriação estabelecido, que poderá contribuir ou não para a promoção da habilidade funcional e da autonomia das pessoas idosas usuárias. No entanto, verificamos também, que apesar das dificuldades na realização de tarefas específicas, a maioria das atividades realizadas através do uso do *smartphone* cumpre papel na direção do envelhecimento saudável.

Palavras Chaves: pessoa idosa; tecnologia digital; *smartphone*; envelhecimento saudável; habilidade funcional.

ABSTRACT

The challenges of aging have become more evident for the Brazilian population in recent decades, given the significant growth in the number of elderly people and the increase in life expectancy. On the other hand, if a significant part of the population's life currently depends on digital media, it is necessary for society to focus on the problem of the use of these technologies by the elderly, in order to contribute to the experience of this age group. This study addresses the impact of smartphones on the lives of elderly people, aiming to understand what needs motivate them to use the device, how they feel about this use and the possible contribution to their functional ability. Thus, we seek to investigate the symbolic value attributed to the use of smartphones by a group of attendees of the Elderly Reference Center in João Pessoa/PB, in order to reflect on the contribution of this use to a healthy aging process. To this end, we sought to identify their specific contexts, the support they rely on in the process of appropriating the equipment, and the needs that motivated them to use the smartphone, also seeking to understand how broader family and social relationships, which involve prejudices, stigmas, and possible beliefs surrounding the topic, impact this use. Regarding the methodological construction, a qualitative approach was adopted based on ethnographic field research, using participant observation techniques and semi-structured interviews with different categories of social actors involved in the context, through which we sought to identify different learning processes and degrees of appropriation in this use. As a result, we found that the symbolic value of the smartphone for the elderly people of CRMPI varies, depending on the demanded need, the learning process for its use, and the type of activity performed. As a reflection, we highlight that the use of the equipment can contribute positively to healthy aging, depending on the appropriation process established, which may or may not contribute to the promotion of functional ability and autonomy of elderly users. However, we also found that despite the difficulties in carrying out specific tasks, most activities carried out using smartphones play a role in promoting healthy aging.

Keywords: elderly person; technology; smartphone; healthy aging; functional ability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Mulher idosa utilizando <i>smartphone</i>	capa
Figura 2 –	Caminho para otimizar a habilidade funcional	27
Figura 3 –	Tríade Teórica da Pesquisa	29
Figura 4 –	Os componentes do envelhecimento saudável	34
Figura 5 –	Destaque da Habilidade Funcional - Capacidade de Construir e manter relacionamentos	42
Figura 6 –	Fases 1 e 2 do caminho para otimizar a habilidade funcional da pessoa idosa através da capacidade de construir e manter relacionamentos	42
Figura 7 –	Destaque da Habilidade Funcional - Capacidade de aprender, desenvolver e tomar decisões	44
Figura 8 –	Fase 1 do caminho para otimizar a habilidade funcional da pessoa idosa através da capacidade de aprender, desenvolver e tomar decisões	45
Figura 9 –	Destaque da Habilidade Funcional - Capacidades de suprir as necessidades básicas, capacidade de mobilidade e capacidade de contribuir para a sociedade	46
Figura 10 –	Complexificação das necessidades das pessoas idosas em contexto digital (ciberespaço)	51
Figura 11 –	Complexificação das necessidades das pessoas idosas em contexto digital (ciberespaço), somando-se ao período de isolamento social	57
Figura 12 –	Equipamentos utilizados para acesso à internet entre os anos de 2016 e 2023	59
Figura 13 –	Crescimento do número de aparelhos celulares entre as faixas etárias de pessoas com mais de 10 anos de idade no Brasil entre os anos de 2022 e 2023	61
Figura 14 –	Número de pessoas com 10 anos ou mais de idade que acessaram à internet entre os anos de 2019 e 2013, no Brasil	61
Figura 15 –	Motivos pelos quais as pessoas idosas que não têm o telefone celular alegam não possuir o aparelho	63
Figura 16 –	Fachada do Centro de Referência Municipal da Pessoa Idosa (CRMPI), localizado na cidade de João Pessoa – PB	77

Figura 17 -	Algumas atividades realizadas com as pessoas idosas na Oficina da Memória, no CRMPI	81
Figura 18 -	Aula da Oficina da Memória no CRMPI	82
Figura 19 -	Pessoa idosa que faz uso de aparelho celular que não é um <i>smartphone</i>	83
Figura 20 -	Utilização do <i>smartphone</i> por pessoas idosas na Oficina da Memória (CRMPI)	83
Figura 21 -	Utilização do <i>smartphone</i> para ligações e intermediações de diálogos presenciais	84
Figura 22 -	Utilização de <i>smartphone</i> para confecção de fotografias	85
Figura 23 -	Grupo no aplicativo de mensagens Whatsapp mostrando a dinâmica do envio das fotos feitas durante aulas eventos	85
Figura 24 -	Ficha entregue às pessoas idosas para a escolha da Oficina que seria realizada pelo Centro para aprender uma determinada ação no <i>smartphone</i>	86
Figura 25 -	Oficina de Instagram promovida pelo CRMPI	87
Figura 26 -	Entrevistada Mandacaru	88
Figura 27 -	Entrevistada Palma	89
Figura 28 -	Entrevistada Macambira	90
Figura 29 -	Entrevistada Coroa-de-frade	91
Figura 30 -	Entrevistada Xique-xique	92
Figura 31 -	Entrevistada Carnaúba	93
Figura 32 -	Entrevistada Juazeiro	94
Figura 33 -	Entrevistada Facheiro	95
Figura 34 -	Entrevistada Umbuzeiro	96
Figura 35 -	Monitora tirando dúvidas de uma pessoa idosa durante a oficina de Instagram	101
Figura 36 -	Opinião de uma das pessoas idosas sobre a oficina de Instagram, demonstrando o interesse em aprender a fazer outra atividade	102

Figura 37 -	Opinião das pessoas idosas sobre a Oficina de Instagram reaalizada pelo CRMPI	102
Figura 38 -	Necessidades surgidas em períodos de antes, durante e após a pandemia do COvid-19	129

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMS	Assembleia Mundial de Saúde
CIPDHPI	Convenção Interamericana sobre Proteção dos Direitos Humanos das Pessoas Idosas
CF	Constituição Federal
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
COVID-19	<i>Coronavirus Disease</i>
CRMPI	Centro de Referência Municipal da Pessoa Idosa
EPI	Estatuto da Pessoa Idosa
FUNAD	Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
OPAS/OMS	Organização Pan-Americana de Saúde e Organização Mundial de Saúde
PARAIBAN	Banco do Estado da Paraíba
PMJP	Prefeitura Municipal de João Pessoa
PNDPI	Plano Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa
PNI	Política Nacional do Idoso
TBN	Taxa Bruta de Natalidade
TCE - PB	Tribunal de Contas do Estado da Paraíba
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	PANORAMA DO ENVELHECIMENTO	31
2.1	A PESSOA IDOSA EM SUAS RELAÇÕES COM A SOCIEDADE, COM A COMUNIDADE E COM A FAMÍLIA	36
2.1.1	Esforços da comunidade acadêmica para um envelhecimento saudável e o achado da importância das relações sociais	37
2.1.2	As relações sociais da pessoa idosa e suas necessidades	40
3	TECNOLOGIA NAS RELAÇÕES DA PESSOA IDOSA	50
3.1	O ARTEFATO DIGITAL: SMARTPHONE E SUA RELAÇÃO COM A PESSOA IDOSA	58
3.2	SMARTPHONE E O VALOR SIMBÓLICO PARA A PESSOA IDOSA	67
4	ESTUDO DE CASO: O VALOR SIMBÓLICO DO <i>SMARTPHONE</i> NO CENTRO DE REFERÊNCIA MUNICIPAL DA PESSOA IDOSA	77
4.1	FASE 01: EXPLORATÓRIA	78
4.2	FASE 02: TRABALHO DE CAMPO	78
4.2.1	Observação participante	81
4.2.2	Entrevistas semiestruturadas	87
4.3	FASE 03: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	98
4.3.1	O ente público e seus especialistas	107
4.3.2	As pessoas idosas: crença coletiva, opiniões individuais e inclusão digital	112
4.3.2.1	Refletindo sobre as necessidades que levam ao uso do <i>smartphone</i>	119
4.3.2.2	Formas de uso. <i>Smartphone</i> : mocinho ou bandido?	130

5	CONCLUSÃO	133
	REFERÊNCIAS	139
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA REALIZADA COM AS PESSOAS IDOSAS DO CRMPI	145
	APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA REALIZADA COM ASSISTENTES ADMINISTRATIVAS DO CRMPI	148
	APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) APRESENTADO AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	150
	ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO PRIMEIRA VERSÃO	153
	ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO SEGUNDA VERSÃO	160

1 INTRODUÇÃO

A velhice é uma fase natural da vida. Os seres humanos, assim como os demais seres vivos, envelhecem! Ao ser concebido, o corpo humano já começa a envelhecer. Segundo Papalia e Feldman (2013, p. 36), “desde o momento da concepção, tem início um processo de transformação que continuará até o final da vida”.

Nos contextos mundial e brasileiro, observar as questões que envolvem pessoas idosas e os aspectos que circundam o envelhecimento é extremamente necessário, se considerarmos os números da evolução populacional para as próximas décadas. A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e a Organização Mundial de Saúde (OMS) estimam que a população idosa no mundo, que no ano de 2020 já era pouco mais de 1 bilhão de pessoas - cerca de 13,5% da população mundial no mesmo ano, que somava 7,8 bilhões - chegue a 2,1 bilhões até 2050 (OPAS/OMS, 2022).

Os números no Brasil também indicam um efetivo crescimento da população idosa. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024d), em 2060 a população brasileira contará com quase 74 milhões de pessoas idosas, o que representará, segundo o Instituto, quase 35% da população do país. E de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2021), em 2100 40,30% da população brasileira será de pessoas idosas.

Em nosso país, alguns fatores impactam mais diretamente no crescimento da população idosa, como o aumento da expectativa de vida das pessoas, também chamada esperança de vida, e o processo de diminuição da taxa de natalidade brasileira. De acordo com o IBGE (2024b), houve um crescimento de quase 31 anos na expectativa de vida da população brasileira num período de 83 anos, passando 45,5, em 1940 a 76,4 anos, em 2023. Já com relação à taxa de natalidade, há uma diminuição no país, o que acontece de forma inversamente proporcional ao crescimento do número de pessoas idosas. De acordo com o IBGE (2024c), a Taxa Bruta de Natalidade (TBN) brasileira, que em 2010, era de 15,1% deve passar para 7,5% em 2070, prevendo-se uma projeção da diminuição de quase 50% em um período de sessenta anos. Ou seja, a quantidade de nascimentos vem diminuindo, ao passo que muitas pessoas estão vivendo mais.

Em função dos números no Brasil e no mundo, criar ações que cuidem do envelhecimento da população é uma preocupação global. No Brasil e em todo o mundo já existe há algum tempo leis e diretrizes que mostram a preocupação com o bem-estar da pessoa idosa. No entanto, observar mais a fundo as realidades desta parcela da população, com seus contextos específicos: social, cultural e econômico, é uma preocupação que surge recentemente. Uma iniciativa nacional - a elaboração e implementação do Plano Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa (Brasil, 2024), vem trabalhando com o objetivo de assegurar os direitos e a cidadania da pessoa idosa. Através desta iniciativa, procura-se entender melhor a vulnerabilidade deste público visando coibir a violação desses direitos.

Iniciativas globais também estão sendo desenvolvidas, como a parceria realizada entre a Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS) e Organização das Nações Unidas (ONU), que, através da Assembleia Mundial de Saúde (AMS), de 2016, criaram um plano de ação com o objetivo de potencializar as capacidades das pessoas idosas, utilizando para tal o conceito de envelhecimento saudável (OPAS/OMS, 2022). Isso se reflete na implementação da Década do Envelhecimento Saudável 2021-2030, que visa alinhar os esforços globais para se alcançar o envelhecimento saudável para todos.

A OPAS/OMS (2022, p. 8) define envelhecimento saudável como “processo de desenvolver e manter a habilidade funcional que permite o bem-estar na idade avançada”. Uma das ações importantes no caminho para se chegar a um envelhecimento saudável, segundo a OPAS/OMS (2022, p. 3) é “mudar a forma como pensamos, sentimos e agimos em relação à idade e ao envelhecimento”; para tanto, a sociedade como um todo precisa entender as reais necessidades das pessoas idosas no sentido de contribuir com essa mudança de pensamento e, com isso, proporcionar um envelhecimento saudável para todos.

Segundo a OPAS/OMS (2022) são necessárias ações conjuntas entre governo e sociedade civil em geral, destacando famílias, amigos, grupos sociais, além de profissionais, a academia e as próprias pessoas idosas, no sentido de promover o envelhecimento saudável da população mundial, através da criação de políticas públicas, da concepção e da implementação de serviços, da realização de pesquisas

acadêmicas e da participação das pessoas idosas sobre o que é necessário para que envelheçam de forma digna.

A academia tem um importante papel nesta dinâmica. Para que estigmas, estereótipos e preconceitos diante do ato de envelhecer sejam eliminados, faz-se necessário que se conheça e se discuta o assunto nos mais diversos âmbitos. A academia, como parte da sociedade que convive com a pessoa idosa e, servindo como parte desta comunidade dedicada prioritariamente à reflexão, aparece como um ente importante neste sentido, através da viabilização de pesquisas que possam ouvir pessoas idosas acerca de suas reais necessidades. Segundo a OPAS/OMS (2022), desde os preparativos para a Década do Envelhecimento Saudável, a participação social efetiva e o empoderamento das pessoas idosas têm sido marcados como preocupações centrais.

Pesquisas sobre envelhecimento não são novidade dentro da academia e já há algum tempo os estudos vem apontando para a importância de se considerar a contribuição de diferentes dimensões da realidade social para a promoção do envelhecimento saudável, destacando à necessidade de um olhar mais sistêmico sobre o envelhecer. De acordo com Geib (2012), a saúde das pessoas idosas é impactada pelo contexto social, que pode interferir no bem-estar, na independência funcional e na qualidade de vida dessas pessoas. Portanto, além de aspectos físicos e cognitivos, as questões sociais precisam ser levadas em consideração para que uma pessoa idosa possa ter um envelhecimento saudável. Papalia e Feldman (2013, p. 38) já indicam que aspectos físicos e cognitivos não podem ser dissociados dos aspectos psicossociais, para que uma pessoa idosa goze de um envelhecimento saudável, pois, de acordo com as autoras:

O desenvolvimento psicossocial pode afetar o funcionamento cognitivo e físico. De fato, sem conexões sociais significativas, a saúde física e mental terá problemas. [...] Inversamente, as capacidades física e cognitiva podem afetar o desenvolvimento psicossocial [...] (Papalia; Feldman, 2013, p. 38).

Dessa forma, olhar para o ambiente e as relações sociais que envolvem a pessoa idosa serão importantes aspectos para a existência de uma boa saúde. Questões como convívio social e sociabilidade, valorização da pessoa idosa em meio aos seus grupos sociais, o desenvolvimento ou a manutenção de uma autonomia financeira, de cultura, de educação, de formas de locomoção e de moradia, são fatores

que podem também influenciar na qualidade de vida de pessoas idosas, de acordo com o IBGE (2019).

Entender como se dão as relações das pessoas idosas em seus ciclos sociais - compostos por família, amigos e outros grupos aos quais pertençam - é essencial para a construção de conhecimentos sobre o envelhecimento saudável. Igualmente importante é compreender como essas relações impactam a vida e o envelhecimento das pessoas e as necessidades que surgem em função delas.

Apesar da infinidade de possibilidades, as pessoas idosas nem sempre conseguem estabelecer novas relações ou manter as já existentes. Essas barreiras podem ser físicas ou imateriais, ocorrendo tanto quando um ambiente não favorece a interação entre essas pessoas e seus grupos, quanto quando o preconceito afasta a sociedade delas.

De acordo com Leite, Cappellari e Sonego (2002), mesmo convivendo com familiares, muitas pessoas idosas se isolam e em muitos casos são privadas de qualquer poder de decisão dentro do núcleo familiar. Esse comportamento é resultado da crença de que a pessoa idosa é inútil e improdutiva, um preconceito que tem sua raiz na supervalorização atual da juventude, da beleza e da produtividade, que exclui essas pessoas, mesmo quando estão rodeadas por suas famílias.

A capacidade de construir e manter relacionamentos, segundo a OPAS/OMS (2022) é um dos domínios que compõem a habilidade funcional de uma pessoa idosa e que é parte do todo necessário para que se tenha um envelhecimento saudável. Outro aspecto importante no desenvolvimento da habilidade funcional da pessoa idosa é o desenvolvimento da capacidade de aprender, desenvolver e tomar decisões. Segundo a OPAS/OMS (2022), a implementação desta capacidade deve promover, através do crescimento mental, físico, social e emocional da pessoa idosa, a possibilidade de ter autonomia sobre suas decisões, para que com isso ela tenha a sensação de controle sobre sua própria vida.

Além das capacidades de construir e manter relacionamentos e a de aprender, desenvolver e tomar decisões, a habilidade funcional da pessoa idosa é composta por mais três domínios: a capacidade de suprir as necessidades básicas, de ter mobilidade e de contribuir para a sociedade.

É importante destacar que a implementação da habilidade funcional de uma pessoa idosa passa pela observação das características específicas de seus contextos social, cultural, econômico, entre outros, indicando o que a OPAS/OMS (2022) chama de abordagem centrada na pessoa e que visa compreender as reais necessidades de cada indivíduo para ter saúde e bem-estar. No entanto, pudemos observar nos últimos tempos que, além dessas especificidades, variáveis importantes como o cenário tecnológico, a pandemia e o isolamento social impactaram as vidas e as relações das pessoas idosas de várias maneiras (Romero *et al.*, 2021).

Com relação ao cenário tecnológico atual, as relações que antes eram físicas e já contavam com níveis de complexidades significativos, agora se apresentam cada vez mais complexas, em função da aparição de inovações tecnológicas em períodos cada vez menores, levando essa complexidade agora para o mundo digital. De acordo com Cardoso (2016), o mundo vem se modificando e sofrendo hoje as ações do contexto digital, complexificando-se econômica, política, social e culturalmente. Segundo o autor, com a difusão do contexto digital e virtual, o mundo que era real e concreto, muda, passando de uma realidade material a outra material-imaterial.

As pessoas idosas, como parte da sociedade afetada pela cultura digital, também vêm sofrendo com as mudanças culturais. A maneira como essas pessoas têm acesso a um ambiente digital e a reflexão sobre como este ambiente irá transformar as suas vidas em várias esferas, são importantes aspectos a serem observados para que se possa compreender esse novo processo de interação. É igualmente importante refletir sobre o caminho que esta cultura poderá tomar para atender às necessidades das pessoas idosas no sentido do envelhecimento saudável, uma vez que as relações sociais são um importante pilar da habilidade funcional da pessoa idosa, segundo a OPAS/OMS (2022).

De acordo com Santaella (2003), com a chegada da cultura digital e suas inovações relacionadas à comunicação, mudam as relações pessoais e sociais; e podem surgir outras maneiras de se comunicar e outras formas de relacionamentos provenientes do novo contexto, inexistentes quando se vivia em um cenário predominantemente analógico.

Assim como o contexto tecnológico, a pandemia do COVID-19 e o isolamento social vivido em decorrência dela, também foram elementos impactantes nas

relações das pessoas idosas e em suas atividades cotidianas. De acordo com Souza Filho (2023), as pessoas idosas foram bastante afetadas pelo processo de distanciamento/isolamento social, assim como toda a população mundial. No entanto, por terem sido à época, consideradas mais vulneráveis ao contágio pelo vírus que o restante da população, tiveram que restringir ainda mais o convívio, alterando significativamente suas rotinas. A OMS (2023) destaca que a COVID-19 teve um impacto negativo bastante desproporcional sobre a vida das pessoas idosas, com relação à mortalidade, renda, segurança alimentar e, além disso, interferindo na capacidade de estar ativo do ponto de vista físico e social.

Apesar de ter sido um período muito crítico para toda o mundo, onde tantas pessoas faleceram em virtude do COVID-19, não se pode negar que o período teve um papel importante para que estudos em todas as áreas fossem desenvolvidos, configurando-se uma janela de observação, na qual a intensidade dos acontecimentos proporcionou que muitos estudiosos olhassem de modo prospectivo para o período. Segundo Cardoso e Netto (2020) o contexto de distanciamento social foi bastante rico em subsídios de pesquisa. Os autores destacam que, durante o período pandêmico, os antropólogos “passaram a encarar todo esse processo como um campo vasto de pesquisa para alguns e reflexões para outros” (Cardoso; Netto, 2020, p. 227).

Olhar para as pessoas idosas foi inevitável diante do cenário de crescimento do público e da vulnerabilidade ao vírus. As necessidades de todas as pessoas e, em específico, das pessoas idosas, contariam com mais uma variável importante: o isolamento físico. De acordo com Souza Filho (2023), foi também um período no qual se exigiu que as pessoas idosas se inserissem no ambiente digital para conseguirem manter suas relações com familiares ou fazer compras por meio de aplicativos no *smartphone*, por exemplo.

Mesmo antes do período pandêmico, já se apresentava uma forte tendência da sociedade brasileira em direção ao uso de artefatos digitais, entre eles o *smartphone*, para o acesso à internet. De acordo com o IBGE (2024a), a utilização do aparelho, entre os brasileiros com 10 anos de idade ou mais, saiu de 94,8% em 2016, para 98,6% em 2019, ou seja, um aumento considerável se compararmos o período de 2016 a 2023, quando esse número passou a 98,8%.

O *smartphone*, definido por Torres (2018, p. 393) como um “celular que oferece recursos avançados similares aos de um notebook”, vem ganhando espaço entre a população brasileira pois, segundo Coutinho (2024), possui uma estrutura física que permite maior mobilidade. Entre o público idoso os números vêm aumentando. Segundo o IBGE (2024a), no período de um ano - de 2022 a 2023 -, a utilização de *smartphones* entre essas pessoas saiu de 73,7% para 76,1%, configurando um crescimento percentual maior do que a estabilidade percebida junto à faixa etária de 10 a 13 anos, que obteve 54,8% em 2022 e não variou em 2023.

Em um contexto digital no qual grande parte das atividades cotidianas é feita em um ambiente virtual, o *smartphone* aparece nesta equação como a ferramenta que pode viabilizar a execução de atividades relativas às necessidades das pessoas idosas; demandas que, se atendidas, podem ajudar a promover a habilidade funcional destas pessoas e, conseqüentemente, levar a um envelhecimento mais saudável.

Se uma pessoa idosa, inserida em um contexto de cultura digital, com suas necessidades específicas, contar não apenas com o artefato tecnológico, mas também com uma preparação para seu uso – seja com o apoio de familiares, amigos ou outros recursos -, terá mais possibilidade de se sentir socialmente incluída, independente e autônoma. De acordo com Ivorra *et al.* (2022), as relações com família e amigos podem ajudar a reduzir barreiras e dificuldades que a pessoa idosa pode ter no uso da tecnologia digital, pois, a interação intergeracional pode ajudar o público idoso a aprender sobre novos recursos, além de estimular o uso e a incorporação de artefatos tecnológicos em seu cotidiano.

É dever da sociedade como um todo observar as necessidades das pessoas idosas em todas as áreas de suas vidas, de acordo com a OPAS/OMS (2022). Portanto, entender quais são as suas demandas, quais delas podem impulsionar a utilização do *smartphone*, o que isso representa e de que forma impacta a vida dessas pessoas, é de extrema importância no sentido da busca pelo envelhecimento saudável para todos, pois, de acordo com Bernardo (2022, p. 1), “a infoinclusão pode contribuir para uma vida mais longa, digna e com qualidade”.

De acordo com Pires e Marques (2022), diversos podem ser os benefícios da inclusão digital na vida de uma pessoa idosa; entre eles: oferecer maior

independência para as atividades cotidianas, a possibilidade de manter a mente sempre em atividade, impactando positivamente na autoestima e na confiança, além de prover meios para evitar a solidão e a carência emocional e ainda, fazê-la se sentir mais útil e aceita pela sociedade.

Embora a participação das pessoas idosas no meio digital venha aumentando segundo o IBGE (2024a), estigmas e preconceitos ainda acompanham a grande maioria delas quando se fala da relação do público idoso com a tecnologia. De acordo com Bernardo (2022, p. 2), “[...] o idadismo direcionado à pessoa idosa configura-se como um obstáculo ao processo de inclusão digital”. Tal preconceito, baseado na crença na incapacidade das pessoas idosas para o uso da tecnologia parte não somente da sociedade, mas também, em muitos casos, das próprias pessoas idosas, o que influencia a forma com elas lidam com os artefatos digitais, mais especificamente, com *smartphones*.

A respeito dos citados temas – estigmas e preconceitos que acompanham os idosos na relação com tecnologias e, de modo geral, na relação com inovações, que chamam atenção para a força de certas construções simbólicas sobre a vida de pessoas em sociedade, penalizando em particular certos segmentos sociais – propomos um paralelo com dois autores centrais ao pensamento antropológico: Claude Lévi Strauss (1975) e Bronislaw Malinowski (1988). Ambos tratam em seus estudos etnográficos, de sociedades que nomeiam de primitivas ou tribais, às quais poderíamos chamar de ancestrais para uma compreensão mais contemporânea do tema. Referem-se àquelas que, embora contando com um tipo de organização social distinto do padrão das sociedades ocidentais atuais, lidam com operações simbólicas e sociais que guardam semelhanças para com essas últimas. Malinowski (1988) trata do que chama de ideias comuns ou ideias sociais, centrais à constituição daquelas sociedades, que regem ações e ritos na vida cotidiana das pessoas. Por sua vez, tratando do tema de feitiçaria, Lévi Strauss (1975) identifica essa categoria de ideias como crença, mais especificamente como crença na magia. De acordo com Lévi-Strauss (1975), a magia não acontece por si só; depende da crença de três categorias de atores sociais centrais ao fenômeno: a crença do próprio feiticeiro a respeito da efetividade de suas práticas mágicas; a crença da pessoa que está sendo submetida à magia por ação deste ator social – o feiticeiro; e, por último, a confiança coletiva sobre

a eficácia da magia. Portanto, para Claude Lévi-Strauss, para que haja a magia é necessário que as pessoas que compõem uma sociedade acreditem nela. Em uma sociedade onde tanto o Estado e seus operadores, quanto a comunidade em si e as próprias pessoas idosas, de forma individual, acreditam na ideia de que elas têm dificuldades com a tecnologia, isso se tornará, a nosso ver, uma crença social, ou uma magia, nos termos de Lévi-Strauss (1975).

De acordo com Malinowski (1988), as crenças que podem vir a existir em uma sociedade podem influenciar as ações das pessoas que compõem o grupo e orientar seus comportamentos individuais e em comunidade. O autor também destaca três grupos de pensamentos a respeito das crenças. Segundo Malinowski (1988), existem as opiniões dos especialistas, que são, no ponto de vista dos demais integrantes da sociedade, a visão mais ortodoxa da crença e, em função disso, podem influenciar grandemente as demais pessoas dentro de um grupo, muito embora essa ideia não reflita nem contemple todos os pontos de vista dentro da sociedade; as opiniões gerais, ou seja, das massas, que representam a visão comum ideologicamente disseminada entre a maioria das pessoas da comunidade; e as opiniões individuais, que refletem o que cada pessoa pensa individualmente acerca da crença.

Portanto, identificar os diversos pontos de vista a respeito de uma crença dentro de uma sociedade, na qual o contexto tecnológico atual injeta a tecnologia nas relações entre as pessoas, é importante para se entender até que ponto essa crença interfere no uso da tecnologia no cotidiano da comunidade e altera suas dinâmicas sociais. Além disso, é necessário perceber o que essa tecnologia provoca nas pessoas idosas, uma vez que por viabilizar certas atividades, o uso de artefatos tecnológicos pode colaborar no atendimento de necessidades específicas e, com isso, consequentemente, desenvolver suas habilidades funcionais. Neste sentido, observamos a importância de entender o que a própria pessoa idosa pensa a respeito da sua relação com a tecnologia e o que simbolicamente representa para ela usar tecnologias digitais e, ademais, entender o que os grupos sociais que circundam essa pessoa pensam a respeito, pois ambos os pontos de vista vão ajudar a compreender até que ponto uma crença social pode impactar no aprendizado e no uso efetivo das tecnologias digitais por pessoas idosas, visando atender suas necessidades e, com isso,

desenvolver suas habilidades funcionais em prol de um processo de envelhecimento saudável.

Nossa hipótese inicial sustentava que o valor simbólico do *smartphone* para os idosos atendidos pelo Centro de Referência Municipal da Pessoa Idosa (CRMPI) teria se alterado fortemente em função da associação com a necessidade de preservar a sociabilidade e a comunicação com familiares, amigos e outras redes de relacionamento, durante o período da pandemia. Apesar das dificuldades enfrentadas, acreditávamos que essa situação abriria uma brecha sociocultural, favorecendo a aceitação e o uso do dispositivo, ainda que de forma especificamente relacionada ao contexto do distanciamento social.

No entanto, o desenvolvimento da pesquisa revelou que as necessidades apontadas pelas pessoas idosas entrevistadas não se restringiram somente ao período pandêmico. Muitas dessas demandas já estavam presentes antes mesmo do início das dificuldades impostas pela pandemia de COVID-19, estando mais frequentemente associadas a eventos específicos em suas trajetórias de vida que à citada pandemia.

Assim, durante a realização do trabalho de campo, outro interesse surgiu: a inquietação a respeito da contribuição do *smartphone* ao envelhecimento saudável para a população idosa, independentemente de período específico em que foi realizado o estudo. Diante dessa mudança de perspectiva, uma nova questão foi instituída: se o *smartphone* contribui ou não para o envelhecimento saudável da população idosa no CRMPI.

Com esta nova ideia, a pesquisa objetivou investigar se as transformações recentes no valor simbólico atribuído ao uso do *smartphone* por um grupo de pessoas idosas atendidas pelo Centro de Referência Municipal da Pessoa Idosa, em João Pessoa, Paraíba, contribuíram na direção do envelhecimento saudável (ou não). Em função disso, tivemos como objetivos específicos:

- Analisar como a crença social de que pessoas idosas enfrentam dificuldades no uso de *smartphones* impacta o aprendizado e a utilização deste artefato tecnológico, bem como, avaliar até que ponto essa percepção influencia, de forma positiva ou negativa, a vida de pessoas idosas no contexto do CRMPI, em João Pessoa – PB;

- Identificar as reais necessidades das pessoas idosas atendidas pelo CRMPI em relação ao uso do *smartphone*, investigando as motivações para o aprendizado e a adoção do aparelho, incluindo a possível influência do período de distanciamento/isolamento social causado pela COVID-19;
- Comparar as perspectivas de diferentes grupos sociais sobre a relação das pessoas idosas com o *smartphone*, com o objetivo de avaliar se as políticas do Estado, representado pelo CRMPI, compreende e atende às reais necessidades dos idosos que frequentam o espaço;
- Investigar como diferentes grupos sociais podem influenciar a relação das pessoas idosas com o *smartphone*, contribuindo ativamente para sua inclusão digital por meio de orientações e instruções práticas;
- Analisar como o uso do *smartphone* influencia o desenvolvimento das habilidades funcionais das pessoas idosas, avaliando sua contribuição para a promoção de um envelhecimento saudável.

Assim, a discussão objetivada não se refere especificamente à interface do aparelho, não se restringindo às reflexões sobre se ela é ou não de fácil utilização pelo idoso; ou seja, não tem como objeto a interação ergonômica da pessoa idosa com o *smartphone* e seus métodos específicos de investigação. Essa pesquisa se coloca ao desafio de diagnosticar como pessoas idosas se sentem frente a essa tecnologia, tendo como cenário seus contextos específicos de vivência - social, cultural, econômico, suas crenças - e ainda, a experiência deste público com o tema em um período de distanciamento/isolamento social que, apesar de não ter sido a única variável nesta relação, constituiu fator importante na forma como este público utilizou, no citado contexto, esta tecnologia. Ao final, trouxemos reflexões que, esperamos, sejam úteis aos profissionais dedicados a projetar artefatos em sua essência inclusivos, portanto, concebidos para atender às necessidades de pessoas idosas.

Quanto às metodologias utilizadas, esta pesquisa apresenta abordagem qualitativa, tal como definida pela socióloga brasileira dedicada à pesquisa na área da saúde, Maria Cecília Minayo (2009). Buscamos, portanto, uma perspectiva intersubjetiva quanto à construção dos dados de natureza sociocultural em torno das principais necessidades e dos impactos causados pelo uso do *smartphone* entre pessoas idosas. Foram considerados, além do período do distanciamento social pela

pandemia de COVID-19, as menções a períodos importantes das vidas dos pesquisados destacadas durante as entrevistas, que serão abordadas mais à frente.

O estudo se orientou pela ideia de que o valor simbólico do *smartphone* para pessoas idosas tenha se transformado - no sentido do aprendizado obtido ou não -, diante do aparecimento de necessidades de independência, autonomia e socialização surgidas em diferentes contextos individuais e condições tecnológicas específicas em que vivem as pessoas estudadas.

Dentre o grande leque de abordagens que se enquadram na visão qualitativa, esta pesquisa utilizou a etnografia, baseada nas estratégias propostas pelo antropólogo Bronislaw Malinowski (1988), já que fizemos uso intensivo do trabalho de campo, através do qual se construiu um conjunto de dados voltados ao entendimento dos contextos específicos de vida de representantes de um segmento social e etário frequentemente submetido a processos de exclusão - abordagem que é frequentemente invisibilizada em propostas projetuais de design. Em síntese, corroborando com o que orienta a OPAS/OMS (2022), através da abordagem etnográfica, buscamos cotejar a pessoa idosa enquanto alteridade e enquanto segmento cujas necessidades diferenciadas precisam ser contempladas em prol de um processo de envelhecimento saudável para todos. Esta pesquisa se insere nas fases 1 e 2 do caminho para otimizar a habilidade funcional da pessoa idosa, conforme pode ser visto na figura 2, no sentido de identificar as necessidades das pessoas idosas com relação ao uso de tecnologia digital, mais especificamente, o uso do *smartphone*, identificando também as iniciativas que já vem sendo realizadas.

Figura 2 – Caminho para otimizar a habilidade funcional



Fonte: A autora, adaptado de OPAS/OMS (2022). ¹

¹ Adaptação feita a partir de imagem extraída do Relatório de Linha de Base – Década do Envelhecimento Saudável (OPAS/OMS). Disponível em <https://iris.paho.org/handle/10665.2/56991>. Acesso em 18 set. 2024.

A abordagem etnográfica objetivada nesta pesquisa tem base na Antropologia Social e se realizou através das técnicas de observação participante e entrevistas semiestruturadas. No caso deste estudo, como ferramenta para integração inicial com os pesquisados foram realizadas observações durante a Oficina da Memória (atividade promovida rotineiramente pela instituição CRMPI, em João Pessoa – PB). A escolha dessa estratégia se pautou pela ideia de um estudo imersivo, com o intuito de compreender comportamentos sociais e culturais de uma comunidade de pessoas idosas que, como toda a sociedade, vem sendo impactadas pelas mudanças trazidas pela cultura digital e pela utilização do *smartphone* em suas necessidades cotidianas, processo intensificado no quadro pandêmico.

Antes das interações com os pesquisados, a pesquisa foi apresentada ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e devidamente aprovada, conforme Anexo B.

O corpus empírico do estudo foi, portanto, constituído através das estratégias de observação participante e entrevistas semiestruturadas. A pesquisa foi organizada em 3 etapas distintas, de acordo com a orientação de Minayo (2009) e conforme pode ser observado no quadro 1: 1) Exploratória; 2) Pesquisa de campo; 3) Análise e Tratamento do material documental e de campo.

Quadro 1 – Etapas metodológicas da pesquisa utilizada



Fonte: A autora, adaptado de Minayo (2009).

As técnicas empregadas na pesquisa foram organizadas conforme explicitado no quadro 2:

Quadro 2 – Etapas metodológicas e ferramentas utilizadas no estudo

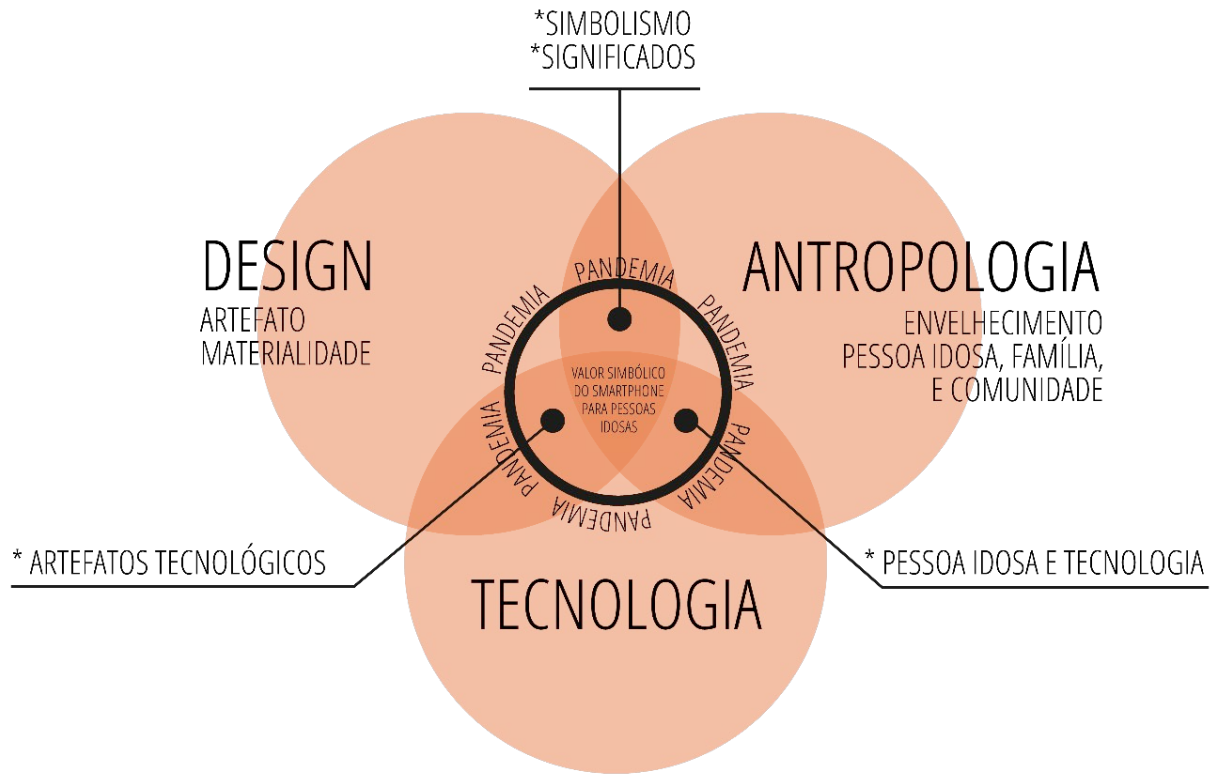
FASES DA PESQUISA	MÉTODO / MODELO TÉCNICA / FERRAMENTA
FASE 1 - EXPLORATÓRIA 1	Pesquisa Bibliográfica Busca pelo Estado da Arte (teses,dissertações, livros, artigos, etc)
FASE 2 - TRABALHO DE CAMPO 2	Observação Participante Entrevista Semi-estuturada
FASE 3 - ANÁLISE E TRATAMENTO DO MATERIAL EMPÍRICO E DOCUMENTAL 3	Análise de Conteúdo utilizando interpretação de sentidos e olhar etnográfico

ETNOGRAFIA

Fonte: A autora (2023).

Quanto à estrutura, a pesquisa conta com um arcabouço teórico que utiliza bases de três áreas distintas: Design, Tecnologia e Antropologia; e das interseções geradas entre essas áreas, conforme figura 3.

Figura 3 – Tríade Teórica da Pesquisa



Fonte: A autora (2023).

A dissertação está estruturada em cinco capítulos. O primeiro refere-se à Introdução, na qual, além da abordagem do tema e da justificativa, foram apresentados também o problema de pesquisa, a hipótese/pergunta a ser respondida pelo estudo, bem como os objetivos buscados, as estratégias metodológicas, além da síntese dos capítulos desenvolvidos.

O segundo capítulo está estruturado em duas partes. A primeira oferece um panorama do envelhecimento no Brasil e no mundo, abordando não apenas os dados demográficos, mas também as iniciativas e políticas públicas voltadas a promover o envelhecimento saudável. Já a segunda parte discute as interações da pessoa idosa com a sociedade, explorando suas relações com diferentes grupos sociais e a responsabilidade desses grupos em reconhecer e atender as necessidades dos idosos, de modo a contribuir para uma experiência de envelhecimento saudável e plena.

O terceiro capítulo também está dividido em duas partes. A primeira analisa a tecnologia digital e seu impacto sobre as relações sociais e traz reflexões sobre as transformações trazidas pela internet e pelos dispositivos digitais, especialmente o *smartphone*. A segunda parte explora o significado simbólico do *smartphone*, considerando o uso que dele fazem as pessoas idosas.

O quarto capítulo apresenta o desenvolvimento da pesquisa empírica, detalhando a execução das etapas metodológicas, com destaque para o trabalho de campo e as análises realizadas a partir dos dados coletados.

Já o quinto capítulo é dedicado à conclusão, trazendo reflexões fundamentadas nos resultados a partir das análises ao longo do estudo.

2 PANORANA DO ENVELHECIMENTO

A velhice é uma etapa natural e inevitável da vida. Assim como ocorre com outros seres vivos, o processo de envelhecimento humano inicia-se desde a concepção, refletindo a contínua transformação do corpo ao longo do tempo. Segundo Papalia e Feldman (2013, p. 36), “desde o momento da concepção, tem início um processo de transformação que continuará até o final da vida”.

Apesar de não se conseguir precisar a divisão em faixas de idade para se demarcar o fim de uma fase e o início de outra na vida de uma pessoa, de acordo com Papalia e Feldman, (2013), e dos declínios inevitáveis do envelhecimento acontecerem mais cedo para umas pessoas e mais tarde para outras (OPAS/OMS, 2022), de acordo com a Lei nº 10.741 (2003) - Estatuto da Pessoa Idosa (Brasil, 2003) e com a Lei nº 8842 (1994) - Política Nacional do Idoso (Brasil, 1994) - em nosso país é considerada idosa toda pessoa que tenha idade igual ou superior a 60 anos.

Nos cenários global e brasileiro, é essencial analisar as questões relacionadas às pessoas idosas e aos aspectos que envolvem o envelhecimento, especialmente considerando as projeções para as próximas décadas. A Organização Pan-Americana da Saúde e a Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS) estimam que, em 2020, a população idosa mundial já ultrapassava 1 bilhão, correspondendo a cerca de 13,5% da população global, que era de 7,8 bilhões de indivíduos à época. Segundo essas organizações, esse número deve alcançar 2,1 bilhões até 2050 (OPAS/OMS, 2022).

No Brasil, as projeções também indicam um aumento significativo da população idosa. Dados do IBGE (2024d) apontam que, em 2060, o país terá cerca de 74 milhões de pessoas idosas, representando quase 35% da população brasileira. Além disso, segundo o IPEA (2021), em 2100, aproximadamente 40,3% da população do Brasil será composta por idosos.

Esse crescimento no número de pessoas idosas no Brasil está diretamente relacionado a fatores como o aumento da expectativa de vida, também conhecida como esperança de vida, e à redução das taxas de natalidade no país.

De acordo com Minayo e Coimbra Jr. (2002, p. 12):

O Brasil dobrou o nível de esperança de vida ao nascer em relativamente poucas décadas, numa velocidade muito maior que os países europeus, os quais levaram cerca de 140 anos para envelhecer. Para se ter ideia do que isso significa, a esperança de vida ao nascer dos brasileiros era de 33,7 anos em 1900; 43, em 1950; 65, em 1990; chega quase a 70 anos na entrada do

novo século; e prevê-se que ultrapasse os 75 anos em 2025. De 1950 a 2025 terá crescido 15 vezes, quando o restante da população terá conseguido um incremento de 5 vezes.

De acordo com o IBGE (2024b), houve um crescimento de quase 31 anos na expectativa de vida da população brasileira num período de 83 anos, passando 45,5, em 1940 a 76,4 anos, em 2023.

Já com relação à taxa de natalidade, há uma diminuição no país, que acontece de forma inversamente proporcional ao crescimento do número de pessoas idosas. De acordo com o IBGE (2024b), a Taxa Bruta de Natalidade (TBN) brasileira, que em 2010 era de 15,1%, deve passar para 7,5% em 2070, prevendo-se uma projeção da diminuição de quase 50% em um período de sessenta anos. Ou seja, a quantidade de nascimentos vem diminuindo, ao passo que muitas pessoas estão vivendo mais. Se um número menor de pessoas nasce e aquelas que estão vivas vivem por mais tempo, a tendência da população é de se tornar cada vez mais idosa.

Em função do crescimento da população idosa no Brasil e no mundo, criar ações que cuidem do envelhecimento da população é uma preocupação global. A OPAS/OMS ressalta a importância de tratar os novos desafios que surgem em função do aumento da expectativa de vida no âmbito mundial.

[...] ganhar mais anos de vida pode ter prós e contras, se não for acompanhado por somar mais vida aos anos. Com as taxas de natalidade diminuindo e pessoas tendo uma vida mais longa, são necessárias liderança e inovação, em todos os níveis e todos os setores, para compreender os dividendos da longevidade e assegurar que esses benefícios sejam experimentados equitativamente dentro dos países e entre eles (OPAS/OMS, 2022, p. VI).

O discurso da ONU (2023), cuja ação na área de saúde nas Américas se faz através dos seus setores específicos - OPAS/OMS - tem se orientado na seguinte direção: a necessidade de garantir que os anos extras que as pessoas têm a viver sejam contemplados com boa saúde, bem-estar, além da garantia dos seus direitos humanos e de sua dignidade.

No cenário nacional, o Estatuto da Pessoa Idosa prevê em seu Artigo 2º que:

A pessoa idosa goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, [...] assegurando-se-lhe, [...] todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (Brasil, 2003).

Ainda com relação ao cenário brasileiro, embora diante das possíveis diferenças sociais, culturais, econômicas, entre outras que podem existir no país, a PNI (1994) já previa, desde a década de 90, em seu Artigo 1º a intenção de assegurar a todas as pessoas idosas seus direitos sociais através da criação de “condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade” (Brasil, 1994). Ou seja, independente de quem é a pessoa idosa e quais os seus contextos específicos - social, cultural, econômico, ou qualquer outro - lhes é garantido o direito de ter condições de autonomia e de ser integrada à sociedade.

O Brasil também participou no desenvolvimento da Convenção Interamericana sobre Proteção dos Direitos Humanos das Pessoas Idosas (CIPDHPI) assinada em 2015, na qual, juntamente com outras nações da América Latina, firmou o compromisso de garantir os Direitos Humanos da pessoa idosa ao nível interamericano. Apesar de ter sido o primeiro país a assinar a convenção e continuar seguindo na mesma direção do documento, a ratificação, assinada por vários países parceiros, ainda aguarda aprovação no Congresso Brasileiro para que seja incorporada às leis do país (Brasil, 2024a).

Uma iniciativa nacional mais recente vem trabalhando na elaboração e implementação do Plano Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa (PNDPI) (Brasil, 2024b), com o objetivo de assegurar os direitos e a cidadania da pessoa idosa, procurando entender melhor a vulnerabilidade do público e visando coibir a violação desses direitos. Para tanto, esse plano visa trabalhar em eixos relacionados à:

I. Proteção à vida e à saúde integral; II. Ampliação e garantia dos direitos sociais; III. Participação social, protagonismo e vida comunitária; IV. Proteção contra quaisquer formas de violência, abandono social e familiar; e V. Aperfeiçoamento da Política Nacional do Idoso e dos demais instrumentos normativos (Brasil, 2024b).

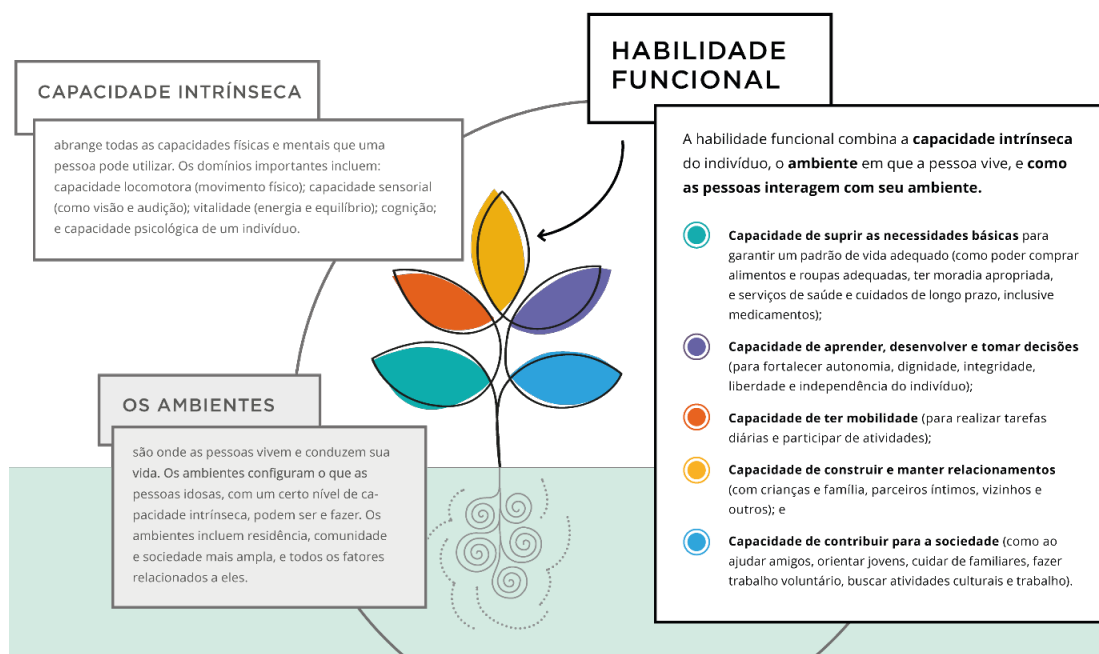
Estratégias globais estão acontecendo com o objetivo de melhorar as condições de sobrevida além da expectativa, para as pessoas que estão vivendo mais. A Organização Mundial de Saúde (OMS), através da Assembleia Mundial de Saúde, de 2016, criou um plano de ação com o objetivo de potencializar as capacidades das pessoas idosas, utilizando para tal o conceito de envelhecimento saudável (OPAS/OMS, 2022). Isso se reflete na implementação da Década do Envelhecimento Saudável 2021-2030, uma proposta conjunta da OMS e da ONU visando alinhar os

esforços globais para se alcançar o envelhecimento saudável para todos e, para isso, atuando em quatro frentes:

[...] mudar a forma como pensamos, sentimos e agimos em relação à idade e ao envelhecimento; garantir que comunidades promovam as capacidades das pessoas idosas; entregar serviços de cuidados integrados e de atenção primária em saúde centrados na pessoa e adequados às pessoas idosas; e propiciar acesso a cuidados de longo prazo às pessoas idosas que necessitem (OPAS/OMS, 2022, p. VI).

De acordo com a OPAS/OMS (2022, p. 8), através do Relatório de Linha de Base, publicado como forma de balizar a situação inicial da década, o envelhecimento saudável seria “o processo de desenvolver e manter a habilidade funcional que permite o bem-estar na idade avançada”. Por sua vez, o conceito de habilidade funcional de cada pessoa seria o conjunto formado por suas capacidades físicas e mentais: a chamada capacidade intrínseca, pelo ambiente onde se encontra e pela forma como a pessoa idosa se relaciona com ele, conforme figura 4. Segundo a OPAS/OMS (2022, p. XII), “a otimização da habilidade funcional é essencial para o envelhecimento saudável”. Ela proporciona às pessoas idosas a oportunidade de ser e de fazer o que valorizam (OPAS/OMS, 2022).

Figura 4 – Os componentes do envelhecimento saudável



Fonte: A autora, adaptado de OPAS/OMS (2022).²

² Adaptação feita pela autora a partir de imagem extraída do Relatório de Linha de Base – Década do Envelhecimento Saudável (OPAS/OMS). Disponível em <https://iris.paho.org/handle/10665.2/56991>. Acesso em 18 set. 2024.

Cinco domínios distintos formam a habilidade funcional do indivíduo e cada um deles consiste em um conjunto específico composto por capacidades físicas e mentais e por interações específicas da pessoa idosa com o ambiente.

Os domínios importantes se referem às capacidades das pessoas de: 1. ter suas necessidades básicas atendidas para garantir um padrão de vida adequado (como poder comprar alimentos adequados, roupas, ter moradia apropriada, e serviços de saúde e cuidados de longo prazo, inclusive medicamentos); 2. aprender, desenvolver e tomar decisões (para fortalecer autonomia, dignidade, integridade, liberdade e independência da pessoa); 3. ter mobilidade (para realizar as tarefas diárias e participar de atividades); 4. construir e manter relacionamentos (com crianças e família, parceiros íntimos, vizinhos e outros); e 5. contribuir para a sociedade (como ajudar amigos, orientar jovens, cuidar de familiares, fazer trabalho voluntário, buscar atividades culturais, e trabalhar) (OPAS/OMS, 2022, p. 12).

Como o conceito de habilidade funcional é bastante amplo, cada um desses domínios será responsável por uma parte das ações necessárias para se chegar ao objetivo do envelhecimento saudável da população mundial. Ações que possam ajudar no desenvolvimento físico e mental da pessoa idosa, na questão de sua postura diante do mundo e da sociedade e, também ações que possam transformar a sociedade global para receber melhor as pessoas idosas são importantes nesse sentido. Ou seja, a habilidade funcional vai muito além de promover a pessoa idosa em sua individualidade, mas sim, inseri-la em um contexto que possa proporcionar a ela o necessário para envelhecer bem.

É necessário, além do desenvolvimento da capacidade intrínseca, a melhoria dos ambientes para que as relações da pessoa idosa com os diversos ambientes em que convive sejam cada vez melhores e possam vir a promover um processo de envelhecimento saudável.

Como já citado, a capacidade intrínseca é composta pelas capacidades físicas e mentais de uma pessoa. São elas: “1. capacidade locomotora (movimento físico); 2. capacidade sensorial (como visão e audição); 3. vitalidade (energia e equilíbrio); 4. cognição; e 5. capacidade psicológica” (OPAS/OMS, 2022, p. 13).

Já os ambientes, ainda de acordo com a OPAS/OMS (2022), são todos aqueles onde a pessoa idosa com algum nível de capacidade intrínseca interage durante a vida, como por exemplo: residência, comunidade e sociedade geral. Os recursos do ambiente moldam a forma como a pessoa idosa interage com ele, impactando positivamente ou negativamente sua autonomia e bem-estar.

Cinco domínios compõem as formas de interação da pessoa idosa com os ambientes:

1. produtos, equipamentos e tecnologia que facilitam movimento, visão, memória e funções diárias; 2. as áreas naturais ou edificadas; 3. apoio emocional, assistência e relacionamentos propiciados por outras pessoas e animais; 4. atitudes (pois influenciam comportamento, tanto negativa como positivamente); e de modo mais amplo 5. serviços, sistemas e políticas que podem ou não contribuir para melhor funcionalidade em idade mais avançada (OPAS/OMS, 2022, p. 13).

Segundo a OPAS/OMS (2022, p. 8) são necessárias ações conjuntas e “colaboração entre governo e atores não governamentais, incluindo projetistas de serviços, provedores de serviços, acadêmicos e as próprias pessoas idosas”, no intuito de promover a viabilidade tanto das capacidades físicas e mentais das pessoas idosas, quanto da melhoria dos recursos de interação com o ambiente.

Para tanto, a criação de políticas públicas, a concepção e a implementação de serviços, a realização de pesquisas acadêmicas e a participação das pessoas idosas nas decisões sobre o que é necessário para que envelheçam de forma digna é de extrema importância.

2.1 A PESSOA IDOSA EM SUAS RELAÇÕES COM A SOCIEDADE, COM A COMUNIDADE E COM A FAMÍLIA

De acordo com a OPAS/OMS (2022) não só as capacidades físicas e mentais da pessoa devem ser desenvolvidas; é necessário o engajamento de entes, sejam governamentais ou não, para que promovam um ambiente digno de receber as pessoas idosas para que possam ter um envelhecimento saudável. Uma das ações previstas na Década do Envelhecimento Saudável, segundo a OPAS/OMS (2022, p. 3) é “mudar a forma como pensamos, sentimos e agimos em relação à idade e ao envelhecimento”.

Para Simone de Beauvoir (1970/2018), filósofa, feminista e ativista social dos anos 70, o termo *velhice* carrega consigo um estigma negativo. Segundo a autora, o tema causa estranheza às pessoas, pois há uma tendência em evitar os aspectos da natureza humana que elas consideram desagradáveis. “Para a sociedade, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar” (Beauvoir, 1970/2018).

De acordo com Magalhães *et al.* (2010), estudos do final do século XX ao início do atual mostram que a percepção da pessoa idosa nas décadas de 50, 60, 70 e 80 era bastante negativa e enfatizava basicamente a deterioração do corpo e a perda das capacidades físicas e mentais. Segundo o autor e as autoras, a mudança ocorre a partir da década de 90, quando o assunto começa a ser discutido e começam a ser percebidas características menos negativas do envelhecimento.

Apesar de um progresso discreto, o pensamento de Beauvoir (1970/2018), da década de 70, ainda se reflete nos dias de hoje. Os termos *velhice*, *velho/velha* e *envelhecimento* ainda remetem a algo que deprecia a existência humana, como se envelhecer não fosse considerado pelas pessoas no contexto atual. O preconceito contra o envelhecimento ainda está presente nos discursos, seja de pessoas ou seja de pessoas com menos ou com mais de 60 anos. Segundo, Castro (2015, p. 4):

[...] no conjunto de signos sociais em circulação a velhice costuma ser mais comumente definida em termos de seu contrário como perda do vigor da juventude. Assim, configura-se no imaginário como um estágio de decadência, vulnerabilidade e risco. No senso comum, a progressiva fragilidade que acompanha a senescência assusta mais do que a morte propriamente dita, apesar do horror que nos provoca acerca-nos de nossa própria finitude.

A existência de um pensamento preconceituoso pode ser bastante preocupante uma vez que esse olhar da sociedade pode gerar uma invisibilidade da pessoa idosa. Para se conseguir observar as reais necessidades dessas pessoas, é necessário que a os grupos sociais se livrem dessa lente manchada de pré-julgamentos com relação ao envelhecimento, pois, de acordo com a OPAS/OMS (2022, p. 9):

Estereótipo (como pensamos), preconceito (como sentimos), e discriminação (como agimos) em relação às pessoas com base em sua idade – denominado idadismo – afeta as pessoas de todas as idades, mas tem efeitos particularmente deletérios para a saúde e bem-estar das pessoas idosas.

2.1.1 Esforços da comunidade acadêmica para um envelhecimento saudável e o achado da importância das relações sociais

Para eliminar estigmas, estereótipos e preconceitos relacionados ao envelhecimento, é fundamental que o tema seja amplamente conhecido e debatido em diferentes contextos. Nesse processo, a academia desempenha um papel crucial já que faz parte da comunidade que deveria acolher as pessoas idosas. Sua

contribuição se dá principalmente por meio da promoção de pesquisas que permitam ouvir as pessoas idosas e compreender suas reais necessidades, contribuindo para um envelhecimento saudável da sociedade. De acordo com a OPAS/OMS (2022), desde o início da preparação para a Década do Envelhecimento Saudável, a participação ativa e o empoderamento das pessoas idosas já figuravam como preocupações centrais.

Colocar a experiência de mulheres e homens idosos no centro é a única maneira para acelerar a ação. A mudança transformadora não pode acontecer sem conhecimentos especializados e experiência das centenas de milhões de pessoas idosas em cada região do mundo (OPAS/OMS, 2022, p. 3).

Pesquisas sobre envelhecimento não são novidade dentro da academia e já há algum tempo os estudos vêm apontando para a importância das relações sociais no processo de envelhecimento saudável, indicando a necessidade de uma visão mais sistêmica do tema. De acordo com Geib (2012), a saúde das pessoas idosas é impactada pelo contexto social, que pode interferir no bem-estar, na independência funcional e na qualidade de vida dessas pessoas.

Portanto, além de aspectos físicos e cognitivos, as questões sociais precisam ser levadas em consideração para que pessoas idosas possam ter envelhecimento saudável. Olhar para o ambiente e as relações sociais que envolvem a pessoa idosa serão, sempre importantes aspectos para a existência de uma boa saúde coletiva. Questões como convívio social e sociabilidade, valorização da pessoa idosa em meio aos seus grupos sociais, o desenvolvimento ou a manutenção de uma autonomia financeira, de cultura, de educação, de formas de locomoção e moradia, são fatores que podem também influenciar na qualidade de vida de uma pessoa idosa, de acordo com o IBGE (2019).

É importante que haja o estudo sistêmico dos aspectos físicos, cognitivos e psicossociais presentes nos diferentes contextos de vivência e amadurecimento das pessoas, pois as transformações que acontecem no corpo e na mente servirão como fatores impactantes na forma como um indivíduo se insere e atua na sociedade. Ou seja, os fatores sociais que cercam a vida de uma pessoa poderão influenciar fortemente as condições físicas e/ou cognitivos e, conseqüentemente, as possibilidades de interação social. Portanto, pesquisas não apenas sobre o

envelhecimento físico, mas que envolvam o que as pessoas idosas pensam, sentem e necessitam, são fundamentais no caminho do envelhecimento saudável.

De acordo com Papalia e Feldman (2013, p. 42), “seres humanos são seres sociais”. Ou seja, as interações sociais, as conexões estabelecidas e os ambientes frequentados por um indivíduo, como trabalho, escola ou outros locais de convivência, podem influenciar significativamente seus aspectos físicos e cognitivos. Daí o potencial do aspecto psicossocial até nas atividades consideradas mais básicas do desenvolvimento humano. Ainda de acordo com as autoras, a necessidade da sociabilidade na vida de uma pessoa aparece desde a infância, quando um bebê nasce e precisa de cuidados para que consiga sobreviver até as influências que os entes exercem sobre a vida de uma pessoa idosa em família - lugar que habitualmente é o primeiro grupo social do qual uma pessoa faz parte. Por isso, analisar, além da saúde física, aspectos mais subjetivos como sentimentos, sensações, comportamentos e o contexto social e cultural é fundamental para o entendimento mais efetivo do processo de envelhecimento.

Diane E. Papalia e Ruth Duskin Feldman são psicóloga e educadora, respectivamente, e ambas atuam na área do Desenvolvimento Humano, bastante explorada pelos estudos de saúde nos últimos tempos. Papalia, além de membro da Sociedade Americana de Gerontologia, tem interesse na inteligência durante a velhice. Apesar da atuação das autoras em ambientes basicamente voltados aos estudos em saúde, a mudança de paradigmas com relação à forma de abordagem sistêmica dos fatores que influenciam o processo de envelhecimento demonstra uma possível mudança de direção na abordagem sobre o assunto.

O desenvolvimento humano, que é uma das áreas que vem se interessando pelo assunto, atuando de forma interdisciplinar, e vem trazendo avanços acadêmicos quando se fala em termos de envelhecimento. Os estudos desse campo vêm abordando as diversas fases do desenvolvimento das pessoas, atentando às particularidades de cada uma delas e observando, além dos aspectos físicos e cognitivos, também os psicossociais e a interação sistemática entre eles.

Papalia e Feldman (2013) exploram três aspectos principais para entender as características que mudarão ao longo da vida de uma pessoa, do nascimento à velhice: 1) aspectos físicos, aqueles que dão ênfase aos estudos sobre o

desenvolvimento do corpo e do cérebro, às capacidades sensoriais e também às habilidades motoras; 2) aspectos cognitivos, aqueles que dizem respeito à linguagem, ao pensamento, à criatividade, ao raciocínio, que avaliam formas de aprendizado e capacidade de memória e atenção; 3) aspectos psicossociais, que tem foco na forma como o indivíduo desenvolve sua personalidade, lida com suas emoções, a forma como articula sua convivência em sociedade e as implicações disso em sua vida. Tais aspectos não podem ser desassociados e esse sistema deve ser analisado de forma unificada para que se possa entender como acontece o processo de envelhecimento. Isso porque um influencia diretamente nos demais.

O desenvolvimento psicossocial pode afetar o funcionamento cognitivo e físico. De fato, sem conexões sociais significativas, a saúde física e mental terá problemas. [...] Inversamente, as capacidades física e cognitiva podem afetar o desenvolvimento psicossocial [...] (Papalia; Feldman, 2013, p. 38).

O aspecto psicossocial é tão importante para se avaliar o processo de desenvolvimento/envelhecimento quanto os demais. A convivência com outras pessoas e as relações mantidas entre os indivíduos servirão para manter a qualidade de vida da pessoa idosa.

Em outras palavras, é importante que questões físicas, cognitivas e de âmbito social possam ter o mesmo peso, com o propósito de atender às necessidades das pessoas idosas e promover mudança na perspectiva sobre elas. Essa visão se aproxima das formulações de pesquisadores sociais acerca da pessoa idosa. De acordo Bosi (2003), é fundamental a realização de estudos que favoreçam uma dimensão relacional - conectando pessoas e comunidade, considerando seus desejos e anseios e indo muito além do âmbito fisiológico e cognitivo.

2.1.2 As relações sociais da pessoa idosa e suas necessidades

De acordo com os vários autores citados anteriormente, as relações sociais na velhice são um ponto importante para que possa existir um envelhecimento de melhor qualidade. Sejam relações com a família, com amigos, entre outros grupos, todas elas são importantes quando o objetivo é a interação social e, por consequência, o envelhecimento saudável. Dentre os vários tipos de relacionamentos, quando falamos em grupos sociais, a família é provavelmente o primeiro grupo ao qual uma pessoa pode vir a pertencer quando nasce. Durante muito tempo a configuração

tradicional da família ocidental foi composta por uma mesma estrutura, na qual existia sempre uma figura feminina, uma masculina e os filhos deste relacionamento. De acordo com Papalia e Feldman (2013, p. 43), este é o conceito de “família nuclear”:

[...] uma unidade econômica e doméstica que compreende laços de parentesco envolvendo duas gerações e que consiste em pai e mãe, ou apenas um dos dois, e seus filhos biológicos, adotados ou enteados.

Ainda de acordo com as autoras, o formato de famílias hoje vem passando por modificações em função das transformações sociais e comportamentais que ocorreram ao longo do tempo nas sociedades ocidentais.

A antropóloga Myriam Lins de Barros (1987), fez uma reflexão sobre a família e as novas relações que surgiam nos anos 80 sob o ponto de vista ativo de avós e avôs. Apesar de retratar uma sociedade de algumas décadas atrás, já se falava na formação de arranjos familiares distintos que deram origem aos lares multigeracionais e as especificidades que podem acontecer em função da coabitação de várias gerações no mesmo espaço e convivência.

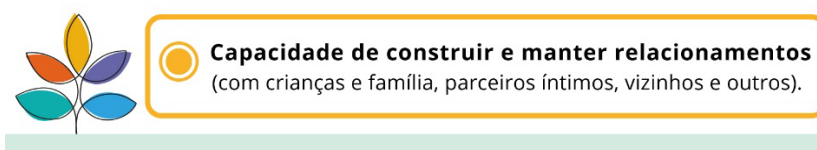
Além da família, a pessoa idosa ainda pode ter uma infinidade de outras redes de relações sociais. No entanto, apesar da quantidade de possibilidades, as pessoas elas nem sempre conseguem criar novas relações ou até mesmo manter as existentes. Essas barreiras podem ser físicas ou não e ocorrem tanto quando um ambiente não permite que conexões entre pessoa idosas e seus grupos aconteça, quanto quando existe preconceitos etaristas (ou idadistas), que afastam a sociedade das pessoas idosas.

De acordo com Leite, Cappellari e Sonego (2002, p. 19):

Em uma sociedade que valoriza a juventude, a beleza, o "produtivo" e na qual a velhice é uma fase da vida vista com preconceitos de inutilidade, dependência e improdutiva, as pessoas idosas encontram dificuldades de inserir-se. Diante dessas limitações o idoso isola-se, mesmo que esteja residindo com sua família, muitas vezes, não possui poder de decisão, permanece sozinho em casa.

A capacidade de construir e manter relacionamentos (figura 5), segundo a OPAS/OMS (2022), é um dos domínios que compõem a habilidade funcional de uma pessoa idosa e que é parte do todo necessário para que se tenha um envelhecimento saudável.

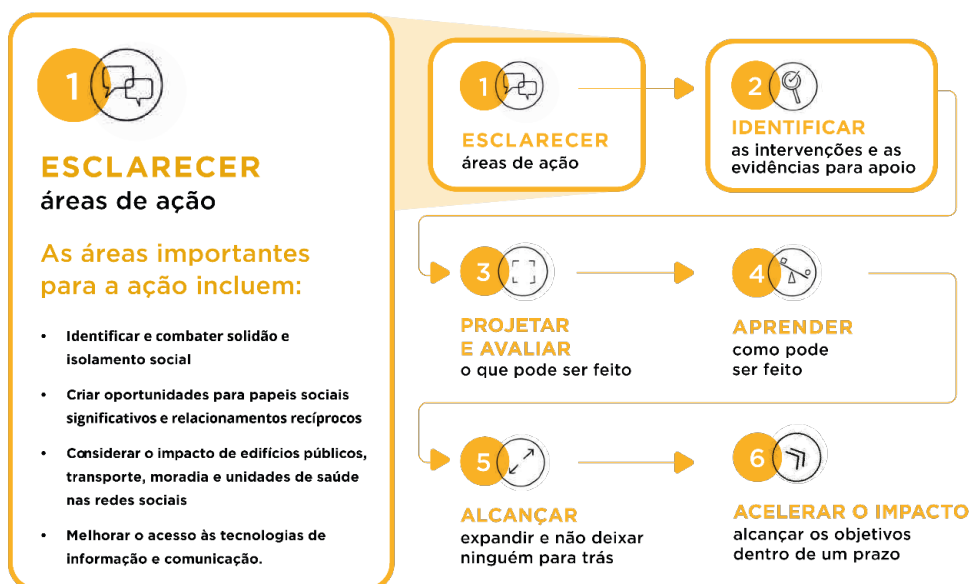
Figura 5 – Destaque da Habilidade Funcional - Capacidade de Construir e manter relacionamentos



Fonte: A autora, adaptado de OPAS/OMS (2022).³

Fomentar as possibilidades de relacionamentos, evitando situações que inibam a ação da pessoa idosa e que facilitem sua comunicação, seja através da manutenção de suas capacidades físicas e mentais, ou pela criação de ambientes e recursos que possam viabilizar esses relacionamentos é também responsabilidade da família, da comunidade e da sociedade em geral. A OPAS/OMS (2022) descreve o caminho e as etapas necessárias para a otimização desta capacidade específica da pessoa idosa. As fases 1 e 2 (figura 6) objetivam promover o entendimento do cenário e direcionar as ações que serão realizadas na fase seguinte, a fase 3 – projetar e avaliar.

Figura 6 – Fases 1 e 2 do caminho para otimizar a habilidade funcional da pessoa idosa através da capacidade de construir e manter relacionamentos



Fonte: A autora, adaptado de OPAS/OMS (2022).⁴

³ Adaptação feita pela autora a partir de imagem extraída do Relatório de Linha de Base – Década do Envelhecimento Saudável (OPAS/OMS). Disponível em <https://iris.paho.org/handle/10665.2/56991>. Acesso em 18 set. 2024.

⁴ Adaptação feita pela autora a partir de imagem extraída do Relatório de Linha de Base – Década do Envelhecimento Saudável (OPAS/OMS). Disponível em <https://iris.paho.org/handle/10665.2/56991>. Acesso em 18 set. 2024.

De acordo com a OPAS/OMS (2022), a fase 1 representada na figura acima – esclarecer áreas de atuação, aborda o entendimento das dimensões (e ações) necessárias à otimização da capacidade de construir e manter relacionamentos das pessoas idosas. São itens importantes a serem considerados para tal:

Identificar e combater solidão e isolamento social; criar oportunidades para papéis sociais, significativos e relacionamentos recíprocos; considerar o impacto de edifícios públicos, transporte, moradia e unidades de saúde nas redes sociais e melhorar o acesso às tecnologias de informação e comunicação OPAS/OMS (2022, p. 135).

Já na fase 2, o objetivo é de identificar possíveis intervenções já existentes e entender quais ações estão sendo realizadas no tocante à diminuição da solidão e do isolamento social das pessoas idosas, dois grandes problemas que podem afetar sua saúde física e mental e prejudicar seu envelhecimento saudável OPAS/OMS (2022).

De acordo com a OPAS/OMS (2022, p. XIII), um dos pontos a ser considerado para que se possa otimizar a habilidade funcional de pessoas idosas e, conseqüentemente, se chegar ao envelhecimento saudável é “garantir que as comunidades promovam as capacidades das pessoas idosas”. Ou seja, toda o Estado, a sociedade civil, a comunidade e a família em que se inserem devem ficar atentos a essas necessidades e ajudar na promoção da habilidade funcional deste segmento etário, viabilizando não só artifícios que mantenham a capacidade intrínseca (capacidades físicas e mentais da população), mas também, fomentar ambientes e formas de interação com esta população, de modo a promover o envelhecimento saudável. Portanto, qualquer que seja o impedimento na criação ou na manutenção dos relacionamentos é de responsabilidade da sociedade como um todo.

Os problemas podem surgir em virtude da limitação da capacidade intrínseca (aspectos físicos ou mentais), mas também podem decorrer das limitações dos ambientes, como por exemplo a falta de recursos que intermediem a comunicação, no caso de uma limitação física. No exemplo de uma pessoa idosa surda, para que ela possa manter a comunicação e, conseqüentemente suas relações dentro de seus grupos sociais, é necessário por exemplo (entre outros), o uso de recursos como a Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS), seja através de um intérprete - no caso do âmbito de uma instituição pública - ou no aprendizado das LIBRAS pelas pessoas de família.

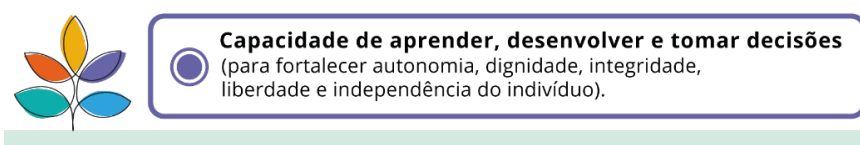
Em um outro exemplo, problemas causados pela falta de diálogo com a pessoa idosa dentro do núcleo familiar podem impedir ou dificultar a manutenção das relações, seja por conflitos geracionais ou seja por discriminação, preconceito dos membros de um grupo para com a pessoa idosa. Os problemas de relacionamento dentro de uma família ou de qualquer grupo social, como a falta de diálogo com a pessoa idosa, por exemplo, pode impactar também outro domínio da habilidade funcional da pessoa idosa: a capacidade de aprender, desenvolver e tomar decisões.

Muitas vezes, os familiares não contemplam o idoso em seus diálogos e em suas decisões. Por outro lado, muitos idosos são condenados a viver o resto de suas vidas em instituições asilares, ambiente estranho e que leva o idoso a sujeitar-se às normas e rotinas impostas pela instituição, ocorrendo, freqüentemente [sic], o afastamento da família e da sociedade (Leite, Cappellari e Sonogo, 2002, p. 19).

Os diversos grupos sociais aos quais as pessoas idosas possam pertencer, seja família, comunidade ou o Estado, além de servirem como suporte de seus relacionamentos e interações, devem ser instados à responsabilidade solidária por essas pessoas. Colocar a pessoa idosa no centro de um sistema que possa promover processos de envelhecimento saudáveis é o desejável. Segundo a OPAS/OMS (2022, p. 8), isso permitirá “que as pessoas idosas desempenhem um papel central, incluindo a tomada de decisão sobre sua própria vida”. Portanto, emponderá-las e permitir que elas tenham sua liberdade de escolha, sua independência e sua autonomia preservadas é essencial para que se alcance este objetivo (OPAS/OMS, 2022).

Para tanto, a OPAS/OMS (2022) define a capacidade de aprender, desenvolver e tomar decisões, com o objetivo de “fortalecer autonomia, dignidade, integridade, liberdade e independência do indivíduo” (OPAS/OMS, 2022, p. 11), conforme pode ser observado na figura 7.

Figura 7 – Destaque da Habilidade Funcional - Capacidade de aprender, desenvolver e tomar decisões

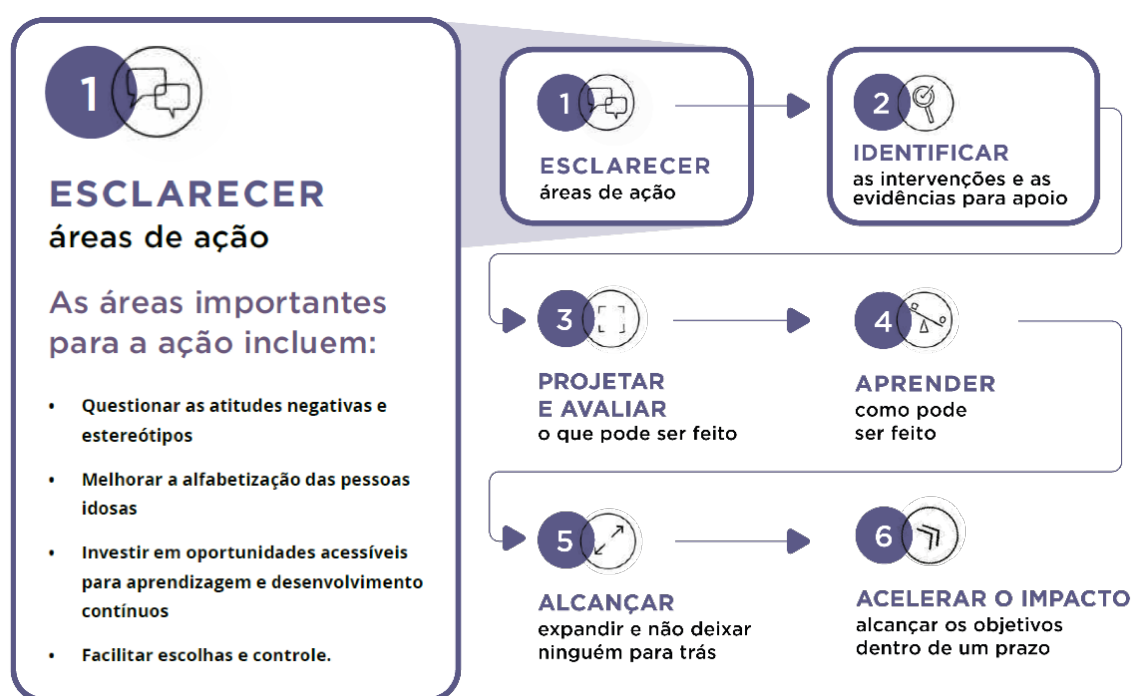


Fonte: A autora, adaptado de OPAS/OMS (2022).⁵

⁵ Adaptação feita pela autora a partir de imagem extraída do Relatório de Linha de Base – Década do Envelhecimento Saudável (OPAS/OMS). Disponível em <https://iris.paho.org/handle/10665.2/56991>. Acesso em 18 set. 2024.

Segundo a OPAS/OMS (2022), a implementação dessa capacidade deve promover, através do crescimento mental, físico, social e emocional da pessoa idosa, a possibilidade de tomar as próprias decisões e, com isso, proporcionar à pessoa idosa controle sobre sua própria vida. A OPAS/OMS (2022) define seis etapas para a otimização da capacidade da pessoa idosa de aprender, desenvolver e tomar decisões. No entanto, as duas etapas responsáveis pelo entendimento do cenário e direcionamento das ações futuras são as fases 1 e 2, conforme figura 8.

Figura 8 – Fase 1 do caminho para otimizar a habilidade funcional da pessoa idosa através da capacidade de aprender, desenvolver e tomar decisões



Fonte: A autora, adaptado de OPAS/OMS (2022).⁶

A primeira etapa, esclarecer, a sugestão da entidade em relação às intervenções que devem ser adotadas para promover as capacidades de aprender, desenvolver e tomar decisões por parte das pessoas idosas. A OPAS/OMS (2022, p. 123) define os seguintes itens para a implementação da etapa 1:

Questionar as atitudes negativas e estereótipos; melhorar a alfabetização das pessoas idosas; investir em oportunidades acessíveis para aprendizagem e desenvolvimento contínuos e facilitar escolhas e controle.

⁶ Adaptação feita pela autora a partir de imagem extraída do Relatório de Linha de Base – Década do Envelhecimento Saudável (OPAS/OMS). Disponível em <https://iris.paho.org/handle/10665.2/56991>. Acesso em 18 set. 2024.

Já a segunda etapa, identificar, tem o objetivo de promover o entendimento do contexto das vivências de pessoas idosas e observar ações que já estejam em andamento a fim de aprender com elas e assim direcionar a execução de intervenções conscientes, a partir da etapa 3 – de projetar a avaliar, aprender, alcançar e acelerar o impacto.

Além das capacidades de construir e manter relacionamentos e a capacidade de aprender, desenvolver e tomar decisões, a habilidade funcional da pessoa idosa é composta por mais três domínios, conforme figura 9.

Figura 9 – Destaque da Habilidade Funcional - Capacidades de suprir as necessidades básicas, capacidade de mobilidade e capacidade de contribuir para a sociedade



Fonte: A autora, adaptado de OPAS/OMS (2022).⁷

Um deles, segundo a OPAS/OMS (2022) é a capacidade de ter mobilidade, que impactará na realização de tarefas diárias e participação em atividades cotidianas. A limitação dessa capacidade poderá prejudicar a capacidade de aprender, desenvolver e tomar decisões e que lida diretamente com as questões de independência da pessoa idosa – de ir aonde quiser e de fazer o que desejar – ou seja, se há qualquer impedimento na capacidade de ter mobilidade, seja por uma limitação da capacidade intrínseca, seja por limitações do ambiente ou por falta de recurso, a pessoa idosa necessitará de auxílio para realização de suas atividades.

A capacidade de ter mobilidade vai de um cenário no qual a própria pessoa idosa tenha condições de se deslocar a locais de forma autônoma, até a responsabilidade da família e/ou do Estado em garantir que ela consiga se deslocar

⁷ Adaptação feita pela autora a partir de imagem extraída do Relatório de Linha de Base – Década do Envelhecimento Saudável (OPAS/OMS). Disponível em <https://iris.paho.org/handle/10665.2/56991>. Acesso em 18 set. 2024.

de forma digna. Como exemplo podemos considerar a necessidade de uma pessoa idosa de chegar até o local onde irá realizar uma consulta médica de rotina. As limitações existentes podem ser tanto ao nível da capacidade intrínseca, onde exista algum tipo de deficiência física que impeça a sua locomoção ou ao nível do ambiente, na falta de acessibilidade deste lugar ou até na falta de um transporte adequado para sua a sua chegada até ele.

A citada capacidade de mobilidade tem conexão direta com a capacidade de suprir as necessidades básicas. Segundo a OPAS/OMS (2022, p. 12), a pessoa idosa deve:

[...] ter suas necessidades básicas atendidas para garantir um padrão de vida adequado (como poder comprar alimentos adequados, roupas, ter moradia apropriada, e serviços de saúde e cuidados de longo prazo, inclusive medicamentos).

No caso de uma consulta médica, como citado no exemplo anterior, se uma pessoa garante a sua chegada ao local da consulta, porém, se o serviço não estiver disponível para atendê-la, esta capacidade estará comprometida.

A família, o Estado e a sociedade têm suas responsabilidades específicas, tanto no caso de uma pessoa idosa que não tenha condições de ter mobilidade - seja física ou por falta de recurso do ambiente - seja no caso de uma pessoa idosa que não tem recursos financeiros para ter acesso aos itens de necessidades básicas, impedindo que ela tenha condição de se manter. Portanto, se uma pessoa tem suas capacidades físicas e mentais preservadas e não possui recursos, sejam financeiros, de mobilidade ou de qualquer outra natureza, é de responsabilidade da sociedade suprir suas necessidades básicas para que ela tenha uma vida digna e um envelhecimento saudável. De acordo com o Art. 230 da Constituição Federal (CF) (Brasil, 1988, p. 133):

A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida.

É importante destacar que as demandas das pessoas idosas vão muito além dos cuidados ou das necessidades básicas atendidas. Estão relacionadas também com o alcance de metas e projetos pessoais e à forma como a pessoa idosa pode ajudar no desenvolvimento da sociedade (OPAS/OMS, 2022).

Desta forma, surge um novo domínio, de acordo com a OPAS/OMS (2022), que é a capacidade de contribuir para a sociedade, que aborda a possibilidade da pessoa idosa de ajudar no crescimento dos grupos dos quais participa dentro da comunidade. De acordo com a (OPAS/OMS, 2022, p. 12), trata-se da capacidade de “ajudar amigos, orientar jovens, cuidar de familiares, fazer trabalho, voluntário, buscar atividades culturais, e trabalhar”. Como exemplo da falta de implementação desta capacidade, podemos considerar o caso de uma pessoa idosa que tenha, plenas condições físicas e mentais necessárias para ocupar uma vaga no mercado de trabalho e não seja aceita em função de discriminação/preconceito etarista; ou ainda que seja impedida de acessar um curso de graduação em uma universidade pelo mesmo motivo; também, uma pessoa que tenha sua capacidade física reduzida momentaneamente e que não disponha de recursos de acessibilidade necessária para chegar a um determinado ambiente cultural, por falta de condições do ambiente ou de recursos financeiros da pessoa.

É importante considerar que nem todas as pessoas terão os mesmos níveis de capacidades intrínsecas, a depender da existência de comorbidades, doenças, etc.; e nem todas terão ambientes idênticos, nos quais poderão existir variações das condições financeiras, sociais, culturais, entre outras. No entanto, mesmo havendo diferenças significativas de condições de uma pessoa idosa para a outra, a depender das suas particularidades físicas, mentais, seus ambientes e seus contextos específicos, a promoção da habilidade funcional tem que ser garantida a todas as pessoas idosas.

Portanto, independentemente das variantes provenientes da capacidade intrínseca e das diferenças que possam existir nos ambientes por onde as pessoas idosas circulem, sejam eles físicos, simbólicos ou virtuais, todos têm que ter acesso ao envelhecimento saudável, segundo a OPAS/OMS (2022). A perspectiva definida pela instituição como abordagem centrada na pessoa consiste na identificação das necessidades, bem como no atendimento dessas necessidades no que diz respeito aos diversos domínios que compõe a habilidade funcional de uma pessoa idosa, sejam relacionados à capacidade intrínseca ou ao ambiente, abrangendo, além da compreensão das necessidades, preferências deste segmento etário, e metas para adaptações e futuras intervenções a esses imponderáveis.

Ou seja, para que sejam compreendidas as suas necessidades é preciso entender as características que marcam os diversos domínios de experiências que possam impactar a habilidade funcional da pessoa idosa, a partir da obtenção de informações sobre os contextos aos quais pertença e suas particularidades. Como exemplos de variantes, podemos citar: a existência de alguma capacidade física ou mental comprometida, condições de acessibilidade do local de residência, características socioculturais dos grupos sociais dos quais participa, o tipo de arranjo familiar, além de toda a experiência de vida que cerca essa pessoa – condições culturais, financeiras, entre outras.

Portanto, independentemente das particularidades físicas e emocionais de diferentes perfis de pessoas idosas e de seus contextos socioculturais específicos, é necessário um esforço geral para que sejam minimizados os problemas em função da configuração dessas variantes, com o intuito de proporcionar a todas um envelhecimento saudável, adaptando as intervenções necessárias ao contexto de cada uma.

3 TECNOLOGIA NAS RELAÇÕES DA PESSOA IDOSA

Como pudemos observar, das diversas possibilidades de interação com a família, com a comunidade e com a sociedade em geral podem surgir demandas das pessoas idosas. Segundo a OPAS/OMS (2022), os diferentes grupos nos quais elas se inserem precisam ficar atentos a essas demandas a fim de supri-las e, com isso, contribuir para que essas pessoas vivenciem um envelhecimento saudável.

As relações, que antes eram físicas e já contavam com níveis de complexidade suficientes, agora, diante do cenário tecnológico que se apresenta - com a aparição de inovações tecnológicas em períodos cada vez menores -, trazem, além das questões das relações em si, a complexidade do mundo digital. De acordo com Cardoso (2016), o mundo vem se modificando e sofrendo hoje as ações do contexto digital, complexificando-se econômica, política, social e culturalmente. Segundo Cardoso, com a difusão do contexto digital e virtual, o mundo que era real e concreto muda, passando de uma realidade material a outra material-imaterial. Segundo o autor, a realidade imaterial foi uma espécie de nova camada acrescida ao contexto real, material, acumulando-se assim aos problemas anteriores, da realidade material.

De acordo com Santaella (2003), pesquisadora especialista em Comunicação e Semiótica e em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, o cenário atual pertence a um contexto cultural que se denomina cultura digital, fruto de uma série de convergências entre outros tipos de culturas midiáticas surgidas anteriormente. Para Santaella (2003, p. 13), existiram seis eras culturais ao longo da história da humanidade: “a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital”. No entanto, tais eras culturais não evoluíram em um período linear, no qual uma terminaria para que outra pudesse se iniciar. Essas diferentes expressões midiáticas somaram-se umas às outras, transformando-se entre si e gerando novas eras culturais até o ponto em que nos encontramos (Santaella, 2003). Ou seja, na era atual de cultural digital, as anteriores se complexificaram e uniram-se em um processo cumulativo. Portanto, diferentes características relacionais e diversos vetores de transformação cultural coexistem hoje no ambiente digital proveniente da convergência entre vários contextos midiáticos e tudo isso complexifica a forma como as relações também acontecem no meio digital.

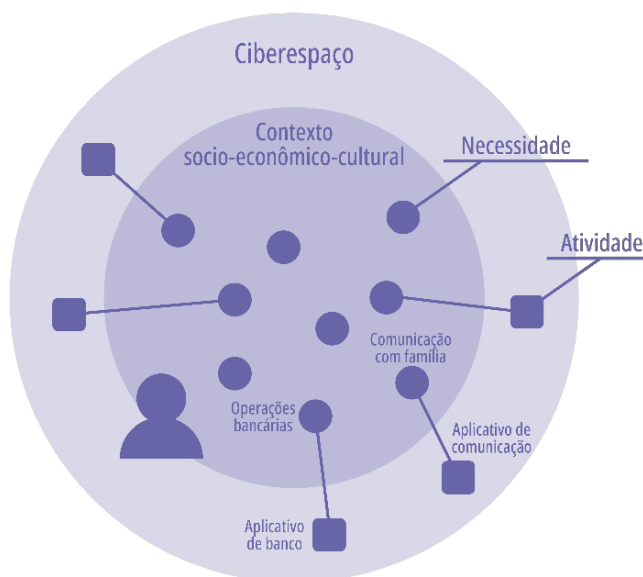
As pessoas idosas, como partes da sociedade afetadas pela cultura digital, também sofrem com as mudanças culturais que ela injeta na forma de vida das pessoas. A maneira como estas pessoas irão ter acesso a um ambiente digital e como este ambiente irá transformar as suas vidas em várias esferas, são importantes aspectos a serem observados para que se compreenda esse novo processo de interação entre pessoas idosas e a cultura digital, bem como o caminho que esta cultura irá tomar para atender às necessidades das pessoas idosas também neste ambiente virtual.

De acordo com Jenkins (2008, p. 43):

[...] a convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento.

Ou seja, se já existiam necessidades das pessoas idosas a serem atendidas para que elas pudessem ter um envelhecimento mais digno no mundo real e físico, tais questões continuam existindo também no contexto digital, no entanto, agora de forma muito mais complexas em virtude das diversas transformações culturais trazidas pelo ambiente digital, apontando necessidades surgidas agora também em função desse contexto, conforma figura 10.

Figura 10 – Complexificação das necessidades das pessoas idosas em contexto digital (ciberespaço).



Fonte: A autora (2025).

Portanto, as ações já antes necessárias, agora urgem no sentido de um envelhecimento saudável para as pessoas idosas em todo o mundo. Então, se a

atenção da família, da comunidade e da sociedade com relação às necessidades das pessoas idosas em um mundo real e material já era de extrema importância, quando essa questão perpassa o contexto digital, tais ações são ainda mais urgentes, dadas as novas necessidades que emergiram.

A academia vem acompanhando esse processo de entender a pessoa idosa utilizando-se do contexto tecnológico e do ambiente digital. Segundo Raymundo (2013, p. 24), “devido ao crescente aumento do número de idosos no mundo e o concomitante avanço da tecnologia e da eletrônica, os termos tecnologia e envelhecimento passaram a ser estudados em conjunto”.

Todo esse movimento para se entender o ambiente digital não indica, porém, que as relações presenciais e físicas das pessoas idosas não tenham mais suas questões a serem observadas; pelo contrário, elas serão um ponto de partida importante. No entanto, diante do contexto atual, o mundo e suas relações são atravessados inevitavelmente pelas complexidades do mundo digital. Mesmo que uma pessoa idosa não participe conscientemente do contexto digital, sua vida e suas relações serão inevitavelmente perpassadas por esse contexto.

Portanto, com a complexificação do mundo e, consequentemente, das relações, o próprio relacionar-se de pessoas idosas com seus grupos sociais, como família, comunidade e sociedade em geral também se complexifica. Uma simples conversa com uma pessoa da família, antes somente possível de forma presencial, agora pode vir a acontecer via contexto digital, quando questões geográficas impedirem, por exemplo. Nesse contexto uma relação que poderia ser interrompida em virtude de uma distância física, permanece, viabilizada pelo contexto virtual e digital. De acordo com Santaella (2003), com a chegada da cultura digital e suas inovações relacionadas à comunicação, mudam as relações e podem surgir outros de se comunicar e outras formas de relacionamentos provenientes do novo contexto, inexistentes quando se vivia em um cenário predominantemente analógico.

Lembrando que como as relações sociais são um importante pilar da habilidade funcional da pessoa idosa, para que haja envelhecimento saudável, de acordo com a OPAS/OMS (2022), as relações que acontecem também ou exclusivamente, de forma virtual devem ser observadas. Se uma pessoa idosa participa de comunidades ou não, se mantém relacionamentos com família,

comunidade ou sociedade em geral e a forma com estas relações acontecem, tudo isso implicará diretamente na capacidade de construir e manter relacionamentos da pessoa idosa, agora se manifestando também de forma digital.

Com este desenvolvimento da cultura digital aliado às inovações ocorridas nas comunicações surge um novo espaço, um novo ambiente de comunicações e interações, agora virtual, onde ocorrem novas formas de comunicação e que terão características específicas diferentes dos ambientes antes físicos: o chamado ciberespaço, de acordo com Santaella (2003). O aparecimento do ciberespaço possibilitou, entre outras coisas, a condição de acesso a serviços antes realizados exclusivamente de forma presencial, como por exemplo: fazer compras, acessar contas bancárias, assistir a filmes etc. Ou seja, para se ter acesso a serviços específicos nos quais era necessário se empregar um deslocamento físico, as pessoas idosas podem acessar o ciberespaço. De acordo com Simões e Lima Júnior (2018, p. 2):

Serviços, públicos ou privados, são oferecidos com algum nível de mediação digital – seja a partir do agendamento através de sites ou mesmo o acompanhamento de algum processo que pode ser feito através de aplicativos de celular.

A tecnologia aparece e muda a forma com a sociedade lida com esses serviços. De acordo com Santaella (2003), com a chegada deste novo ambiente e o surgimento de novas formas de relação, novos problemas, começam a surgir. Ou seja, mesmo com novas formas de relações possibilitadas pelas inovações tecnológicas e pelo surgimento do ciberespaço, é necessário observar-se até que ponto o uso deste novo ambiente pode ser benéfico (ou não) às demandas do envelhecimento saudável das sociedades, pois, apesar de serem novos canais de comunicação e ação, os problemas decorrentes ainda refletem questões sociais do mundo real.

A questão de poder ou não realizar tarefas pelo ciberespaço poderá refletir um cenário de exclusão proveniente do mundo real, pois nem todas as pessoas idosas têm ou terão condições futuras - econômicas, sociais ou culturais -, de ter acesso a recursos para acessá-lo, seja pela ausência de artefato, pela falta de acesso à internet ou pela falta de instrução e auxílio para realizar tais tarefas. De acordo com Mattos e Santos (2022) nesse contexto surgem os digitalmente incluídos, que, segundo os autores serão os detentores do saber, já que dominam a tecnologia e possuem cada vez mais acesso à informação e os digitalmente excluídos, que ficarão cada vez mais

à margem, já que a falta de acesso à informação vai afastá-los cada vez mais do contexto digital.

Muitas categorias de limitações que provém do mundo real podem implicar no acesso ou não aos dados digitais, contribuindo para a divisão da sociedade entre aqueles que têm e os que não têm acesso ao ciberespaço - como a impossibilidade econômica, limitações físicas, psíquicas e/ou sociais do indivíduo. Ou seja, as limitações do “mundo real” implicam na utilização ou não (no acesso ou na exclusão) em relação ao ciberespaço e, conseqüentemente, à informação. De acordo com a fonoaudióloga e gerontóloga Elisandra Sé (2016):

O avanço tecnológico, ao mesmo tempo em que promove melhorias para a população, também propicia uma forma de exclusão, a digital. A exclusão digital no Brasil ocorre de acordo com as diferenças regionais, acompanhado da desigualdade social e serviços de cada região do país sendo a população idosa um dos segmentos mais atingidos.

Questões como medo e receio de utilização deste espaço também podem prejudicar o acesso da pessoa idosa ao ciberespaço, ainda que o cenário tecnológico esteja tão presente na vida dessas pessoas, mesmo que de forma involuntária. De acordo com Raymundo *et al.* (2011), atualmente as pessoas idosas se deparam com novos desafios quando se fala no uso das novas tecnologias, pois apesar de estarem presentes em seu cotidiano - através de atividades simples ou complexas - e sempre exigirem mais esforço das pessoas idosas, grande parte do público idoso ainda se sente receoso ao usar equipamentos eletrônicos. Ainda de acordo com as autoras, isso se deve ao fato de que muitos dos produtos e serviços que são oferecidos através do ambiente digital normalmente são apresentados sem a devida preocupação da inclusão de pessoas idosas, gerando uma exclusão daquelas que não conseguem se adaptar ao ambiente, criando uma barreira para o acesso dos vários serviços viabilizados pelo ciberespaço, mas principalmente quebrando o elo de comunicação que permitiria a implementação da capacidade de criar e manter relacionamentos, conforme definida pela OPAS/OMS (2022), podendo ainda interferir na implementação das demais capacidades.

Um outro domínio prejudicado nesta exclusão é a capacidade de aprender, desenvolver e tomar decisões, pois para que uma pessoa idosa possa vir a tomar as suas próprias decisões e realizar o que acha que é interessante para sua vida, é necessário que ela possa ter, além de melhores condições de desenvolver suas

capacidades intrínsecas, acesso a todos os ambientes aos quais desejar ou precisar acessar e que, além disso, estes ambientes possam possibilitar o desenvolvimento de sua autonomia e independência. Portanto, se há uma situação de exclusão ao ambiente digital, seja por qual for o motivo, no contexto atual, onde a cultura digital perpassa a vida da sociedade, uma parte das decisões que poderiam ser tomadas em função das experiências digitais, sejam elas boas ou ruins, será prejudicada, podendo impactar a autonomia e a independência de pessoas idosas.

Esse impedimento, ou seja, a falta de acesso ao ambiente digital, poderá cercear o direito da pessoa idosa a ter acesso a informações que julgue importantes, presentes no ciberespaço, configurando uma grande parte do contexto informativo atual. Este acesso ou não ao ciberespaço vai determinar quem detém o poder do conhecimento, segundo Santaella (2003). Ou seja, as condições de acesso ao ciberespaço vão criar uma espécie de segregação entre pessoas de uma determinada sociedade, o que extrapola a esfera do ambiente digital, contribuindo para uma segregação ainda maior das pessoas idosas. Mesmo não sendo a única responsável pela exclusão social de uma pessoa, a exclusão digital pode agir como intensificador de desigualdades sociais (Mattos e Santos, 2009), atingindo não somente a capacidade da pessoa idosa de tomar decisões e ter autonomia, como também, as capacidades de manter relações e até de ter acesso a serviços básicos de saúde, educação etc., já que muitos hoje são disponibilizados através de ambientes digitais.

Portanto, apesar do potencial do ciberespaço de poder viabilizar o desenvolvimento das capacidades que podem permitir um envelhecimento saudável, é necessário se observar o modo de utilização deste recurso em uma sociedade, se há ou não o uso exagerado de artefatos tecnológicos, pois, a partir do momento que o uso de uma determinada tecnologia começa a atrapalhar, ao invés de ajudar e viabilizar o desenvolvimento das capacidades que levam ao envelhecimento saudável, a sociedade passa a ter outros tipos de problemas provenientes do contexto digital relacionados ao excesso do uso.

Podemos citar como exemplo, uma pessoa idosa que, ao invés de interagir com sua família presencialmente, quando tem oportunidades para tal, prefere ficar utilizando a internet de seu *smartphone* para ver vídeos em um aplicativo. Esta pessoa estará utilizando a tecnologia digital, no entanto, o relacionamento com seus

familiares naquele momento estará comprometido. Mesmo diante dos avanços tecnológicos e das facilidades que o ambiente virtual pode propiciar a quem precise e deseja usá-lo, é importante entender como o excesso de uso pode afetar o envelhecimento saudável de uma sociedade, uma vez que a interação excessiva com o ciberespaço e com o contexto digital através da internet, principalmente na utilização de redes sociais, pode comprometer o relacionamento de um indivíduo com os seus próximos, bem como, causar danos à sua saúde mental. De acordo com Costa (2021. p. 8):

A cada ano percebe-se que tem um aumento na quantidade de indivíduos adeptos a internet, e que faz uso das redes sociais de forma desenfreada. É observado então que a tecnologia trouxe vantagens e desvantagens ao processo de vivência social, sendo seus maiores impactos negativos na qualidade da saúde mental. [...] O uso desmedido provoca dependência e afeta diretamente as relações sociais, e produz malefícios à saúde mental [...]. Insta salientar que, os problemas mentais, podem ser vistos como danosos à saúde, afetando diretamente o convívio social e a relação do indivíduo consigo mesmo [...].

Ou seja, qualquer que seja a questão: a falta de acesso ou o excesso de utilização de artefatos tecnológicos e do ciberespaço, serão problemas a serem observados pelas famílias, pela comunidade ou pela sociedade em geral, quando o objetivo é proporcionar às pessoas idosas um envelhecimento saudável e não apenas a venda e o consumo de tecnologia.

Com a chegada da pandemia do COVID-19 e as deliberações referentes ao distanciamento social que foram realizadas para que se evitasse o contágio pelo vírus, foram necessários, além dos cuidados com todas as pessoas, cuidados específicos com as pessoas idosas. De acordo com Souza Filho (2023, p. 87):

Os idosos foram os mais afetados por esse afastamento pois, considerados o público mais vulnerável ao vírus, deveriam manter o convívio social ao mínimo possível, para não se expor. E isso modificou drasticamente sua rotina em diversos aspectos.

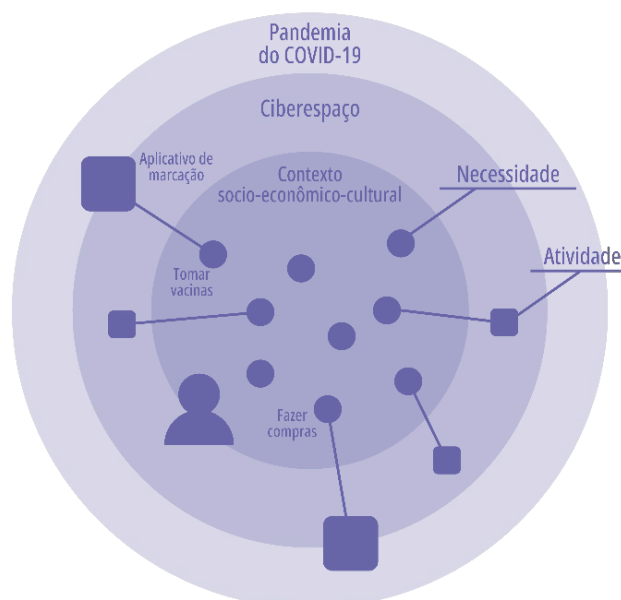
A ONU (2023) destaca que a COVID-19 teve um impacto significativo e bastante desproporcional sobre a vida das pessoas idosas, com relação à mortalidade, redução da renda e da segurança alimentar; além disso, interferiu na capacidade das pessoas de estarem ativas do ponto de vista físico e social. Ainda de acordo com a Organização, durante o período pandêmico as pessoas idosas tiveram ameaçados os seus direitos humanos e o preconceito de idade existente foi mais exposto. Por isso,

podemos a pandemia de Covid19 como uma janela de observação, uma lente de aumento privilegiada para a observação do preconceito contra a pessoa idosa. Apesar de ter sido um período bastante negativo para toda a população mundial, foi uma oportunidade de se olhar para a urgência em se tratar as questões do envelhecimento.

No contexto digital, além das ações específicas para se manter o mínimo convívio social durante o período do distanciamento, a sociedade necessitou lidar com as complexidades da vida social pré-existentes, com muitas questões a serem resolvidas, como a falta de acesso à internet por parte de muitas pessoas, a falta de qualificação para o uso, a falta de artefatos para o acesso ao ciberespaço etc.

Ou seja, as necessidades sociais preexistentes de todas as pessoas relativas à cibercultura, e em específico das pessoas idosas, passaram a contar com mais uma variável importante: o distanciamento físico, além de outras necessidades e atividades que surgiram em função dele, conforme figura 11.

Figura 11 – Complexificação das necessidades das pessoas idosas em contexto digital (ciberespaço), somando-se ao período de isolamento social



Fonte: A autora (2025).

Apesar de ser um condicionante importante na mudança das relações da pessoa idosa, entendemos que o período de distanciamento social pela COVID-19 não foi o único responsável pelo aparecimento de novas necessidades deste público, e por sua utilização do ambiente virtual. Mesmo assim, é interessante destacar que foi um período bastante atípico e no qual muitas pessoas, mesmo as que já se

utilizavam do ambiente digital, tiveram dificuldades. Durante a pandemia do COVID-19, as interações também sofreram modificações. As relações presenciais não deixaram de existir, mas uma parte delas foi migrada para o ambiente virtual.

De acordo com Souza Filho (2023), foi um período no qual se exigiu que as pessoas idosas se inserissem no ambiente digital para conseguirem manter relações com familiares ou fazer compras por meio de aplicativos no *smartphone*. No entanto, a falta de projetos adequados ao público idoso representou, durante o período, um considerável problema, já que as necessidades específicas da pessoa idosa, seja no plano cognitivo ou físico, continuavam a não ser atendidas, pois os projetos das ferramentas que se punham a disposição não as contemplavam. De acordo com o autor, o design de artefatos digitais ainda não estava prestando atenção no público de pessoas idosas. E talvez não o esteja fazendo ainda hoje.

3.1 O ARTEFATO DIGITAL: SMARTPHONE E SUA RELAÇÃO COM A PESSOA IDOSA

Para o acesso ao ambiente virtual houve a necessidade de uma ponte, um elemento pelo qual a pessoa idosa pudesse interagir com o ciberespaço. Assim como necessidades específicas do mundo real e analógico culminaram na fabricação de artefatos, que segundo Cardoso (2016), são objetos concebidos através da ação humana sobre determinada matéria-prima, a evolução tecnológica, proporcionada pela chegada da cultura digital, trouxe consigo outros tipos de artefatos, os digitais. De acordo com Neves *et al.* (2008) *apud* Souza Filho (2023), os artefatos digitais diferem estruturalmente de outros tipos de artefatos, pois suas relações internas passam a ser outras, onde elementos físicos agora são controlados por elementos lógicos e, em função disso, a interação das pessoas seria feita não apenas com um artefato físico, mas também com a lógica inerente a tais artefatos.

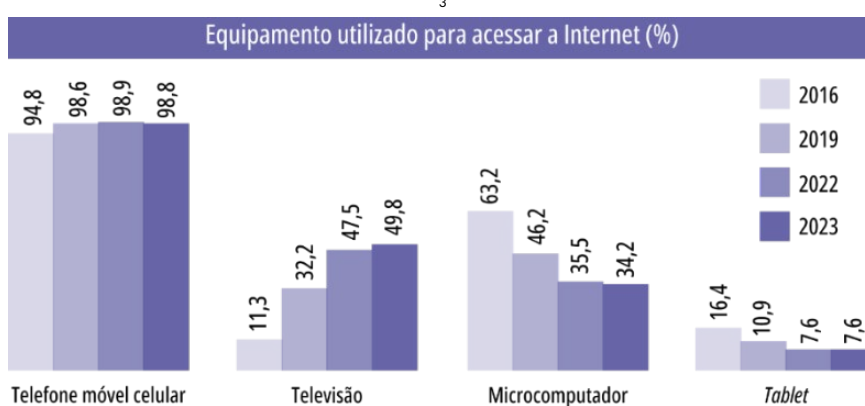
Desde a evolução digital das mídias, que se inicia pela introdução dos microcomputadores nos ambientes domésticos na década de 80, até a explosão da internet na década de 90 (Santaella, 2003), muitos artefatos digitais foram criados e vem sendo utilizados. No contexto atual é praticamente impossível pensar em uma vida sem tecnologia e sem o uso de tais artefatos. De acordo com Luciano Gamberini, diretor do Centro de Pesquisa em Tecnologia de Inspiração Humana da Universidade

de Pádua, *et al.* (2006), a população mundial está tendo que se adaptar à utilização de aparelhos multitarefas, em virtude das grandes mudanças que aconteceram e vem acontecendo na tecnologia. A utilização de aparelhos como *smartphones*, *smart TVs*, computadores e muitos outros é um ato corriqueiro na vida das pessoas de hoje.

De acordo com Santaella (2003), o computador foi considerado durante muito tempo a mídia das mídias, por conta da invasão nos lares na década de 80 e da sua importância na cultura digital, juntamente com o advento da internet na década seguinte. Apesar da sua importância para a cultura digital, a utilização de microcomputadores nas residências brasileiras vem caindo nos últimos tempos. De acordo com o IBGE (2024a), em 2016 estavam presentes em 45,9% dos domicílios, passando a 40,2% em 2022 e 39%, em 2023%. Em contrapartida a utilização de aparelhos de telefone móvel celular - para acesso à internet ou telefonia - tem seu percentual aumentando, pois, de acordo com o IBGE (2024a), passamos de 93,1% de residências com pessoas que utilizavam o aparelho em 2016, para 96,7%, em 2023.

A utilização de internet, segundo o IBGE (2024a) também vem crescendo entre a população brasileira com 10 anos ou mais de idade, passando de 66,1% em 2016, para 88% em 2023. Ainda, de acordo com o instituto, esse acesso vem sendo realizado cada vez mais através do telefone móvel do usuário, atualmente o dispositivo mais utilizado para acesso à rede, se compararmos essa utilização com os demais artefatos digitais que podem ser utilizados, como, por exemplo: computador, *tablet* ou televisão, conforme figura 12.

Figura 12 – Equipamentos utilizados para acesso à internet entre os anos de 2016 e 2023



Fonte: A autora, adaptado de IBGE (2024a).⁸

⁸ Adaptação feita pela autora a partir de imagem extraída de Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2023 in Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

A mobilidade que o *smartphone* permite aos usuários contribui com este crescimento entre a população brasileira, uma vez que o acesso à internet em qualquer lugar para utilizar serviços diversos parece ter caído no gosto do público brasileiro. De acordo com o IBGE (2024a), atividades como enviar e receber mensagens de texto ou áudios, conversar por chamada de voz ou de vídeo, usar redes sociais e assistir a vídeos, como programas séries e filmes, em qualquer lugar, são algumas das atividades mais realizadas através da internet.

Segundo o publicitário Gustavo Leuzinger Coutinho (2024), o aparelho além de possuir uma estrutura física que permite uma maior mobilidade, ainda possibilita ao usuário realizar a maioria das tarefas que faria no seu *tablet* ou notebook.

Eles se diferenciam de outros aparelhos com capacidades semelhantes (como tablets e notebooks) por um simples, mas importantíssimo fator: o celular está sempre com seu usuário, é portátil [...] (Coutinho, 2014, p. 16).

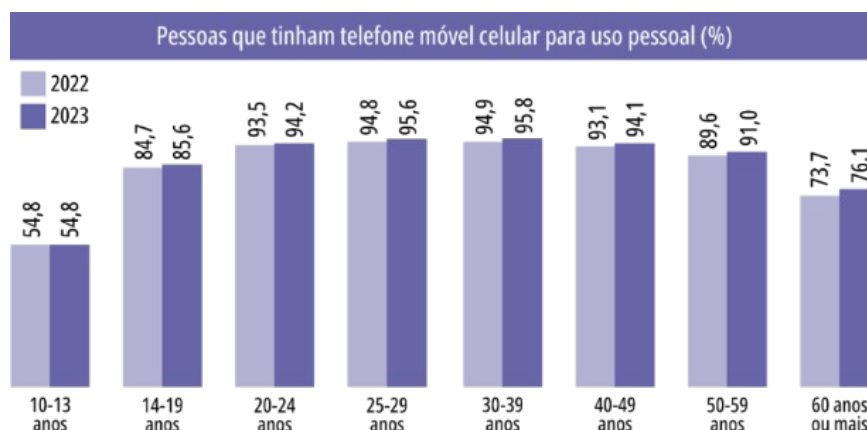
De acordo com o Engenheiro Eletrônico e Mestre em Sistemas, Cláudio Torres (2018, p. 393), *smartphone* é um “celular que oferece recursos avançados similares aos de um notebook”. O aparelho, assim como o computador, traz uma convergência de diferentes tipos de mídias, como áudio, vídeo, texto, fotografias, etc.

Com a difusão do aparelho de celular, que vem tomando cada vez mais o espaço de outros artefatos para acessar a internet, entre a população brasileira, o público de pessoas idosas também seria impactado. Quanto a este público específico, os números de usuários também vêm aumentando. Segundo o IBGE (2024a), em 2022, 73,7 % deste público utilizava-se do telefone para atividades cotidianas, passando a 76,1% em 2023, configurando um crescimento percentual maior do que a estabilidade percebida junto à faixa etária de 10 a 13 anos, que contava 54,8% de usuários em 2022 e não variou em 2023, conforme figura 13.

O maior crescimento da posse de telefone móvel celular ocorreu entre os idosos, de 60 anos ou mais de idade, cuja proporção de pessoas que possuíam o aparelho expandiu 2,4 p.p. no último ano (IBGE, 2024a, p. 15).

(PNAD) Contínua. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102107>. Acesso em: 18 out. 2024.

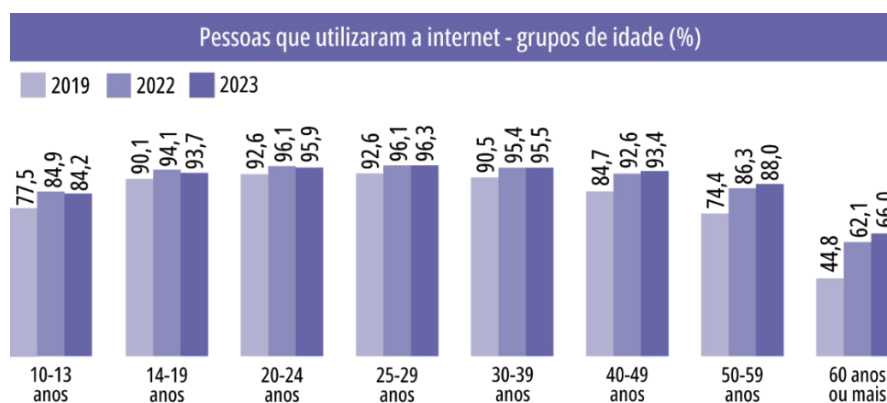
Figura 13 – Crescimento do número de aparelhos celulares entre as faixas etárias de pessoas com 10 anos ou mais de idade no Brasil, entre os anos de 2022 e 2023



Fonte: A autora, adaptado de IBGE (2024a).⁹

Entre as pessoas idosas, o acesso ao ciberespaço via internet aumentou consideravelmente de 2019 até 2023, passando de 44,8% para 66% da população idosa brasileira, apesar de ser o grupo da população brasileira que ainda acessa menos a internet, como mostra a figura 14, que sumariza o acesso de diferentes faixas etárias à internet no país de 2019 a 2023. Segundo o IBGE (2024a), a população idosa brasileira foi o público que apresentou o maior aumento de utilização durante o período.

Figura 14 – Número de pessoas com 10 anos ou mais de idade que acessaram à internet entre os anos de 2019 e 2023, no Brasil



Fonte: A autora, adaptado de IBGE (2024a).¹⁰

⁹ Adaptação feita pela autora a partir de imagem extraída de Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2023 in Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102107>. Acesso em: 18 out. 2024.

¹⁰ Adaptação feita pela autora a partir de imagem extraída de Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2023 in Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102107>. Acesso em: 18 out. 2024.

Vale salientar que os fenômenos observados neste período envolvem uma variável bastante importante na utilização de *smartphones* pelos brasileiros e, em especial, entre as pessoas idosas: a pandemia do COVID-19 e o distanciamento social, decretado pela OMS em março de 2020 (OMS, 2020), período no qual a tecnologia se apresentou ainda mais necessária. Em um ambiente no qual o contato físico e/ou a proximidade com outras pessoas representava um risco iminente à saúde, formas de comunicação que pudessem trazer interações sociais, mas com a devida segurança que a ocasião solicitava, foram muito ansiadas e bem-vindas.

Os recursos tecnológicos pelo uso da Internet foram uma das alternativas encontradas para enfrentar essa fase em que muitos se encontravam distantes de tudo e necessitavam resolver situações da vida diária, entre elas, as de relacionamentos e convivência social (Velho e Herédia, 2020, p. 2).

De acordo com Silva (2020), é necessário que aconteça a discussão sobre a importância da tecnologia na vida das pessoas e em suas interações sociais, pois, sem sua utilização do telefone celular e da internet, que foram chaves durante o período de quarentena, boa parte das pessoas estaria em isolamento social total e completamente solitárias.

Apesar de a pandemia marcar um contexto muito crítico para as pessoas e sociedades do todo o mundo, período no qual tantas pessoas faleceram em virtude do COVID-19, não se pode negar que este período impulsionou estudos em todas as áreas de conhecimento, configurando-se como uma janela, na qual a intensidade dos acontecimentos se revelou frutífera à pesquisa. Segundo Cardoso e Netto (2020) o período do distanciamento social foi bastante rico em subsídios de pesquisa. Os autores destacaram que no período pandêmico os antropólogos “passaram a encarar todo esse processo como um campo vasto de pesquisa para alguns e de reflexões para outros” (Cardoso; Netto, 2020, p. 227).

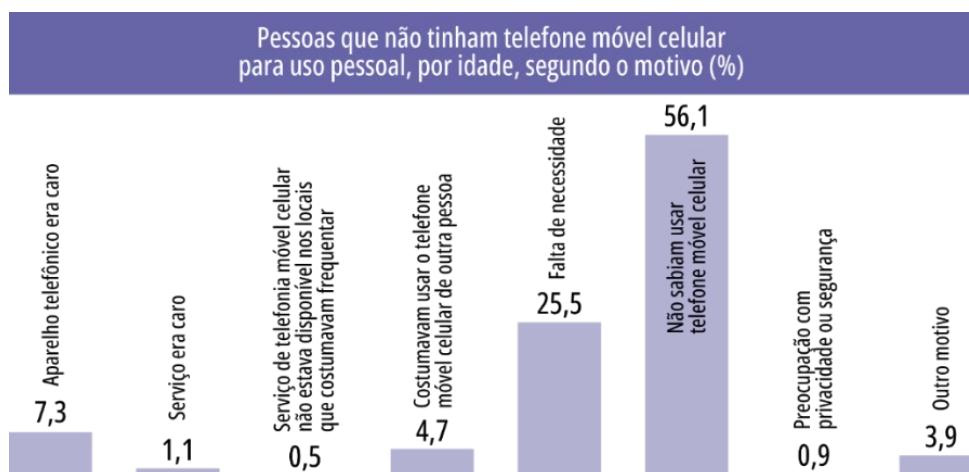
Além disso, o citado período se apresentou como um tempo em que a tecnologia foi bastante importante para a manutenção das relações sociais. De acordo com Silva (2020, p. 476 e 477), durante o período:

[...] boa parte da população no Brasil, é importante destacar que as interações sociais estão sendo realizadas cada vez mais à distância, fazendo com que a sociabilidade que se tornou mais comum e frequente no cotidiano das pessoas seja a sociabilidade do telefone em rede. [...] A sociabilidade do telefone em rede corresponde à nova sociabilidade comum, à sociabilidade urbana no mundo contemporâneo (Silva, 2020, p. 476, 477).

Todavia, apesar da potencialização de sua importância, os números mostram que, mesmo antes da pandemia começar, o *smartphone* já era o artefato digital mais utilizado entre os brasileiros desde 2016. Também entre pessoas idosas, pudemos observar que já havia um movimento crescente quanto ao uso de aparelhos celulares e acesso à internet, mesmo antes de março de 2020 (IBGE, 2024a).

Outra questão interessante a se observar na utilização do *smartphone* entre as pessoas idosas é que entre aquelas que não possuem o aparelho, duas razões se sobressaíram na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2023: 56,1% apontaram não ter o aparelho por não saber utilizar e 25,5% alegaram a falta de necessidade (figura 15). Esses números sugerem, entre outras coisas, que a falta de formação para este uso, assim como a falta de uma necessidade explícita que o justifique, contribuem para uma baixa utilização do *smartphone* por pessoas idosas.

Figura 15 – Motivos pelos quais as pessoas idosas que não têm o telefone celular alegam não possuir o aparelho



Fonte: A autora, adaptado de IBGE (2024a).¹¹

No Brasil, a tecnologia atravessa tanto a vida urbana como a rural. Em nosso país, ambas possuem altos níveis de acesso à internet. De acordo com o IBGE (2024a), em 2023, eram 94,1% dos domicílios brasileiros localizados na zona urbana e 81% das residências rurais que possuíam acesso à internet.

Se tantas pessoas, tanto no cenário rural quanto no urbano, utilizam-se dos

¹¹ Adaptação feita pela autora a partir de imagem extraída de Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2023 in Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102107>. Acesso em: 18 out. 2024.

serviços de internet e se o *smartphone* é o artefato mais utilizado para este fim atualmente, é difícil pensar em uma população idosa, que mesmo que não faça o uso direto do aparelho, não seja influenciado a este uso, mesmo que de forma indireta. A consciência dessa necessidade pela própria pessoa idosa pode não ser tão óbvia, pois, podem existir, em suas redes de relacionamentos, pessoas que executem as tarefas necessárias, sem que as pessoas idosas sintam falta de aprender a realizar determinadas ações, justamente porque contam com alguém que execute as tarefas de que necessitam. Como exemplo, podemos citar algumas situações recorrentes: um familiar se encarrega de marcar consultas médicas para uma pessoa idosa utilizando aplicativo; a pessoa idosa é ajudada por terceiros na realização transações bancárias via internet banking; e, até mesmo, como aconteceu durante o período de pandemia, a marcação de vacinas contra a COVID-19 das pessoas idosas foi frequentemente realizada por algum familiar.

O motivo destacado em primeiro lugar pelo IBGE (2024a) para o não uso das tecnologias digitais por determinadas populações - não saber utilizar o aparelho - demonstra como a falta de conhecimento pode impactar a utilização do *smartphone*, prejudicando a inclusão digital de pessoas idosas. Estudos como o de Mattos e Santos (2009) contribuem com a ideia de que a falta de informação, ou seja, de instruções e conhecimento sobre o tema, configuram um aspecto importante da exclusão digital, corroborando com os números trazidos pelo IBGE (2024a).

De acordo com as autoras, a exclusão social vai aumentando à medida que aumenta a exclusão digital. Este movimento acontece, porque à medida que as pessoas digitalmente incluídas têm mais acesso ao conhecimento, complementando seu repertório, os excluídos não têm acesso às informações básicas e nem a novos conhecimentos. Portanto, uma pessoa que passa mais tempo para ter acesso ao recurso tecnológico terá menos *insights* que a façam saber como adquirir ainda mais informações e conhecimento acerca do uso dessas tecnologias. Não basta o fornecimento de uma infraestrutura básica para que um indivíduo seja incluído, sendo necessário proporcionar caminhos para que ele próprio possa saber buscar as informações necessárias para se aprimorar cada vez mais, já que se trata de uma questão de conhecimento. De acordo com Prestes e Alfaro (2020, p. 1), “[...] não basta dar um celular ao idoso, é preciso ensiná-lo a usar, explicar a utilidade do aparelho e,

assim, promover sua inserção social”.

Por conta das novidades relativamente recentes trazidas pela cultura digital, qual grande parte do tempo de suas vidas das pessoas idosas de hoje aconteceu de forma ainda analógica. De acordo com Tilvitz e Areosa (2022, p. 11), algumas delas relatam que “quando jovens, não havia muitos recursos tecnológicos disponíveis”. Se no cenário brasileiro se evidencia certa exclusão digital mesmo entre pessoas que nasceram em um contexto tecnológico, em função das condições sociais e de renda – seja pela falta de recursos econômicos para obter os equipamentos ou pela falta de acesso ao conhecimento necessário – as pessoas idosas, que tiveram menos ou nenhum tempo de acesso às tecnologias digitais em suas vidas, terão que acelerar o processo de inclusão, adquirindo conhecimento de maneira formal ou informal. Se considerarmos um mercado tecnológico onde as necessidades da pessoa idosa ainda não são totalmente levadas em consideração na hora da concepção de um artefato, essa defasagem se acentua ainda mais. De acordo com Tilvitz e Areosa (2022, p. 15):

Seria de grande relevância para esse público, as empresas pensarem em criar tecnologias mais acessíveis para pessoas a partir dos 60 anos, promovendo soluções inteligentes, que possibilitassem o manuseio e aprendizado de forma mais simplificada.

No entanto, se o círculo social de uma pessoa idosa, como família, amigos ou outros entes da comunidade ou Estado, se engajarem no propósito de fazer chegar até ela, além do artefato tecnológico, a informação e o conhecimento necessários para a sua inclusão digital, o abismo de experiência evidenciado entre incluídos e excluídos poderá ser reduzido.

De acordo com Pires e Marques (2022), diversos podem ser os benefícios do uso da tecnologia na vida de uma pessoa idosa: além de proporcionar a inclusão digital em si, também pode oferecer maior independência, possibilidade de se manter a mente sempre em atividade, benefícios quanto à autoestima, à confiança, proporcionar meios para evitar a solidão e carência emocional e fazê-la se sentir mais útil e aceita pela sociedade.

Vários podem ser os exemplos de exclusão digital: tanto o caso de uma pessoa idosa que tenha um *smartphone*, mas que não tenha recebido instrução adequada que possibilite um uso mais pleno e confiante; quanto o caso de uma pessoa idosa que tenha familiares ou amigos que realizam as ações pela pessoa idosa, ao invés de

orientá-la para que ela própria, de posse de suas próprias capacidades, possa executar a atividade. Ambas as situações configuram formas diferentes de exclusão e impedem a autonomia e a independência da pessoa idosa. Neste último caso, o processo de exclusão pode ser invisível para a própria pessoa idosa, que em função de ter suas necessidades quanto ao ambiente virtual atendidas, mesmo que por uma outra pessoa, não consiga se ver em um contexto de exclusão, contribuindo com uma ideia de que não necessita dos artefatos e do uso efetivo das tecnologias digitais.

Entre pessoas idosas que não possuem rede de apoio que as instrua ou que realize as ações em seu lugar; ou mesmo nos casos em que essas pessoas não queiram depender de outras para a realização de suas atividades, a necessidade de aprender possivelmente se apresentará de maneira mais efetiva, podendo gerar desejo por independência e autonomia.

Portanto, o surgimento de necessidades explícitas, aliadas à vontade da pessoa idosa de manter ou criar novas relações sociais, bem como de se manter aprendendo e se desenvolvendo, poderão servir como motores para o aprendizado da tecnologia, podendo contribuir para o desenvolvimento de sua habilidade funcional, essencial ao envelhecimento saudável, segundo a OPAS/OMS (2022).

As necessidades que podem motivar a utilização das tecnologias podem se apresentar em função de várias situações, na vida de uma pessoa idosa. A utilização de aplicativo bancário para pagamento de contas, a necessidade de comunicação com familiares que moram longe ou até mesmo a marcação de vacinas, como foi necessário na época do isolamento social, por exemplo, podem impulsionar o aprendizado e a utilização do *smartphone* para atender a estas necessidades através do ambiente digital para tal. De acordo com Preste e Alfaro (2020, p. 1), “a grande maioria dos idosos apenas utiliza as tecnologias quando percebem que as funcionalidades são úteis e poderão facilitar a sua vida”.

Entretanto, se ao invés do engajamento no aprendizado, as atividades forem simplesmente realizadas por outras pessoas, sem a participação efetiva dos idosos, as necessidades até poderão ser atendidas; nesse caso, em detrimento da capacidade de autonomia e independência da pessoa idosa, não contribuindo para a sua habilidade funcional.

Portanto, pode-se afirmar, numa perspectiva ideal, que as relações sociais que

cercam as pessoas idosas deveriam se constituir de modo a possibilitar o aprendizado do mundo e capacitação para as demandas atuais de suas vivências; e não, limitá-las. De acordo com Ivorra *et al.* (2022), as relações com família e amigos podem ajudar a reduzir barreiras e dificuldades que a pessoa idosa possa ter no uso da tecnologia, pois, a interação intergeracional pode ajudar o público idoso a aprender sobre novas tecnologias, além de estimular o uso e a incorporação de artefatos tecnológicos em seu cotidiano. A colaboração entre pessoas com diferentes faixas etárias e com experiências tecnológicas diversas pode ajudar no fenômeno da inclusão digital. Batista *et al.* (2015), destacam que o contato intergeracional pode permitir uma maior inclusão digital de pessoas idosas.

De acordo com Tsai; Shillair; Cotten (2017), ter pessoas da família no momento do aprendizado inicial da tecnologia pode ajudar muito na inclusão digital de uma pessoa idosa, pois, segundo as autoras, aquelas que tem familiares, amigos e pessoas de confiança, sentem-se mais seguras no momento de colocar em prática o aprendizado de tecnologias, ao passo que aquelas que não tem familiares ou pessoas de apoio apresentam mais de dificuldades no aprendizado.

Portanto, no sentido do envelhecimento saudável, é necessário que os grupos sociais que cercam as pessoas idosas possam entender como esse aprendizado influencia a forma como elas se sentem frente ao uso de tecnologias, em especial o uso do *smartphone*, pois, como já foi dito, a confiança gerada nas relações interpessoais favorece o aprendizado, a autonomia e a habilidade funcional; além disso, é dever da sociedade, da comunidade e do Estado entender as necessidades das pessoas idosas para supri-las e, com isso, se chegar ao envelhecimento saudável (OPAS/OMS, 2022).

3.2 SMARTPHONE E O VALOR SIMBÓLICO PARA A PESSOA IDOSA

É dever da sociedade como um todo observar as necessidades das pessoas idosas em todas as áreas de suas vidas, de acordo com a OPAS/OMS (2022). Portanto, entender quais são as suas demandas, quais delas podem ser contempladas (ou terem seu atendimento beneficiado) com a utilização do *smartphone*, perceber como este uso é representado pela sociedade e de que forma impacta a vida dessas pessoas é de extrema importância, no sentido da promoção do envelhecimento saudável, pois,

de acordo com Bernardo (2020, p. 1), “a infoinclusão pode contribuir para uma vida mais longa, digna e com qualidade”.

Utilizar as tecnologias, estar em contato com artefatos tecnológicos e se sentir bem utilizando o ciberespaço não são situações que normalmente estão ligadas ao público idoso. Estigmas e preconceitos ainda estão presentes na sociedade, quando se fala na utilização de tecnologias, mesmo em tempos em que a participação das pessoas idosas no meio digital vem aumentando consideravelmente, como atestam os números pelo IBGE (2024a).

Na realidade, apesar do aumento numérico de pessoas idosas que fazem uso de equipamento de tecnologia digital, muitas ainda não se sentem preparadas para utilizá-los, o que pode ser atribuído a uma forma de ansiedade que é fruto dos preconceitos que sofrem. De acordo com Bernardo (2022, p. 2):

[...] o idadismo direcionado à pessoa idosa configura-se como um obstáculo ao processo de inclusão digital. Pensar que a idade é incompatível com a aprendizagem leva à criação de estereótipos que não considera [sic] o envelhecimento em sua diversidade e individualidade, com o risco de criar uma representação da velhice não realista. O preconceito etário em relação às pessoas idosas gera uma ansiedade gerontecnológica e baixa percepção da autoeficácia, levando a conflitos intergeracionais e abandono das tecnologias.

O antropólogo, sociólogo e filósofo Claude Lévi-Strauss (1975, p. 1), em seu texto *O feiticeiro e sua magia* - onde o autor examina a eficácia simbólica de práticas mágicas e xamânicas explorando um específico sistema de crenças, durante sua estadia entre grupos indígenas do Brasil central entre os anos de 1935 e 1939 - reflete sobre o que Cannon (1942, apud Lévi Strauss, 1975) chama de morte por conjuro ou enfeitiçamento, onde:

[...] um indivíduo, consciente de ser objeto de um malefício, é intimamente persuadido, pelas mais solenes tradições de seu grupo, de que está condenado; parentes e amigos partilham desta certeza.

O autor explana a forma como tradições e crenças do grupo podem vir a persuadir um indivíduo - como no caso de seu estudo, de que está acometido por um mal grave - em função do que o seu grupo imagina e acredita a seu respeito. Este estudo integra as reflexões sobre a concepção de *magia* partilhada entre sociedades de estrutura simples (ou tribais, nas palavras do autor). Mesmo se tratando de uma estrutura diferente de sociedade ocidental e atual na qual essa pesquisa se desenvolve, podemos fazer um paralelo entre as reflexões sobre magia cunhadas

pelo autor e a ideia que a nossa sociedade tem a respeito da relação da pessoa idosa com tecnologias atuais. A depender do contexto social do qual faz parte e dos estigmas e preconceitos que outras categorias sociais possam ter para com a relação pessoa idosa com novas tecnologia, a crença na incapacidade dos idosos em aprender sobre (e efetivamente usar) tecnologias digitais, pode pesar sobre o desempenho deste público quanto ao uso do *smartphone*. Conforme já citado, de acordo com Lévi-Strauss (1975), a crença na magia não ocorre de forma isolada; ela depende de fatores associados para que exista e expresse eficácia, ou seja, prescinde de crenças compartilhadas pelos membros de uma sociedade. Portanto, para que haja uma crença, e no caso do estudo de Lévi-Strauss (1975), exista fé na prática da feitiçaria, o autor aponta três aspectos fundamentais: o feiticeiro deve acreditar no poder de sua própria magia; a vítima, que está sendo enfeitiçada ou tratada, precisa acreditar no enfeitiçamento e na possibilidade de cura; e a coletividade deve confiar na eficácia da magia.

As crenças têm o poder de moldar as dinâmicas sociais, direcionando ações e influenciando os ritos e atividades cotidianas de uma comunidade. Por sua vez, Bronislaw Malinowski (1988), outro pesquisador expoente da antropologia clássica, ressalta que as crenças existentes em uma sociedade impactam diretamente as ações e os comportamentos dos indivíduos, tanto no nível pessoal quanto coletivo.

Malinowski identifica três grupos de pensamentos relacionados às crenças. O primeiro é formado pela opinião dos especialistas, considerada pelas demais pessoas da sociedade a visão mais ortodoxa, capaz de influenciar significativamente outros grupos, ainda que não abarque todos os pontos de vista da comunidade. O segundo grupo engloba as opiniões gerais, ou seja, as crenças da maioria, representando a visão coletiva da comunidade. Por fim, há as opiniões individuais, que refletem o que cada pessoa pensa de maneira particular sobre a crença.

Com isso, é possível perceber a relevância de compreender não apenas o que a pessoa idosa pensa sobre sua relação com a tecnologia e seu significado, mas também considerar, nessas reflexões, o que o pensamento coletivo do grupo social a respeito desta relação. Essa análise ajuda a entender o impacto que uma crença social pode ter na adoção ou rejeição das tecnologias digitais por pessoas idosas, bem como no processo de aprendizado dessas ferramentas. Portanto, as crenças que têm

aqueles grupos que cercam as pessoas idosas a respeito da sua inclusão no mundo digital - se julgam que idosos são capazes (ou não) de utilizar adequadamente artefatos digitais - podem contribuir muito efetivamente para inserir ou excluir essas pessoas do contexto digital.

No contexto do estudo de Lévi-Strauss (1975), o *feitiço* que acometia o *enfeitiçado* fazia com que ele já fosse considerado por todos morto e à margem da sociedade, já que se constituía a ideia de que sua vida estava no fim e que, por esta razão, este indivíduo passava a ser privado de seus elos familiares e sociais. Fazendo uma analogia da relação da pessoa idosa com tecnologia atuais com a forma como a sociedade tratava o *enfeitiçado*, podemos observar como, em função do envelhecimento (ou do se estado considerado “de velhice”, sinônimo de algo que não é visto com bons olhos na nossa cultura e no mundo contemporâneo em geral) pessoas idosas são frequentemente privadas de suas relações, destituídos de poder e excluídas de certos contextos de vivências, como se não houvesse mais a necessidade de aprendizado ou inclusão dessas pessoas em certos campos de experiências sociais em função do avanço da idade.

Neste sentido é necessário observar também como as crenças sociais podem influenciar a forma como a pessoa idosa se vê na relação com o contexto digital. Ou seja, considerar a influência do olhar do outro (olhares externos) sobre a forma como a pessoa idosa se sente em relação à tecnologia e, em função disso, o sentido atribui que atribui a esta relação. Em síntese, o jogo relacional estabelecido entre os representantes das diferentes categorias de atores sociais que mantém vínculos com os idosos, seja pela relação familiar ou seja por outras vinculações, nos parece fundamental na promoção da inclusão digital deste segmento etário e social.

Do mesmo modo, utilizando o conceito de “ideias sociais”, de Malinowski (1988) - que se refere a concepções que ganham força e passam a se disseminar por toda a sociedade - na análise da relação da pessoa idosa com tecnologias diversas, podemos dizer que ações que promovam a ideia de que a pessoa idosa é capaz de aprender e efetivamente utilizar o *smartphone* de forma satisfatória em suas necessidades de vida cotidiana guardam forte potencial de transformação da relação da sociedade com as pessoas idosas.

Nesse contexto, destacamos a relevância de iniciativas que objetivam a

promoção deste entendimento, como oficinas de utilização e outras estratégias levadas por centros de atendimento e orientação de idosos, para que este público venha a se entender como capaz e a interagir cada vez mais com diversas tecnologias atuais. Destacamos também o papel das pesquisas acadêmicas e técnicas sobre o tema da inclusão digital de pessoas idosas visando dirimir estigmas e preconceitos sociais, que ainda se mostram muito frequentes em nossa sociedade.

Nesta analogia, familiares, amigos e pessoas de outros de grupos sociais que cercam as pessoas idosas representam a sociedade mais ampla (este olhar do outro), que pode dar corpo à crença de que as pessoas idosas não são capazes de aprender e ter uma boa relação com a tecnologia e com o *smartphone*; ou, ao contrário, podem ser agentes que venham a contribuir para uma melhor relação das pessoas idosas com essas tecnologias, caso as crenças se modifiquem.

De acordo com Barros *et al.* (2020, p. 1), em um estudo de extensão realizado com uma equipe de professores, alunos e psicólogos do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) com o objetivo de entender os impactos e repercussões da participação de pessoas idosas em um projeto de inclusão digital, na cidade de Campina Grande – PB:

[...] os participantes da pesquisa demonstram satisfação em relação ao mundo digital, principalmente no que concerne aos seus benefícios, porém eles ainda não se veem como proficientes em relação ao uso das ferramentas tecnológicas.

No estudo realizado por Barros *et al.* (2020), apesar das dificuldades, as pessoas idosas que participaram se sentiram satisfeitas em poder entrar em contato com a tecnologia explorada e por estarem aprendendo sobre o assunto.

Várias podem ser as necessidades que venham a fazer uma pessoa idosa superar suas dificuldades e se colocar no caminho do aprendizado para resolver as suas questões. Essa prática pode vir a ter um significado importante para uma pessoa que consegue aprender algo no sentido de atender às suas necessidades, que por sua vez, podem ser resolvidas através da tecnologia e dos artefatos digitais. De acordo com Barros *et al.* (2020), as pessoas que participaram do estudo apresentaram três categorias de motivação para participar do projeto de inclusão digital: “desejo de incluir-se na sociedade informatizada, busca por novos conhecimentos e procura por mais interação familiar e social” (Barros *et al.*, 2020, p. 187).

As motivações encontradas pelos autores fazem um paralelo com as

capacidades que compõem a habilidade funcional definida pela OPAS/OMS (2022) no sentido do envelhecimento saudável. O desejo da inclusão em um contexto informatizado e de buscar novos conhecimentos indicam necessidades ligadas à habilidade funcional de “aprender, desenvolver e tomar decisões” (OPAS/OMS, 2022, p. 11). Ambas seguem na direção de autonomia, independência e liberdade para as pessoas idosas que estão incluídas em um contexto informatizado e se sentem parte dele, objetivando fomentar cada vez mais essa independência através da aquisição de conhecimentos e competências.

Já a motivação da interação familiar e social está ligada à “capacidade de construir e manter relacionamentos” (OPAS/OMS, 2022, p. 11), item importante para a construção de um envelhecimento saudável, de acordo com a OPAS/OMS (2022). Para Pires e Marques (2022), as pessoas idosas seguem tentando se adaptar ao contexto digital para conseguirem se manter socialmente ativas e incluídas no mundo globalizado.

Barros *et al.* (2020) também abordam os impactos, ou seja, a forma como o projeto foi percebido pelas pessoas pesquisadas. Podemos dizer que o conhecimento adquirido durante o projeto significou algo para estas pessoas, portanto agora elas seguem transformadas por esta oportunidade de entrar em contato com a tecnologia. Os autores citam o “menor sentimento de exclusão social, satisfação com o aprendizado e melhora na autoestima” (Barros *et al.*, 2020, p. 188) como sensações descritas pelas pessoas pesquisadas que participaram das ações de extensão, representando o que significou o contato com a tecnologia para essas pessoas, portanto, o significado daquele aprendizado, daquele contato (Barros *et al.*, 2020).

Apesar de ter sido realizado com a utilização de computadores e não com *smartphones*, o estudo sugere que iniciativas que promovam o aprendizado de tecnologias é importante para que as pessoas idosas tenham um pouco menos de receio de entrar em contato com os artefatos tecnológicos e com o ciberespaço, bem como para que professores e alunos possam aprender mais sobre as necessidades das pessoas idosas.

Um dos resultados mais relevantes deste projeto foi ter contribuído para concretizar uma proposta de educação/aprendizagem intergeracional. Esta experiência revelou-se muito positiva, com benefícios importantes tanto para os idosos, quanto para os graduandos. Os idosos tornaram-se mais confiantes diante da tecnologia e os jovens professores puderam adquirir uma compreensão maior de uma série de dimensões que influenciam o

comportamento desses sujeitos nas aulas: o papel que ocupam na sociedade, as experiências vividas, os traços individuais, entre outros (Barros *et al.*, 2020, p. 189).

Portanto, além de demonstrar como a educação consegue proporcionar uma confiança maior da própria pessoa na sua relação com a tecnologia, o estudo mostra como a sociedade, neste caso na perspectiva da academia, procura entender o que a tecnologia pode significar para as pessoas idosas e trabalhar em prol da melhoria desta relação, a fim de fomentar as capacidades técnicas que compõem a habilidade funcional da pessoa idosa, objetivando um processo de envelhecimento mais saudável, em conformidade com as reflexões da OPAS/OMS (2022).

Identificar o que leva uma pessoa idosa a utilizar ou não um *smartphone*, considerando também as dificuldades concretamente envolvidas com este uso, promove uma compreensão mais efetiva desta problemática, que é fundamental para o planejamento de caminhos (ações, projetos, políticas sociais) que viabilizem uma relação mais amigável das pessoas idosas com artefatos tecnológicos, em detrimento das possíveis dificuldades.

Usufruir destas tecnologias, serve como dispositivos potencializadores aos idosos, pois a utilização frequente dessas ferramentas inicia o processo de dominação por parte delas, embora seja de forma mais demorada do que a de um adolescente, por exemplo (Tilvitz e Areosa, 2022, p. 31).

As autoras ainda citam que, apesar do mercado tecnológico não incluir a facilitação das tecnologias para pessoas que nasceram antes de suas criações, como as pessoas idosas, da não familiaridade delas com as tecnologias em função disso e do receio da manipulação de certos dispositivos tecnológicos, parte das pessoas idosas abordadas em pesquisas diversas indicam sempre que gostariam de ser inseridas no meio digital, ao contrário do que se dissemina enquanto estigmas e preconceitos direcionados a este público.

De acordo com Cardoso (2016, p. 59), experiência do artefato é o “[...] modo como um objeto é percebido por seus usuários”. Portanto o modo como uma pessoa idosa se vê utilizando um *smartphone* e a maneira como essa experiência acontece e é representada – como positiva ou negativa – poderá implicar diretamente na forma como um usuário idoso dá significado ao *smartphone*.

Identificar as demandas e as carências que levam uma pessoa idosa a necessitar ou desejar utilizar um *smartphone*; bem como entender quais as

dificuldades na utilização e os impactos que o artefato pode causar em sua vida, de modo que sua experiência possa ser transformada, portanto, são questões importantes de pesquisa que se propõem a subsidiar o desenvolvimento desses artefatos. O planejamento de artefatos que incluam idosos deve atentar prioritariamente às necessidades desses usuários, com foco em suas características específicas, ou seja, utilizando-se da abordagem centrada na pessoa, tal como sugeridos pela OPAS/OMS, (2022).

O processo de abordagem centrada na pessoa vai contribuir para que sejam observados os contextos específicos dos idosos, com suas particularidades e a experiência que possuem (ou não) na utilização de um determinado artefato tecnológico. Essa experiência, que segundo Cardoso (2016) acontece associada à imagem mental que um usuário tenha do artefato, vai possibilitar que um significado seja atribuído por este usuário ao artefato. No entanto, as pessoas idosas não serão os únicos a atribuir este significado. Ainda, de acordo com o autor, todas as pessoas que participam do processo de criação e fabricação de produtos também participam na construção deste potencial de significação, que é germinado desde o planejamento do artefato, pois sem um sujeito que dê significado ao objeto, ele não representa nada, ou seja, o significado surge da relação entre os sujeitos relacionados (criadores e público) aos artefatos, que dão contexto aos problemas projetuais.

É importante salientar que, a depender da comunidade onde se insere o artefato, ele terá um significado relacionado às particularidades de cada uma delas e de seus componentes. “É a comunidade que determina o que o artefato quer dizer” (Cardoso, 2016, p. 62). Ou seja, a depender da comunidade onde o *smartphone* seja utilizado, seu significado será construído (ou alterado), em função do contexto sociocultural, político e econômico de cada comunidade, bem como afetado pelas formas individuais de percepção do artefato, dando corpo a um imaginário coletivo acerca do objeto.

Também é importante destacar que apesar do desejo da pessoa idosa em se incluir digitalmente e dos benefícios que a tecnologia pode oferecer à vida das pessoas idosas, é necessário observarmos até que ponto este uso é de fato saudável e não oferece riscos à manutenção das relações sociais da pessoa idosa. De acordo com o estudo de Ivorra *et al.* (2022, p. 4) a respeito do papel da família no apoio ao

aprendizado do *smartphone* por pessoas idosas, as pessoas entrevistadas:

[...] reconhecem que, mesmo tendo interesse em se incluir digitalmente, seu uso de forma não equilibrada pode trazer consequências negativas para as relações sociais, promovendo distanciamento entre as pessoas, mesmo se estiverem no mesmo ambiente físico [...] (Ivorra et al., 2022, p.4).

Por isso, é necessário que profissionais que trabalham no projeto de desenvolvimento de artefatos tecnológicos, como o *smartphone* - que também são usuários, de acordo com Cardoso (2016), no entanto, pertencentes às suas próprias comunidades - se preocupem com a maneira com que este artefato irá impactar o público idoso, pertencente a comunidades específicas, com suas particularidades, necessidades etc. Para tanto, é necessário que as pessoas idosas possam ser ouvidas neste processo, para que tenham a possibilidade de explicitar o que o *smartphone* significa para elas em suas várias possibilidades de interação e de que forma esta relação pode impactar, tanto positiva como negativamente suas vidas.

Apesar das especificidades (e distinções) das sociedades estudadas por Malinowski (1988) e Lévi Strauss (1975) em relação ao modelo de sociedade ocidental atual, que vivencia características como forte individualismo e forte adesão às práticas e artefatos digitais, os estudos antropológicos desenvolvidos por esses autores também são importantes para a abordagem da cibercultura, pois nos ajudam na compreensão de como significados são atribuídos a objetos a partir do ponto de vista de quem os vivencia e como podem variar e se transformar de modo sistêmico, dentro de uma mesma sociedade.

Em seu estudo, Lévi-Strauss (1970) retoma Franz Boas (1930), no qual, o autor cita o caso de um xamã, inicialmente cético, mas que se torna um feiticeiro de sucesso na sua comunidade e nas adjacências em função de magias realizadas, que envolviam com objetos que simulavam a personificação da doença retirada do corpo de um paciente por ele tratado. Assim, plumas ensanguentadas e outros truques e artefatos se transformavam em símbolo da existência dessa crença para as pessoas da comunidade e se tornavam centrais na evidenciação dos fenômenos que atestavam as práticas de magia. A descrição evidencia a importância desses objetos na produção e materialização sistemática da crença, dando-lhe substância, corporeidade.

Malinowski (1988) em seus estudos, igualmente se interessava em acessar o ponto de vista dos integrantes das comunidades estudadas em relação a objetos e

ritos objetivando um olhar de dentro para fora da comunidade, e não o contrário. Para o autor, os ritos realizados e os objetos utilizados trazem implicitamente as crenças incrustadas na imaginação da sociedade. Malinowski cita um exemplo explorado, quando do seu estudo realizado nas Ilhas Trobriand, no início do século XX, no qual descreve que, no tempo que passou junto à comunidade, os mortos eram adornados com seus objetos de valor; ou seja, suas riquezas eram dispostas ao seu lado dos corpos dos que morriam. Segundo o autor, as riquezas seriam o pagamento a *Topileta*: o responsável pela entrada do espírito do morto (*baloma*) na ilha de Tuma, o local imaginário sagrado ao qual os espíritos deveriam se dirigir quando morressem.

Na perspectiva atual do design, segundo Cardoso (2016), o artefato – a matéria prima já transformada e configurada a partir de uma ideia, um projeto - vai adquirir significação a depender da experiência que se tem com ele, assim como o xamã faz uso de um objeto da natureza e utiliza a experiência da magia para lhes atribuir outro significado; por sua vez, os nativos das Ilhas Trobriand intensificam o significado da riqueza de um morto para pagamento de sua passagem para sua vida pós morte. Nos dois contextos, o artefato terá o significado que provém da experiência que se tem com ele e com tudo que ele significa em determinado momento (ou significará no futuro), a depender da necessidade momentânea que venha a surgir; o valor simbólico dos artefatos poderá se transformar, a depender do contexto ao qual seja associado.

Compreender o percurso na construção do significado de um artefato digital particular – o *smartphone*, na experiência específica de um grupo de idosos passou a constituir, após a discussão teórica empreendida neste tópico, uma das balizas fundamentais do nosso estudo.

4 ESTUDO DE CASO: O VALOR SIMBÓLICO DO *SMARTPHONE* NO CENTRO DE REFERÊNCIA MUNICIPAL DA PESSOA IDOSA

A pesquisa foi desenvolvida no órgão da administração municipal da cidade de João Pessoa que executa um trabalho social com pessoas idosas: o Centro de Referência Municipal da Pessoa Idosa (CRMPI) - (figura16). Localizado na Rua Ana Guedes de Vasconcelos, S/N, bairro do Altiplano Cabo Branco, em João Pessoa, na Paraíba. O CRMPI é vinculado à Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania (SEDHUC), que é um órgão pertencente à administração municipal.

Figura 16 – Fachada do Centro de Referência Municipal da Pessoa Idosa (CRMPI), localizado na cidade de João Pessoa – PB



Fonte: Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP, 2021).¹²

O CRMPI promove, além da interação entre o próprio grupo de idosos frequentadores, o contato com a sociedade mais ampla, através de cursos, oficinas e outras vivências de natureza pedagógica e assistiva, tais como: alongamento na piscina, câmbio (espécie de vôlei adaptado), artesanato (crochê), ginástica gerontológica, hidroginástica, aeróbica funcional, coral, dança, dinâmicas de grupo (teatro) e reiki (terapia alternativa).

A maioria das práticas desta pesquisa aconteceu dentro das dependências do local, sendo algumas realizadas em visitas externas, de acordo com o calendário

¹² Disponível em: joaopessoa.pb.gov.br/noticias/prefeitura-de-joao-pessoa-inicia-nesta-quinta-feira-atividades-da-semana-municipal-da-pessoa-idosa/. Acesso em 15 mar. 2024.

definido pela instituição e com sua anuência. Em alguns casos, dada a necessidade de privacidade, locais dentro das dependências da instituição eram escolhidos, visando a segurança, o conforto dos participantes e o sigilo das suas informações, preservando-se, desta forma, a integridade e a privacidade da pessoa pesquisada. Conforme as fases de pesquisa definidas por Minayo (2009), este estudo foi também organizado em três fases.

4.1 FASE 01: EXPLORATÓRIA

Como primeira etapa, a fase exploratória comportou a pesquisa bibliográfica. Minayo (2009, p. 26):

A fase exploratória consiste na exploração de artigos, teses, dissertações, livros, anais de eventos em repositórios acadêmico produção do projeto de pesquisa e de todos os procedimentos necessários para preparar a entrada em campo.

A pesquisa bibliográfica foi realizada através da exploração de artigos, teses, dissertações, livros, anais de eventos e periódicos, em repositórios acadêmicos (como o Portal de Periódicos da Capes, dentre outros) e teve como objetivo acessar o Estado da Arte em meio às pesquisas já realizadas sobre o assunto. Esta fase objetivou que fossem abarcados um panorama geral dos estudos da pessoa idosa no Brasil e no mundo, a abordagem das relações sociais e a forma como a sociedade lida com pessoas idosas; além de como as essas relações são mediadas pela tecnologia e pelo uso de artefatos digitais, especificamente o *smartphone*. Nas leituras dos textos selecionados, buscamos atentar às informações relativas à forma como as pessoas idosas se entendem no uso desta tecnologia.

4.2 FASE 02: TRABALHO DE CAMPO

A fase contou com a pesquisa de campo propriamente dita. Em função da necessidade de uma maior aproximação da pesquisadora com o grupo, algumas formas prévias de interação foram implementadas, objetivando a criação de um elo inicial para garantir a densidade das informações buscadas nas fases seguintes. Como a etapa de entrevistas contaria com informações acerca de seus contextos pessoais e poderia tocar em períodos críticos da vida, como foi o caso do isolamento social e outros períodos marcados por dificuldades ou por alguma carga emocional de outra

natureza, esse contato inicial e a criação deste elo foi extremamente importante para que tanto as pessoas idosas quanto os assistentes administrativos do local pudessem ficar à vontade com a pesquisadora.

A aproximação inicial aconteceu através da observação participante nas aulas da Oficina da Memória (atividade proposta e realizada rotineiramente pela instituição, em prol da saúde cognitiva dos informantes). A observação proporcionou uma melhor compreensão acerca dos perfis socioculturais das pessoas que frequentam o CRMPI. Além disso, permitiu acesso da pesquisadora à rotina do local, familiarização com os frequentadores e a possibilidade de entender as dinâmicas sociais presentes.

Através das observações participantes objetivamos também obter informações a respeito do público, que era composto por uma turma de 40 pessoas idosas e da qual foram selecionadas somente algumas pessoas para serem entrevistadas, além de profissionais que trabalham no local. Além de identificar os vários perfis de frequentadores da instituição, atentamos para as diferentes formas de relação de pessoas idosas com o *smartphone* e com as pessoas do lugar.

Foram feitas fotografias durante as práticas de observação objetivando reunir mais elementos para o processo de análise das interações entre pessoas idosas e seus *smartphones*. Para a utilização desses materiais no corpo da dissertação foram utilizados recursos gráficos, de modo a preservar as identidades dos informantes. Após a observação, foi iniciada a triagem e recrutamento de pessoas para a participação na fase posterior: a fase das entrevistas semiestruturadas.

Para as entrevistas contamos com uma amostra composta por nove pessoas idosas e quatro assistentes administrativos, quantitativo com o qual se pôde observar os diversos perfis de frequentadores e administradores do centro. Tal amostra foi definida de maneira não-probabilística, utilizando-se o método que Gil (2008) denominado como 'por acessibilidade ou conveniência', que é apontado por este autor como adequado às pesquisas qualitativas. No método o autor define que o pesquisador poderá selecionar sua amostra com base no acesso que tem aos informantes, bem como considerando o esforço que lhe é possível para a etapa de coleta de dados, utilizando-se para tal, se julgar pertinente, critérios próprios de exclusão de indivíduos do grupo de pessoas acessadas, selecionando um subgrupo

que represente bem o universo a ser estudado.

Quanto às pessoas idosas, foram utilizados os seguintes critérios: 1) Fazer parte do grupo de frequentadores do Centro de Referência Municipal da Pessoa Idosa (CMRPI); 2) Ser participante das atividades regulares da Oficina da Memória (atividade promovida rotineiramente pela instituição); 3) Utilizar o *smartphone* para suas atividades cotidianas; 4) Expressar vontade e disponibilidade de participar da entrevista.

Quanto aos técnicos administrativos, os critérios utilizados foram: 1) Fazer parte do grupo administrativo do Centro de Referência Municipal da Pessoa Idosa (CMRPI); 2) Exercer função que ofereça contato direto com as pessoas idosas que frequentam a instituição; 3) Expressar vontade e disponibilidade em participar da entrevista.

Enquanto as interações na etapa de observação participante foram extensivas a todos participantes destas oficinas, os convites para as entrevistas individuais foram feitos particularmente e exclusivamente aos informantes identificados como adequados, de modo a não gerar expectativas não cumpridas entre os frequentadores do citado centro.

As entrevistas semiestruturadas contaram com a utilização da técnica de relato oral, definida pela socióloga e professora Maria Isaura Pereira de Queiroz (1988). O roteiro de entrevistas contemplou informações acerca do contexto sociocultural da pessoa idosa, bem como informações sobre sua relação com a tecnologia digital e, especificamente, com o *smartphone*, antes, durante e após o período de isolamento social (ver Apêndice A).

Portanto, as entrevistas serviram para recuperar informações sobre a utilização do *smartphone* durante a pandemia, bem como em outros períodos e contextos vividos pelas pessoas idosas, no exercício de suas atividades cotidianas. Além disso, buscaram obter dados mais precisos sobre a relação dessas pessoas com a tecnologia no período atual, os impactos da necessidade de utilização nos momentos críticos, os efeitos do aprendizado tecnológico na vida das pessoas idosas e a percepção do público sobre os artefatos tecnológicos, mais especificamente, sobre ao *smartphone*.

Durante o processo de entrevistas foram feitas gravações em áudio. Todo

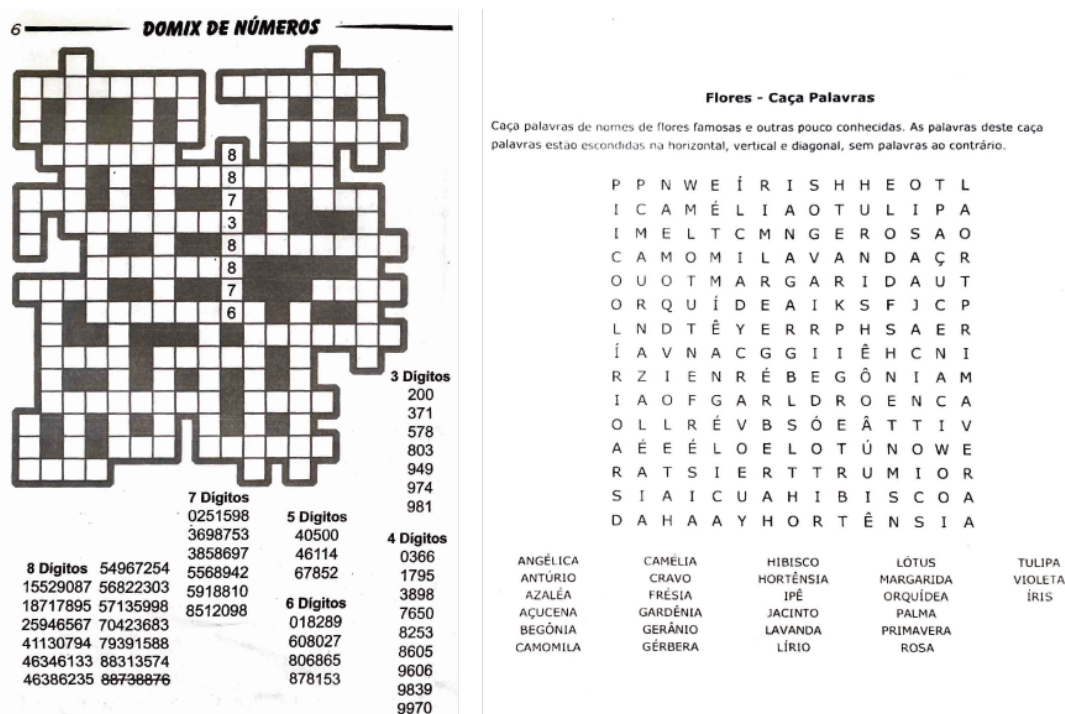
material foi transcrito e tratado a fim de preservar a identidade de cada participante.

Foi utilizado como documento de aceite o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice C). Cada participante identificado como adequado à pesquisa recebeu particularmente, além das informações detalhadas sobre a pesquisa, instruções sobre os procedimentos adotados na entrevista. Realizado o aceite verbal para efetivação da participação, os selecionados assinaram o termo para que pudesse ter início o procedimento.

4.2.1 Observação Participante

Os dados trazidos nesta seção são provenientes das horas de observação participante realizadas ao longo das aulas da Oficina da Memória. A turma era composta oficialmente por 40 pessoas idosas, no entanto, normalmente nem todas as pessoas participavam de todas as aulas; a frequência variava num intervalo de 25 a 35 pessoas, a depender do calendário. Durante os encontros deste grupo eram realizadas tarefas visando estimular a cognição das pessoas presentes, como: palavras-cruzadas, caça-palavras, criptogramas, quebra-cabeças, sudoku, tangran, corte e colagem, pintura com lápis de cor, etc. (figura 17).

Figura 17 – Algumas atividades realizadas com as pessoas idosas na Oficina da Memória, no CRMPI



Fonte: Professores do CRMPI (2024).

Além de atividades didáticas com a utilização de exercícios com apelo lúdico, durante os encontros da Oficina da Memória aconteciam também palestras, que eram pré-agendadas com um profissional interno ou externo com caráter informativo, acerca de assuntos que envolvessem direitos, deveres e/ou necessidades das pessoas idosas.

As aulas eram ministradas por duas professoras, com formação em Psicologia que distribuíam as atividades, administravam explicações sobre a forma de fazer e tiravam as dúvidas. Como podemos observar na figura 18, cada pessoa idosa ocupava uma mesa ou a dividia com um colega e dispunha do seu próprio material para a realização das atividades, como: lápis de cor, grafite, borracha, cola, tesoura, etc.

Figura 18 – Aula da Oficina da Memória no CRMPI



Fonte: A autora (2024).

Em alguns casos, algumas pessoas idosas contavam com acompanhantes, normalmente pessoas da família ou cuidadores contratados. No entanto, a maioria das pessoas da Oficina da Memória dispunham de mobilidade para se locomover dentro do local sem grandes dificuldades, apesar de alguns utilizarem dispositivos para auxílio da locomoção, como bengalas, andadores.

Durante as observações pude ver que várias eram as formas de deslocamento para que as pessoas chegassem ao local, pois muitos comentavam que pegavam o mesmo carro de aplicativo para irem ao CRMPI, outros falavam sobre as viagens feitas em transporte público, alguns eram levados por familiares ou cuidadores e,

ainda, em alguns casos, a pessoa idosa trazia em cima de sua mesa a chave do seu próprio veículo.

Pude observar que muitas das pessoas idosas faziam o uso de algum tipo de *smartphone* durante as aulas, de modelos, tamanhos e marcas variadas. No entanto, alguns deles ainda utilizavam aparelhos celulares mais antigos, como por exemplo aparelhos com teclas, conforme indicado na figura 19.

Figura 19 – Pessoa idosa que faz uso de aparelho celular que não é um *smartphone*



Fonte: A autora (2024).

Muitos deixavam o aparelho à vista em cima de sua mesa e o utilizavam com certa frequência, fazendo o movimento de digitação no *smartphone*, conforme figura 20.

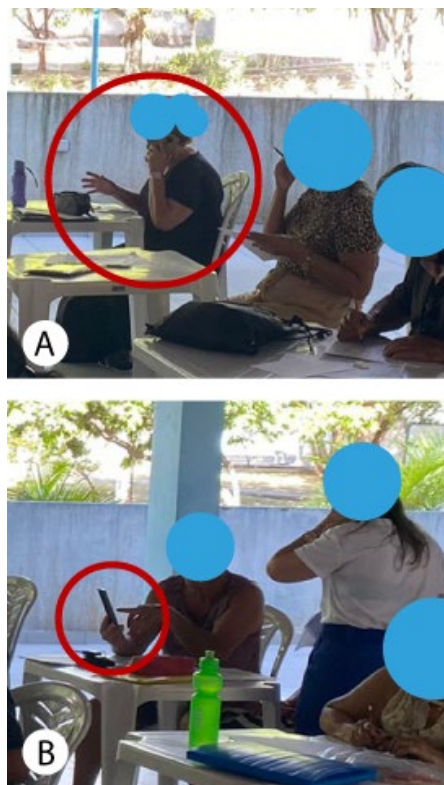
Figura 20 – Utilização do *smartphone* por pessoas idosas na Oficina da Memória (CRMPI)



Fonte: A autora (2024).

O uso do *smartphone* se mostrou bastante presente na vida das pessoas idosas da turma. Além da interação através de aplicativos, alguns interagiam através de ligações. Em alguns casos pude observar que o aparelho aparecia inserido também em diálogos com colegas ou professoras, ambas as situações demonstradas, conforme figuram 21.

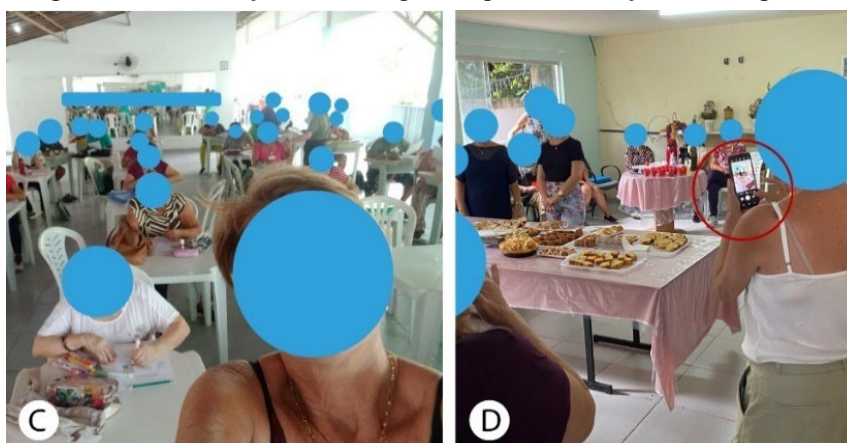
Figura 21 – Utilização do *smartphone* para ligações e intermediações de diálogos presenciais



Fonte: A autora (2024).¹³

Em alguns momentos, no cotidiano das aulas, quando havia datas comemorativas - como por exemplo: festividades, aniversários de alunos, professoras, entre outras -, havia sempre “um lanche”, como identificado pelas professoras, ou ainda, durante visitas externas, era comum que várias pessoas fizessem fotos nos seus próprios *smartphones*. Os participantes fotografavam a si próprios e aos outros, conforme figura 22. Era comum também que pedissem para que outras pessoas fizessem fotos suas e de seus colegas. Muitas vezes pude participar, sendo solicitada a fotografar os presentes.

¹³ (A) Pessoa idosa utilizando *smartphone* para fazer ligação. / (B) Pessoa idosa utilizando o *smartphone* para intermediar diálogo com professora.

Figura 22 – Utilização de *smartphone* para confecção de fotografiasFonte: A autora (2024).¹⁴

Após a realização dos registros, as fotos eram disponibilizadas em um grupo no aplicativo de mensagens Whatsapp para que todos pudessem ter acesso, conforme figura 23.

Figura 23 – Grupo no aplicativo de mensagens Whatsapp mostrando a dinâmica do envio das fotos feitas durante aulas eventos

Fonte: Adaptado de Aplicativo Whatsapp (2024).¹⁵

¹⁴ (C) Pessoa idosa fazendo selfie. / (D) Pessoa idosa fotografando evento interno com lanche.

¹⁵ Adaptação feita pela autora a partir de imagem extraída do aplicativo Whatsapp.

Em algumas situações fui chamada a ajudar com a realização da solicitação de carro de aplicativo (UBER ou 99Pop), pois muitas das pessoas que frequentam as aulas da Oficina da Memória se deslocam até o local utilizando esse tipo de transporte. Os que solicitaram a ajuda apresentavam certo receio quanto a realizar o procedimento de forma incorreta e não conseguir efetivar o pedido.

Em outros momentos pude acompanhar dinâmicas de compra de presentes para colegas e professoras. Nessas ocasiões umas das pessoas do grupo tomava a frente e realizava uma cota para que pudessem juntar uma quantia e comprar um presente. Presenciei algumas pessoas falando das dificuldades na realização de PIX, solicitando a entrega do dinheiro em espécie, ou se dirigindo à organizadora e comunicando que o PIX seria feito por seu filho, seu neto ou algum outro parente em um horário em que estivessem em companhia destes.

Durante o período de observações, por iniciativa do próprio Centro, pude participar de uma Oficina de Instagram. O evento foi organizado pela instituição e, a convite da direção, pude compartilhar algumas dicas sobre o aplicativo com o grupo participante. A escolha da oficina foi feita em uma das aulas anteriores, onde as professoras entregaram uma ficha com opções para que os frequentadores da Oficina da Memória pudessem escolher sobre qual aplicativo gostariam de aprender, conforme figura 24.

Figura 24 – Ficha entregue às pessoas idosas para a escolha da Oficina que seria realizada pelo Centro para aprender uma determinada ação no *smartphone*

O QUE VOCÊ QUER APRENDER? ☒ PEDIR VIAGEM DO UBER ☐ CONVERSAR NO WHATSAPP ☒ POSTAR NO INSTAGRAM ☐ FAZER SELFIE ☐ OUTRO APLICATIVO QUAL? _____	O QUE VOCÊ QUER APRENDER? ☐ PEDIR VIAGEM DO UBER ☐ CONVERSAR NO WHATSAPP ☒ POSTAR NO INSTAGRAM ☐ FAZER SELFIE ☒ OUTRO APLICATIVO QUAL? <u>Smiley</u>
O QUE VOCÊ QUER APRENDER? ☒ PEDIR VIAGEM DO UBER ☐ CONVERSAR NO WHATSAPP ☒ POSTAR NO INSTAGRAM ☐ FAZER SELFIE ☐ OUTRO APLICATIVO QUAL? _____	O QUE VOCÊ QUER APRENDER? ☒ PEDIR VIAGEM DO UBER ☐ CONVERSAR NO WHATSAPP ☒ POSTAR NO INSTAGRAM ☒ FAZER SELFIE ☐ OUTRO APLICATIVO QUAL? _____

Fonte: Professoras da Oficina da Memória - CRMPI (2024).

Durante o encontro, as pessoas idosas presentes utilizaram seus *smartphones* para tentar efetuar as atividades propostas. Algumas participaram ativamente e outras somente observaram as instruções, de acordo com a figura 25.

Figura 25 – Oficina de Instagram promovida pelo CRMPI



Fonte: A autora (2024).

4.2.2 Entrevistas semiestruturadas

Os dados trazidos nesta seção são provenientes das entrevistas semiestruturadas realizadas com nove pessoas idosas que frequentam o grupo e quatro assistentes administrativos do local. Entre as pessoas idosas foram entrevistadas oito idosas do sexo feminino e apenas um idoso do sexo masculino, refletindo a maioria de mulheres entre os participantes do local, o que se verificou em todas as sessões observadas. O grupo de assistentes administrativos é composto por pessoas do sexo feminino, o que reflete também a maioria de mulheres na administração do local e, de modo mais amplo, a maioria feminina que trabalha em instituições de cuidados, seja com idosos, crianças ou pessoas enfermas.

Como se trata de uma pesquisa realizada no contexto do nordeste brasileiro, foram utilizados codinomes de vegetações típicas da região para a identificação dos participantes e administradores, com o intuito de preservar a identidade de cada um. As imagens foram geradas através de inteligência artificial, por meio da ferramenta Meta Ai, localizada no aplicativo de mensagens WhatsApp.

Segue-se uma breve descrição de perfil sociocultural e características das pessoas idosas entrevistadas (figuras 26 a 34):

- Entrevistada 1 – Mandacaru (figura 26):

Figura 26 – Entrevistada Mandacaru



Fonte: Gerada por inteligência artificial Meta AI em 05 de novembro de 2024.

A idosa de 70 anos é viúva do seu primeiro marido, tem três filhos e reside, juntamente com um deles, no Cristo Redentor, um bairro com nível médio de vulnerabilidade socioeconômica, de acordo com Maior e Cândido, (2014), localizado na Cidade de João Pessoa.

Nascida na cidade de Rio Tinto, município litorâneo do Estado, Mandacaru veio do interior para a capital paraibana com o intuito de estudar e se formou em Economia. Foi funcionária do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e também atuou durante 20 anos como bancária (funcionária pública) no Banco do Estado da Paraíba (PARAIBAN), privatizado em 2001, local onde conheceu seu noivo, que foi seu colega de trabalho na época. Ela conta irá se casar em breve.

Atualmente é aposentada e a renda da casa é composta pela sua aposentadoria e pela pensão do seu marido falecido, que trabalhava na Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP). Seu filho ainda é estudante e não possui renda própria, sendo dependente financeiramente da mãe.

Mandacaru se mostra uma pessoa bastante ativa fisicamente e socialmente, pois, além das oficinas da Memória e de Dança, das quais participa no CMRPI, também pratica pilates em uma outra instituição e faz caminhadas regularmente em várias regiões da cidade.

- Entrevistada 2 – Palma (figura 27):

Figura 27 – Entrevistada Palma



Fonte: Gerada por inteligência artificial Meta AI em 05 de novembro de 2024.

A idosa de 72 anos de idade mora há 25 anos na Torre, bairro que possui nível baixo de vulnerabilidade socioeconômica na cidade de João Pessoa (Maior e Cândido, 2014). Atualmente mora sozinha, mas até bem pouco tempo residia com seu único filho, que se casou recentemente e saiu de casa.

Palma possui nível de instrução superior incompleto, pois não chegou a terminar o curso de Química Industrial. Atualmente é aposentada, mas ainda trabalha de forma autônoma com vendas de roupas, atividade que exerceu durante muito tempo mesmo antes de se aposentar. A idosa também foi funcionária terceirizada da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) durante pouco tempo, mas como se ausentou do emprego porque foi morar em outro Estado, acabou sendo demitida.

Sua renda atual, segundo ela, é dedicada às suas despesas pessoais, pois é o seu filho o responsável por despesas como feira, aluguel e transporte da mãe.

Segundo ela própria informou, gosta de passear e passa mais tempo na rua do que em casa, atividades nas quais se incluem na Oficina da Memória, no CMRPI. A entrevistada se locomove com facilidade, usa transporte público e, ocasionalmente, solicita carro de aplicativo.

A idosa dificilmente falta às aulas, está sempre de bom-humor e é bem entrosada entre os colegas, além de gostar muito de conversar, demonstrando ser bem articulada socialmente.

- Entrevistada 3 – Macambira (figura 28):

Figura 28 – Entrevistada Macambira



Fonte: Gerada por inteligência artificial Meta AI em 05 de novembro de 2024.

Com 84 de idade, a entrevistada é divorciada do seu primeiro marido. Atualmente reside com o seu segundo esposo e o enteado no Bairro do Estados, que é uma localidade que possui nível de vulnerabilidade socioeconômica muito baixo na cidade de João Pessoa (Maior e Cândido, 2014). A idosa não tem filhos biológicos e considera seu enteado como filho.

Pedagoga de formação, trabalhou até os 32 anos em sua cidade natal: Cajazeiras, no sertão paraibano, de onde saiu quando se casou, deslocando-se juntamente com seu primeiro marido por vários estados do Nordeste, como: Pernambuco, Rio Grande do Norte e Bahia. Segundo ela, deslocavam-se bastante, pois, sendo ele bancário e por serem um casal sem filhos, a instituição onde trabalhava o considerava um quadro de mais fácil transferência. Após retornar para João Pessoa, a entrevistada atuou também como secretária na vice prefeitura do município.

Atualmente a renda da casa é composta pela pensão do ex-marido, pela aposentadoria do seu cônjuge atual - pois a idosa não se aposentou e o casal conta também com a renda do enteado, que trabalha como Profissional de Educação Física autônomo.

No CMRPI a idosa participa das atividades da Oficina da Memória e da Oficina de Dança, além de participar de um grupo de jogos e cantar no coral de uma outra instituição. Em casa, informou que ainda cuida das atividades domésticas e, para se deslocar até o CMRPI, dirige seu próprio veículo.

- Entrevistada 4 - Coroa-de-frade (figura 29):

Figura 29 – Entrevistada Coroa-de-frade



Fonte: Gerada por inteligência artificial Meta AI em 05 de novembro de 2024.

A idosa de 85 anos reside sozinha no bairro dos Expedicionários, local com baixo nível de vulnerabilidade socioeconômica na cidade de João Pessoa (Maior e Cândido, 2014). A entrevistada foi casada durante algum tempo, mas separou-se do seu então ex-marido e não possui vínculo algum com ele.

Seus parentes mais próximos são seus três sobrinhos, que a visitam regularmente. Um deles, casado, permanece com a idosa em seu apartamento quando sua esposa, que trabalha em outro estado, está fora de João Pessoa. Segundo informou, ele passa alguns meses do ano com ela e, no momento do retorno de sua esposa, ele se muda para a própria residência.

Atualmente aposentada, a idosa foi professora de inglês e conta que passou um ano nos Estados Unidos para se qualificar. Possui renda própria, fruto de sua aposentadoria e é autônoma financeiramente.

Quanto às atividades que realiza, a idosa se mostra ainda ativa, pois além da Oficina da Memória no CRMPI, participa de um grupo de viagens, com o qual faz pequenos passeios e viagens mais longas com certa regularidade. Fisicamente, a idosa se desloca com uma pequena dificuldade, pois, segundo ela, possui problemas em um dos joelhos, o que a impede de participar da Oficina de Dança do CRMPI, da qual várias amigas participam.

- Entrevistada 5 - Xique-xique (figura 30):

Figura 30- Entrevistada Xique-xique



Fonte: Gerada por inteligência artificial Meta AI em 05 de novembro de 2024.

Nascida na capital paraibana, a idosa de 76 anos é viúva e mora no Cristo Redentor, bairro com nível de vulnerabilidade socioeconômica considerado médio, na cidade de João Pessoa (Maior e Cândido, 2014). Segundo ela, aos dezoito anos, quando se casou, foi morar na Rua do Rio, em Cruz das Armas, área mais popular e periférica da cidade; depois passou alguns anos com a família morando no Estado de São Paulo e, finalmente retornou a João Pessoa, indo morar no Cristo Redentor.

Tem três filhos, mas somente um deles mora com ela pois dois já se casaram e saíram de casa. Dona de casa aposentada, a idosa nunca exerceu trabalho extradoméstico e remunerado. Entretanto contou que ajudava os filhos em comércio familiar, mas que não era um trabalho regular, nem remunerado.

A entrevistada informou que estudou até o antigo segundo grau, atual ensino médio, no entanto, não chegou a concluir. Sua renda - proveniente de aposentadoria obtida através de contribuição facultativa - juntamente com a pensão do marido falecido é a que mantém a casa atualmente.

A idosa informou que faz hidroginástica em um estabelecimento na sua rua, participa das oficinas da Memória e de Dança no CRMPI, além da participação bastante efetiva nas atividades na igreja, local onde passa boa parte do seu tempo, em reuniões de organização e missas. A idosa ainda faz tarefas domésticas regularmente e faz visitas a um irmão que mora em outro bairro da cidade, o que nos fez enxergá-la como uma pessoa bastante ativa.

- Entrevistada 6 – Carnaúba (figura 31):

Figura 31 – Entrevistada Carnaúba



Fonte: Gerada por inteligência artificial Meta AI em 05 de novembro de 2024.

Nascida na cidade de Ingá - PB, a entrevistada de 65 anos veio para João Pessoa ainda criança. Segundo ela, sua família morou no bairro de Cruz das Armas, localidade com nível de vulnerabilidade socioeconômica médio na cidade de João Pessoa (Maior e Cândido, 2014), deslocando-se, depois de algum tempo, para a cidade de Campina Grande. Os muitos deslocamentos se deveram ao fato de seu pai ter sido militar e, em virtude disso, ser constantemente transferido de cidade juntamente com a família.

Carnaúba é solteira e atualmente mora com sua família no bairro do Aeroclube, que é um bairro com nível muito baixo de vulnerabilidade socioeconômica na cidade de João Pessoa (Maior e Cândido, 2014).

Segundo a idosa, seu arranjo familiar mudou após a morte do pai. Ela conta que morava com os pais em situação bem confortável; entretanto, depois que o pai faleceu e que ela própria foi diagnosticada com Esclerose Múltipla, ela e sua mãe foram morar com a irmã. Atualmente sua família é composta por ela, sua irmã, sua mãe, além da cuidadora da mãe e o esposo da profissional, totalizando 5 pessoas.

A entrevistada apresenta formação de nível superior completo em Magistério, com Especialização em Supervisão Educacional. Trabalhou durante muitos anos na função na cidade de Sapé e na Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP). Foi ativa até o ano de 2016, quando obteve o diagnóstico de Esclerose Múltipla, quando então

se aposentou. Atualmente sua renda complementa as demais, dentro do grupo familiar.

Em seu dia a dia, a idosa participa da Oficina da Memória e de Dança, ambos no CRMPI e de atividades em grupos na Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (FUNAD), que é uma instituição estadual que promove atividades diversas para pessoas com deficiência. Segundo a idosa, também desempenha algumas atividades em casa, como cuidar de uma horta e fazer palavras-cruzadas para manter a cabeça sempre ativa.

- Entrevistada 7 – Juazeiro (figura 32):

Figura 32 – Entrevistada Juazeiro



Fonte: Gerada por inteligência artificial Meta AI em 05 de novembro de 2024.

Casada, a idosa de 67 anos mora com seu marido de 74 anos, no bairro do Alto do Mateus, local com nível de vulnerabilidade socioeconômica considerado médio, na cidade de João Pessoa (Maior e Cândido, 2014). A idosa tem 3 filhos e 4 netos. Seus filhos são todos casados e, por este motivo, já não moram mais com ela. Ou seja, sua unidade familiar é composta somente pela idosa e seu marido.

Nascida na cidade de Patos, interior do Estado da Paraíba, veio para a capital um dia após seu casamento, pois seu marido já havia conseguido emprego na capital.

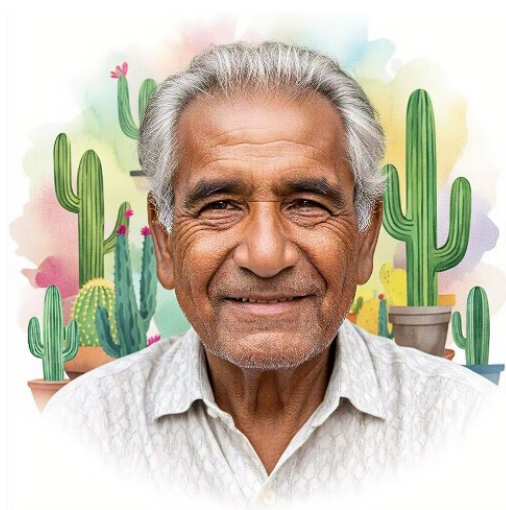
Estudou até o ensino médio, porém não chegou a concluir a formação, pois, segundo ela, precisou se ausentar das aulas para trabalhar e ajudar nas despesas da casa. Conta também que não estava conseguindo conciliar as duas atividades. Aposentada atualmente, ainda realiza atividades domésticas, porém, antes de se

aposentar trabalhou como operadora de caixa na Lojas Americanas. Hoje as despesas da casa são compartilhadas por ela e seu marido, já que ambos possuem as respectivas rendas, que se complementam para fazer face às despesas.

Bastante ativa em seu dia a dia, além das atividades domésticas do cotidiano, a entrevistada participa da Oficina da Memória no CRMPI, além de praticar atividades regulares de musculação e pilates em outros locais.

- Entrevistado 8 – Facheiro (figura 33):

Figura 33 – Entrevistada Facheiro



Fonte: Gerada por inteligência artificial Meta AI em 05 de novembro de 2024.

O idoso de 61 anos mora há um ano e meio com a atual esposa no Altiplano, bairro residencial com nível baixo de vulnerabilidade socioeconômica da capital paraibana (Maior e Cândido, 2014). Nascido em Massaranduba, mudou-se inicialmente para Campina Grande, onde foi casado com sua primeira esposa e trabalhou durante muito tempo, antes de residir na capital do Estado. Tem dois filhos, mas ambos vivem em Campina Grande, com a mãe. Sua atual esposa tem 3 filhos, no entanto, todos casados e não moram mais com eles.

Facheiro tem nível superior completo em Recursos Humanos. Trabalhou como técnico administrativo durante 40 anos na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), campus de Campina Grande, atual Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Atualmente é aposentado e sua renda, juntamente com a de atual esposa supre as despesas da casa.

O idoso é bastante ativo: além das atividades das oficinas da Memória e de

Dança, no CRMPI, pratica hidroginástica juntamente com sua esposa duas vezes por semana na UFPB (*campus* João Pessoa), além de fazer caminhadas regularmente todos os dias. O entrevistado informou que o casal gosta bastante de dançar. O idoso conta que ambos estão sempre à procura de festas dançantes e shows, com o intuito de dançar.

- Entrevistada 9 – Umbuzeiro (figura 34):

Figura 34 – Entrevistada Umbuzeiro



Fonte: Gerada por inteligência artificial Meta AI em 05 de novembro de 2024.

A entrevistada, de 62 anos, é viúva do seu primeiro marido e reside com o atual, no bairro do Altiplano, local com baixo nível de vulnerabilidade socioeconômica da capital paraibana (Maior e Cândido, 2014). Tem 3 filhos, provenientes de seu primeiro casamento, no entanto, todos já casados e não moram mais com ela. Natural da capital paraibana, já morou em vários bairros da cidade: nasceu em Tambaú, foi criada em Jaguaribe, dois bairros tradicionais de João Pessoa. Também morou na Torre, outro bairro tradicional, e nos Bancários, bairro mais popular, antes de morar no Altiplano.

A idosa estudou até o antigo segundo grau, atual ensino médio. Atualmente, encontra-se aposentada. Atuou, antes de se aposentar, como funcionária terceirizada, nas funções de recepcionista e como "chefe de turma", uma espécie de encarregada de pessoal, segundo explicou, ambas colocações do Tribunal de Contas do Estado da Paraíba (TCE-PB). Atualmente tem sua própria renda como aposentada e contribui com as despesas da casa, juntamente com seu atual marido.

A idosa é bastante ativa, gosta de sair para dançar juntamente com o marido

e, além de fazer hidroginástica e assistir a palestras na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), frequenta as aulas das oficinas da Memória e de Dança no CRMPI. Ela destaca que onde existem atividades voltadas para pessoas idosas, ela e seu marido tentam se encaixar. Atualmente estão à procura de aulas de música, para que possam aprender algum instrumento. Segundo a idosa, eles gostam muito de shows, de passear, viajar. "A gente nunca tá em casa!"

Dando sequência à apresentação dos dados etnográficos, segue-se uma sumarização do perfil sociocultural das assistentes administrativas entrevistadas:

- Entrevistada 1 – Caroá:

Caroá tem 29 anos, possui ensino superior, é formada em Engenharia Civil, mas não atua na área. Mora no Altiplano, um bairro com baixo nível de vulnerabilidade socioeconômica na cidade de João Pessoa (Maior e Cândido, 2014). Trabalha no CRMPI há um ano na área administrativa, lidando com as pessoas idosas principalmente no momento de recepção, onde auxilia na matrícula e no agendamento de serviços. Também é responsável pelo envio de relatório à administração municipal.

Ela convive com uma pessoa idosa em sua casa: sua mãe e tem contato frequente com uma tia também idosa e, segundo Caroá, é ela quem presta assistência às duas, quando necessário.

- Entrevistada 2 – Aroeira:

Aroeira tem 47 anos de idade, mora em Tambaú, que é um bairro com nível muito baixo de vulnerabilidade socioeconômica da capital paraibana (Maior e Cândido, 2014). É colaboradora do Centro de Referência Municipal da Pessoa Idosa, atuando como Assistente Social no local há, aproximadamente 1 ano. Além de assistente social, ela também é professora e possui especialização na área de Educação. Já atua com política para pessoa idosa há algum tempo. A entrevistada acrescentou que já trabalhou durante muitos anos em instituições de longa permanência, adquirindo uma vasta experiência na área.

Ela se relaciona com as pessoas idosas do lugar trabalhando no acolhimento e entendimento do cenário em casa, com a família, das condições sociais, dos

problemas existentes, identificando se há ou não violação dos direitos dessa pessoa idosa, a fim de ajudar a resolver ou até informar as autoridades, caso necessário.

A entrevistada não reside com nenhuma pessoa idosa, no entanto, tem convívio com algumas vizinhas idosas em seu edifício e, segundo ela, presta-lhes assistência quanto ao uso do *smartphone*, sempre que é solicitada.

- Entrevistada 3 – Mangaba:

Mangaba tem 49 anos e possui nível médio de escolaridade. Mora no Bairro das Indústrias, uma localidade com nível médio de vulnerabilidade socioeconômica na capital paraibana (Maior e Cândido, 2014). Atua como assistente administrativo no CRMPI há aproximadamente seis anos. Trabalha no atendimento ao público em geral e atende as pessoas idosas interessadas em fazer matrículas e tirar dúvidas sobre as atividades.

Convive com uma pessoa idosa em sua casa, segundo ela, seu avô. Mangaba cita que presta assistência a ele no uso do *smartphone*, quando necessário.

- Entrevistada 4 – Jurema:

Jurema tem 57 anos, mora em Tambaú, que é um bairro com nível muito baixo de vulnerabilidade socioeconômica da capital paraibana (Maior e Cândido, 2014). Tem nível superior e possui duas formações: Psicologia e Direito. É uma das funcionárias mais antigas do CRMPI e trabalha há nove anos como assistente administrativa, na secretaria da instituição. Ela se relaciona com o público da instituição atendendo, recebendo documentação e instruindo as pessoas idosas e seus familiares.

Reside com sua mãe idosa, porém, segundo Jurema, sua mãe não utiliza mais o *smartphone* pois tem Alzheimer e por conta disso sua cognição foi prejudicada. No entanto, cita que tem contato com três vizinhas idosas e que as auxilia, quando necessário, no uso do *smartphone*.

4.3 FASE 03: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Nesta fase todos os dados obtidos nas fases anteriores foram tratados, ou seja, foram ordenados, classificados e analisados, combinando-se estratégias da abordagem etnográfica a partir das ideias de Malinowski (1988) e Lévi-Strauss (1970)

- que procuram entender como as crenças e dogmas influenciam na vida das sociedades - identificando as diferentes posições dos pesquisados em relação às ideias recorrentes e hegemônicas acerca do uso de tecnologias por pessoas idosas. Como estratégia para a interpretação dos dados, foram utilizadas as elaborações relativas à Interpretação de Sentidos do pedagogo e psicólogo Romeu Gomes (2009), que dialoga com a teoria da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (1991). Essas elaborações foram fundamentais na compreensão dos contextos dos temas mencionados pelos entrevistados e, portanto, dos conteúdos manifestos nas suas falas.

Quanto à abordagem etnográfica, Malinowski (1988) define que o conhecimento dos contextos sociais de cada ator é importante para realizar uma análise consciente de cada relato/opinião sobre algo que foi afirmado pelos pesquisados, pois tal contexto se relaciona à forma como o ator se colocará em relação a determinado assunto.

Tanto em Malinowski (1988), quanto em Lévi-Strauss (1975), há elaborações pertinentes quanto à ideia de que as crenças existentes em meio a uma sociedade influenciam a vida dos indivíduos do grupo. O que Lévi-Strauss chama de magia, Malinowski identifica como ideias sociais ou dogmas. Tendo essas reflexões em mente, os primeiros passos da análise se voltaram a identificar as falas acerca da relação da pessoa idosa com a tecnologia e as crenças que expressam em relação ao tema em meio ao grupo estudado. Outra dimensão da análise se voltou à identificação das ações através das quais as crenças em torno do tema (ou ideias sociais) se materializava no cotidiano do CRMPI.

Ambos os autores definem grupos a partir dos quais pontos de vistas específicos podem identificar de que forma esse grupo identifica as crenças existentes em uma sociedade.

A principal crença identificada entre o grupo estudado do CRMPI foi com relação à dificuldade da pessoa idosa no uso de seu *smartphone*. Durante as observações foram vistas várias situações que expressam que tanto a instituição - representada pelos administradores e professores executores de suas políticas -, quanto os parentes e acompanhantes, além das pessoas idosas atendidas, creem na dificuldade de uso desta tecnologia.

Durante as aulas da Oficina da Memória foi possível observar que muitas pessoas idosas solicitavam ajuda para que pudessem executar algumas atividades no *smartphone*, se julgando incapazes de realizar essas tarefas, como, por exemplo: eliminar mensagens que apareciam na tela com informações da operadora (que muitas vezes nem ao menos eram lidas antes que a solicitação fosse eliminadas); efetuar, solicitações de carro de aplicativo para que pudessem voltar para sua residência, salvar contatos, efetuar ligações via aplicativo de mensagens. Eram solicitações que chegavam sob o pretexto de que se tratava de tarefas muito difíceis para que elas efetuassem sozinhas. Havia também aquelas pessoas que conseguiam efetuar as próprias atividades e então suprir suas necessidades no aplicativo de forma imediata; no entanto, em função da crença incrustada em si de que tal atividade não seria fácil para uma pessoa idosa, faziam questão de comemorar e expor a sua transposição sobre algo tão difícil para elas, mostrando a todos sua destreza e superação da dificuldade.

De forma geral, durante as observações envolvendo aqueles que lidavam com as pessoas idosas do local, como professores, assistentes administrativos e parentes ou acompanhantes, foi possível observar a baixa utilização do *smartphone* em atividades nas quais essa utilização fosse necessária. Mesmo se tratando de pessoas capacitadas para instruir as pessoas idosas, a opção era, muitas vezes, a não utilização do artefato, objetivando poupar tempo e evitar a abordagem de “outros assuntos” diante do que eram consideradas as atividades principais. Como exemplo, podemos citar o preenchimento de fichas de matrícula, que sempre era feito de forma manual e os exercícios impressos, que eram entregues em mãos após o término das sessões. Outro exemplo se refere à inserção, pelos administradores e professores, de familiares e cuidadores no grupo de Whatsapp da Oficina, por julgar que os idosos participantes eram incapazes de se comunicar efetivamente através deste recurso, necessitando desta mediação dos acompanhantes. Pude observar também comentários surpresos entre os acompanhantes quando uma das pessoas idosas conseguia efetuar alguma atividade, por exemplo, solicitar um carro de aplicativo ou enviar um arquivo via aplicativo de mensagens, sem a necessidade de ajuda, como se aquela ação não fosse compatível com a capacidade daqueles sujeitos, ou como se aquela pessoa idosa não fosse capaz de realizá-la sozinha. A surpresa demonstra o

quão enraizado socialmente se encontra a crença de que uma pessoa idosa tem dificuldades e/ou limitações no uso de seu *smartphone*.

Durante a oficina de Instagram, promovida pelo CRMPI em uma única data, logo no início dos procedimentos algumas pessoas idosas já se disseram incapazes de aprender a manejar o aplicativo por já terem muitas dificuldades com o simples uso do telefone. Já aqueles que conseguiam efetuar as atividades propostas, externavam sua satisfação por crer - entender - aquela atividade como difícil de ser transposta por uma pessoa idosa. Foi possível perceber que quando a ação estava relacionada a alguma atividade corriqueira da vida fora do CRMPI, o interesse em tirar dúvidas, perguntar e aprender era maior. Por exemplo, durante a oficina foram tiradas dúvidas sobre como fazer fotos, usar aplicativos para saber os horários de ônibus ou solicitar viagem de carro, entre outras que não estavam previstas na oficina (figura 35). Foram dúvidas surgidas em função de necessidades da vida cotidiana, motivadas em interesses práticos dos participantes: aprender a realizar determinadas tarefas sem necessitarem da ajuda de terceiros.

Figura 35 - Monitora tirando dúvidas de uma pessoa idosa durante a oficina de Instagram



Fonte: A autora (2024).

Após o término da oficina, as professoras que acompanhavam o procedimento distribuíram fichas de avaliação para que os frequentadores pudessem externar as suas impressões sobre o evento. O protocolo era respondido de forma anônima, para que os idosos pudessem externar suas necessidades sem inibição e pudessem inclusive apontar outras necessidades, afora as opções do formulário. (figura 36).

Figura 36 - Opinião de uma das pessoas idosas sobre a oficina de Instagram, demonstrando o interesse em aprender a fazer outra atividade

Você gostou da oficina de Instagram?

() Gostei muito. Acho que não faltou nada!

(X) Gostei, mas queria aprender mais sobre Instagram ou sobre outra coisa.

O que seria? fazer fotos

() Não gostei.

Fonte: Professoras do CRMPI (2024).

As respostas demonstraram mais uma vez a crença que existe na própria pessoa idosa de sua dificuldade com a tecnologia. No entanto, apesar das dificuldades, os comentários também demonstraram a satisfação em estar aprendendo (figura 37).

Figura 37 - Opinião das pessoas idosas sobre a Oficina de Instagram realizada pelo CRMPI

A oficina te ajudou a sentir menos medo da tecnologia?

(X) Sim () Não

Se quiser, faça um elogio, uma crítica, uma sugestão ou qualquer comentário:

Muito eficiente e
interessante pois muitas
pessoas não entendem nada
como eu.

A oficina te ajudou a sentir menos medo da tecnologia?

(X) Sim () Não

Se quiser, faça um elogio, uma crítica, uma sugestão ou qualquer comentário:

SENSACIONAL.
Deveria sempre ter esses tipos de
aprendizado.
Os idosos precisam desses conhecimentos
modernos.

A oficina te ajudou a sentir menos medo da tecnologia?

(X) Sim () Não

Se quiser, faça um elogio, uma crítica, uma sugestão ou qualquer comentário:

A tecnologia p/ nossa idade é um pouco
difícil mas vou conseguir.

Fonte: Professoras do CRMPI (2024).

Após a identificação de atitudes e procedimentos que demonstraram a existência da crença incrustada na ideia social em torno das dificuldades da pessoa idosa com a tecnologia (*smartphone*) através das sessões de observação, foram examinadas as entrevistas realizadas, nas quais, as falas de ambos os grupos corroboraram com a existência desta crença, perpassando pelo ente público, assistentes administrativos e pessoas idosas.

[...] ainda tem muita gente que ainda tem dificuldade com a tecnologia
(Assistente administrativa Caroá, 2024).

Eu percebo assim, que todos têm celular. Muitos apresentam dificuldade (Assistente administrativa Aroeira, 2024).

Eles têm dificuldades (Assistente administrativa Mangaba, 2024).

Para mim, eu acho difícil [...] (Idosa Coroa-de-frade, 2024).

Esse (telefone) de hoje em dia [...] Um iPhone. [...] Eu nem tento, nem quero tentar (Idosa Carnaúba, 2024).

[...] tem coisas que eu digo a você que eu não sei usar, realmente, vou dizer pra você, eu não sei fazer (Idoso Facheiro, 2024).

As falas descritas acima reforçam a crença observada nos ritos do grupo, cujas dinâmicas parecem partir do pressuposto que as pessoas idosas têm dificuldade com seus *smartphones* que seriam difíceis de transpor.

Posteriormente houve a necessidade da identificação dos grupos de opinião (e dos perfis de informantes correlatos) sobre fatos e ideias recorrentes no contexto da pesquisa. Malinowski (1988) identifica três grupos de opiniões, associando-as a três tipos de informantes:

1) As opiniões de especialistas, segundo Malinowski (1988), aqueles que, colaboram fortemente na construção das versões mais ortodoxas e disseminadas sobre os fatos. Segundo o antropólogo José Guilherme Cantor Magnani (1997, p. 137), os especialistas são “[...] guardiães do saber oficial. Suas opiniões têm uma base tradicional, [...] representam a interpretação ortodoxa das crenças [...]”;

2) As opiniões das pessoas comuns (ou as massas), que podem ter visões pessoais divergentes, mas normalmente se ancoram na opinião de consenso e formam a opinião pública. Segundo Magnani (1997, p. 137), é “a opinião geral da comunidade [...]”;

3) As opiniões individuais, advindas de especulações de cada informante. São pontos de vista complexamente elaborados e que vem imbuídos de um interesse pessoal acerca do tema.

Segundo Malinowski (1988), as especulações individuais podem ser analisadas também à luz do confronto do que é verbalizado com as práticas cerimoniais e públicas, ou seja, com os costumes praticados. E o componente emocional frente às práticas do grupo pode ajudar a elucidar a dúvida a respeito da adesão do participante a certas crenças e opiniões, sendo um elemento bastante relevante para se entender uma conduta específica. Para além da opinião individual, mesmo sem

uma verbalização ou diante de uma verbalização imprecisa, é muito importante observar as reações emocionais de cada informante, levando-as em consideração em meio às práticas em grupo. Essa estratégia interpretativa deve constituir conduta constante durante a pesquisa.

No tratamento das informações levantadas, separamos as pessoas pesquisadas de acordo com os grupos definidos por Malinowski (1988). Neste caso, destacamos como representantes de um dos grupos - os especialistas -, os assistentes administrativos do CRMPI, representando o Estado, o ente público, com sua visão ortodoxa a respeito da crença nas dificuldades da pessoa idosa para com as tecnologias. Atentamos também à crença desses agentes em relação à importância de fomentar o aumento do uso do *smartphone*, fundada na experiência vivenciada pela sociedade em geral no período do distanciamento social em função da pandemia de COVID-19.

A opinião das massas, representada na visão do coletivo de pessoas idosas (observadas e entrevistadas), corrobora com esta crença, o que foi expresso em diversas ações que se alinham à visão do Estado, no que diz respeito às dificuldades das pessoas idosas, no entanto se distancia em outros aspectos.

Como opiniões individuais trazemos as afirmações de algumas pessoas idosas entrevistadas sobre o uso da tecnologia (o *smartphone*). No que diz respeito à crença na dificuldade do idoso em operar tecnologias, algumas opiniões individuais corroboram com a sua existência; já outras, apesar de identificarem o público idoso com a ideia de limitações e dificuldades, não abordam suas dificuldades com incapacidade ou impossibilidade, o que pode ser atribuído aos diferentes contextos sociais, culturais, econômicos, entre outros, de onde emanam tais visões, que irão proporcionar diferentes opiniões individuais acerca de uma ideia social, conforme descrito por Malinowski (1988).

Após a identificação dos conteúdos presentes nas falas dos pesquisados, iniciamos a Análise de Conteúdo com Interpretação de Sentidos propriamente dita (Gomes, 2009).

Segundo o autor:

[...] a *Análise de conteúdo* aqui apresentada é uma adaptação da técnica original, que vai além dos conteúdos manifestos, aportando um referencial interpretativo. [...] o *Método de Interpretação de Sentidos* é uma tentativa de avançarmos mais na interpretação, caminhando além dos conteúdos de

textos na direção de seus contextos e revelando as lógicas e as explicações mais abrangentes presentes numa determinada cultura acerca de um determinado tema (Gomes, 2009, p. 105, grifo do autor).

De acordo com o autor, o método que vem “das correntes compreensivas das ciências sociais” analisa palavras, ações, conjunto de interrelações, grupos, instituições e conjunturas (Gomes *et al.*, 2009, p. 202). A técnica é composta por três etapas, que no presente trabalho serão assim realizadas:

1) Leitura compreensiva do material selecionado - na qual é feita uma primeira explanação, através da qual se pode obter uma visão do conjunto e proceder à categorização, que o autor chama de criação de “gavetas” relativas aos vários agrupamentos dos temas existentes no material. Portanto, nesta etapa, são acessados os conteúdos para obtenção de uma primeira ideia a respeito dos temas dispostos e depois categorizá-los.

De posse das transcrições das entrevistas, foram criadas as categorias que serviram como base para análise das informações. O objetivo foi entender o ponto de vista tanto da instituição, quanto das próprias pessoas idosas acerca da sua relação com a tecnologia, especificamente, com o *smartphone*, bem como, entender os estigmas, preconceitos e crenças que se expressam nessas percepções e as opiniões acerca do impacto da tecnologia no período de isolamento social.

Para tal, as categorias criadas com base nas entrevistas das funcionárias se remeteram: 1) à visão sobre a relação das pessoas idosas com o *smartphone*, com o intuito de compreender as crenças existentes entre os assistentes administrativos a respeito desta interação, e; 2) os impactos da pandemia que supõem sobre esta relação, para entender se estas pessoas acreditam que a pandemia foi determinante para a utilização do *smartphone* por pessoas idosas.

Já para as pessoas idosas – o público alvo da instituição - as opiniões das massas e as individuais (pessoas idosas), trouxemos as seguintes categorias: 1) perfil: com o intuito de se entender quem é cada pessoa pesquisada e o seu perfil socioeconômico-cultural; 2) necessidades: com o objetivo de se entender quais as suas necessidades e se tem origem ou não no período do distanciamento social em função da COVID-19; 3) inclusão/exclusão digital: com o objetivo de se entender o perfil de inclusão ou exclusão digital da pessoa entrevistada, portanto, se ela é de fato incluída digitalmente ou não; 4) aprendizado: para se entender se o aprendizado de uma

atividade digital colaborou para que fosse suprida sua necessidade inicial e de que forma ele aconteceu; 5) modo de utilização: com o intuito de se entender de que forma a pessoa idosa usa seu *smartphone* e que impactos isso causa em sua vida; e por fim, 6) valor simbólico: com o objetivo de se entender o que esse aprendizado (bem como o não aprendizado) representa para a pessoa idosa que utiliza seu *smartphone* para atender às suas necessidades. Além das descritas, mais duas categorias foram necessárias e este grupo a fim de comparar sua opinião com a do grupo de especialistas: 7) visão sobre a sua própria relação com o *smartphone*, com o intuito de compreender as crenças a respeito desta relação sob a ótica da própria pessoa idosa, e; 8) o impacto da pandemia na sua relação com o aparelho, conforme quadro 3.

Quadro 3 – Grupos de opiniões e categorias criadas para análise do material

GRUPOS DE OPINIÕES		
OPINIÕES DOS ESPECIALISTAS ASSISTENTES ADMINISTRATIVOS (ESTADO)	OPINIÕES DAS MASSAS PESSOAS IDOSAS (OBSERVADAS E ENTREVISTADAS)	OPINIÕES DAS MASSAS PESSOAS IDOSAS (ENTREVISTADAS)
CATEGORIAS		
comparação Visão sobre a relação das pessoas idosas com o <i>smartphone</i> (crenças) *Crença na dificuldade da utilização do <i>smartphone</i> por pessoas idosas Impacto da pandemia na relação das pessoas idosas com o <i>smartphone</i> *Crença no impacto da pandemia para utilização do <i>smartphone</i> por pessoas idosas comparação	Perfil sócioeconômico-cultural *Particularidades do contexto sócioeconômico-cultural de cada informante	
	Necessidades *Necessidades específicas a partir de seu contexto sócioeconômico-cultural *Raízes das necessidades (contexto, período: pandemia?)	
	Inclusão e exclusão digital *Nível de inclusão digital de cada informante	
	Aprendizado *Formas de aprendizado (no uso do <i>smartphone</i>) *Relação do aprendizado com o atendimento das necessidades	
	Modo de Utilização *Aplicação utilizada para cada necessidade *Uso moderado x uso excessivo	
	Valor simbólico *Relação do aprendizado e da utilização com o significado do <i>smartphone</i> para a pessoa idosa *Nível de satisfação no aprendizado e no uso	
	comparação Visão sobre sua própria relação com o <i>smartphone</i> (crenças) *Crença de dificuldade na utilização do <i>smartphone</i> *Modo de utilização x crença	
	comparação Impacto da pandemia na sua relação com o <i>smartphone</i> *Crença no impacto da pandemia para utilização do <i>smartphone</i> *Modo de utilização x real impacto da pandemia	

Fonte: A autora (2025).

2) Exploração do material - na qual, segundo o autor, deve-se “ir além das falas e dos fatos”, a partir da seguinte trajetória:

(a) identificação e problematização das ideias explícitas e implícitas no texto (a problematização pode ocorrer através de questionamentos que fazemos ao material que dispomos); (b) busca de sentidos mais amplos (socioculturais) atribuídos às ideias; (c) diálogo entre as ideias problematizadas, informações provenientes de outros estudos acerca do assunto e o referencial teórico do estudo (Gomes, 2009, p. 101).

Nesta etapa, após separados em categorias, os dados foram analisados para que tivéssemos uma ideia dos elementos que estão explicitados na fala: a problemática envolvida, os sentidos implícitos atribuídos ao contexto sociocultural de cada indivíduo, além da relação com outras teorias surgidas em função de outras pesquisas sobre o assunto na pesquisa bibliográfica.

Portanto, de posse das categorias, as informações foram separadas, a fim de se entender o que representavam os elementos explícitos na fala de cada um, os temas implícitos, relativos a cada contexto sociocultural e a relação com as teorias estudadas na fase exploratória desta pesquisa.

3) Elaboração de uma Síntese Interpretativa, na qual houve a consolidação do material, em forma de textos escritos, fazendo-se o cotejamento entre o objeto de estudo, as teorias utilizadas e os dados obtidos em campo, de modo a se construir as reflexões. Ou seja, de posse das categorias e das informações separadas por cada uma das categorias e relacionadas às teorias estudadas, foram construídos textos reflexivos, objetivando entender o valor simbólico do *smartphone* para as pessoas idosas entrevistadas, relacionado à cada atividade executada.

4.3.1 O ente público e seus especialistas

Segundo Malinowski (1988), os especialistas são normalmente aqueles que possuem uma opinião mais ortodoxa a respeito de um determinado ponto. O CRMPI é uma instituição ligada à administração pública municipal que acolhe pessoas idosas, sendo este o com um único pré-requisito da instituição para que uma pessoa participe de suas atividades. Para lidar com as pessoas que frequentam o local é necessário o apoio de funcionários, entre gestores, professores, diretores.

Com o intuito de entender o ponto de vista do ente público acerca da relação da pessoa idosa com a tecnologia, em específico com o *smartphone* e sobre a forma como a pandemia de COVID-19 e o isolamento social influenciaram esta relação, foram entrevistadas quatro assistentes administrativas que lidam diretamente com

as pessoas idosas do local e que se dispuseram a participar da pesquisa. Infelizmente não houve o aceite para a realização da entrevista de nenhum professor ou membro da gestão do local.

Durante as entrevistas com as assistentes administrativas foram extraídos vários trechos que refletem a crença na dificuldade da pessoa idosa com tecnologias (e especificamente com o *smartphone*).

Então, assim, eu acho que eles têm uma certa dificuldade sim, alguns conseguem superar, né? Mas acredito que ainda de forma limitada também, né? (Assistente administrativa Caroá, 2024).

Idoso, smartphone e tecnologia? Bom, assim, eu penso logo em dificuldade, né? Porque eu acho que realmente existe ainda uma distância entre o idoso e a tecnologia (Assistente administrativa Caroá, 2024).

Eu percebo, assim, que todos têm celular. Muitos apresentam dificuldade (Assistente administrativa Aroeira, 2024).

[...] tem uns que tem muita dificuldade (Assistente administrativa Mangaba, 2024).

Olha, boa parte, eles têm facilidade. [...] mas já outros, que assim não tem um grau de instrução nível superior, eles têm um pouco de dificuldade. (Assistente administrativa Jurema, 2024).

Outra opinião que aparece no grupo dos especialistas é a importância do aprendizado para que essa dificuldade seja atenuada. Há uma variação somente sobre a natureza da ausência desta qualificação. Nas entrevistas vários trechos mostram, além da crença, as opiniões das pessoas entrevistadas quanto à razão pelas quais acreditam que essa dificuldade exista.

No trecho a seguir, referente à entrevistada Caroá, podemos ver, além da materialização da crença sobre a dificuldade das pessoas idosas com o *smartphone*, também uma suposta razão para essa dificuldade, que seria a falta de interesse das pessoas idosas em aprender. Segundo ela,

Eles não querem tá muito preso a isso. E assim, de toda forma, o celular, ele exige que você tenha um treinamento, que você tenha aquela prática. Se você não tiver, você esquece. [...] Assim, eles não têm mais o interesse de aprender, porque eles passaram a vida toda sem isso. Para que vão aprender agora, né? É a mentalidade que eu vejo, tem sido nesse sentido, na maioria deles (Assistente administrativa Caroá, 2024).

Segundo outra entrevistada, Jurema a dificuldade das pessoas idosas com artefatos digitais se deve à ausência de um bom nível de instrução para tal.

Olha, uma boa parte, eles têm facilidade. Eu vejo: eles chamam o Uber, eles se comunicam através do WhatsApp, mas já outros, que assim não tem um

grau de instrução nível superior, eles têm um pouco de dificuldade. [...] Aquelas pessoas mais desenvolvidas, elas utilizam com facilidade. Já as outras têm dificuldade e às vezes pedem informações, à própria colega (Assistente administrativa Jurema, 2024).

Além da crença, predominante nos depoimentos, de que pessoas idosas apresentam dificuldades com tecnologias em geral e, conseqüentemente, com seus *smartphones*, aparecem reflexões relacionando a inabilidade no uso do *smartphone* com a falta de preparo dos usuários idosos, seja de um aprendizado formal ou informal. No primeiro caso, a entrevistada Caroá fala sobre o aprendizado direcionado à utilização dos dispositivos tecnológicos. De acordo com seu ponto de vista, um treinamento para utilização do aparelho poderia facilitar sua utilização por pessoas idosas. Já no segundo caso, a entrevistada Jurema atrela a capacidade de lidar com a tecnologia à instrução formal e à educação, de modo mais geral.

Com base nos comentários, podemos supor que o ente público tem noção da importância da educação e da instrução para que pessoas idosas tenham menos dificuldades no manejo de artefatos digitais.

Corroborando essa ideia, Mattos e Santos (2009) assumem que a inclusão digital de idosos não acontece somente com aquisição de equipamentos; é necessário educação e preparo para que eles sejam operados. O próprio ente público, nas palavras de suas especialistas, tem consciência desta premissa. Segundo as entrevistadas, existe nas dependências da instituição um laboratório de informática, que conta com computadores; no caso dos *smartphones*, a maioria dos frequentadores conta também com seus próprios equipamentos. De acordo com as assistentes administrativas há a intenção da contratação de um profissional para fornecer essa preparação específica, pelo menos no que diz respeito à utilização de computadores e *smartphones*.

A gente conseguiu o mais difícil, que eu acredito que são os computadores (Assistente administrativa Caroá, 2024).

Por incrível que pareça, aqui tem um local aqui pra eles, né? Saber manusear. [...] E tinha muitos que queriam essa aula aqui, essa atividade pra eles. Porque tem uns que tem muita dificuldade. [...] O que pedem muito é o manuseio do celular. [...] Eles querem muito, eles queriam tanto um cursinho aqui, assim, para eles saberem mexer no celular (Assistente administrativa Mangaba, 2024).

Outra razão à qual as entrevistadas atribuem a dificuldade dos frequentadores com o *smartphone* é a falta de prática com o aparelho. Segundo as entrevistadas,

peessoas menos ativas socialmente teriam menos disponibilidade de aprender a lidar com aparelhos celulares. As entrevistadas destacam conhecer pessoas idosas que se mantiveram ativas social e cognitivamente, e que por esta razão teriam mais facilidade de lidar com o *smartphone*.

[...] que eu conheço fora, eu vejo que gente que se manteve ativa até trabalhando, até hoje, né? Tipo, eu tenho uma tia que ela tem mais de 70 anos e ela continua trabalhando. Então ela mexe em computador diariamente, ela não tem dificuldade com celular, com essas coisas, ela não tem dificuldade (Assistente administrativa Caroá, 2024).

[...] são pessoas que têm uma vida muito... Como é que eu posso falar? Têm uma vida assim, bem... Ativa. Entendeu? Viajam sozinhas e já estão tudo acima de 60, 65, essas pessoas, né? ... Viajam, usam celular numa boa, tem contato. Tem pessoas que até viajam pra países fora e levam celular e já vai com tudo organizado. Entendeu? Que é uma fonte de informação, de manter contato com os familiares que ficam aqui (Assistente administrativa Aroeira, 2024).

Mas eu tenho três senhorinhas no meu prédio que são viúvas e elas utilizam. Inclusive, uma faz faculdade. [...] Já com 80 anos de idade, ela faz faculdade. Ela viaja com as turmas. Ela faz musculação. É bem ativa. Já tem outra que é um pouco depressiva. Ela tem o tempinho dela de altos e baixos. Tem dia que ela está felicíssima. Tem dia que ela está chorando. Aí, ela sempre me liga. Quando ela está um pouco depressiva, ela sempre me liga. 'Me dê uma ajudinha... Eu estou com dificuldade de pegar Uber.' (Assistente administrativa Jurema, 2024).

Outro ponto citado entre as entrevistadas é a importância da prática para que o aprendizado seja convertido em diminuição da dificuldade e consequentemente do medo. Segundo ela, com o passar do tempo e com o aumento do tempo de prática, as pessoas idosas terão menos dificuldades e terão o medo da tecnologia reduzido.

Mas, assim, questão de rotina, vai ficar tudo ok. [...] Não tenho dúvida. Talvez melhor do que nós [...] A prática faz você ser melhor. [...] Quando fizer a primeira vez, a segunda, a terceira, o medo já vai passar (Assistente administrativa Jurema, 2024).

Segundo a entrevistada Caroá, a prática também é importante; no entanto, para ela o medo é inerente à idade e não à educação e condição social. A entrevistada destaca a forma intuitiva e prática com que pessoas jovens utilizam a tecnologia, assim como no caso dela própria, em contraste com a falta de prática de pessoas idosas, em função do medo. Além de citar o medo da interação como razão para a não utilização do *smartphone*, as falas a seguir também demonstram certo nível de preconceito etário, bem como destacam, na visão da entrevistada, a facilidade de uma pessoa jovem para identificar golpes cibernéticos, em contraste com a dificuldade das pessoas idosas.

A gente tem aquela coisa intuitiva, porque a gente realmente nasceu nisso, assim, a gente tem uma intuição melhor, mas a gente mexe. E o idoso, ele fica com medo de ir lá, mexer: eita, vou desconfigurar um negócio, vou clicar onde não pode, né? Então tem esse lado aí.

E a gente já sabe identificar, né? quando é a cara do golpe.

[...] rastrear um pacote que está vindo para saber se está vindo mesmo, como foi o caso dessa compra que estava demorando. Então, assim, essa intermediação, quem tem que fazer é a gente (Assistente administrativa Caróá, 2024).

O medo citado pela entrevista pode ser fruto do preconceito que as pessoas idosas sofrem dentro da sociedade, diante da crença de que a pessoa idosa que não sabe usar o *smartphone*. Uma pessoa idosa que faz parte de uma sociedade que não acredita em suas capacidades poderá atribuir dificuldades a si próprio.

Com relação à influência da pandemia do COVID-19 na utilização forçada e do *smartphone*, as opiniões das assistentes administrativas, mais uma vez, mostram a força da crença na dificuldade da pessoa idosa para com o artefato. Elas também acreditam que a pandemia foi um potencializador do aprendizado e do uso efetivo do *smartphone*; no entanto, nenhuma delas fala sobre outras razões que possam ter propiciado aprendizado ou fomentado o uso do equipamento, que não o isolamento social.

[...] depois da pandemia todo mundo teve que aprender um pouquinho mais, né? [...] Mas eu acho que quem é idoso teve que aprender ainda mais, porque eles não têm, não tinham tanta facilidade (Assistente administrativa Caróá, 2024).

É, mudou porque, assim, até a questão de comunicação mesmo, né? Fazer uma chamada de vídeo. Antes você nem via as pessoas. Acho que o uso do WhatsApp aumentou demais, né? Pelos idosos. Hoje em dia, acho que eles usam até mais do que a gente. A gente ainda usa muito porque é uma ferramenta de trabalho, mas assim, eles estão diariamente em casa. É a comunicação. Minha mãe, ela passa o dia todinho fazendo ligação. Faz ligação de vídeo, aí fala com minha tia lá do Rio Grande do Sul, fala com a outra do Acre, não sei o quê. Então, assim, é uma forma de estar perto das pessoas, né? E, assim, o fato da gente não poder sair de casa também obrigou muitas coisas, porque lá em casa, por exemplo, a gente não podia... Mainha ficou com muito medo, então a gente não podia sair pra muita coisa. Então, assim, a operação de banco facilita muito você em ter o celular. Ela sabe fazer Pix (Assistente administrativa Caróá, 2024).

Eu acho que aumentou, sim. Eu acho que sim, inclusive com a contribuição de alguns filhos, pela minha experiência que eu tive. Com a ajuda de outras pessoas. Porque, por exemplo, muitos filhos precisavam sair, trabalhavam fora, e o idoso, ele, de uma certa forma, os filhos queriam dar uma certa assistência. Então tem a questão do celular, entendeu? (Assistente administrativa Aroeira, 2024).

Teve muita gente, de fato, nesse caso, assim, idosos que ficaram sozinhos na pandemia (Assistente administrativa Aroeira, 2024).

[...] acho que eles agora usam mais. Estão usando mais Mesmo com dificuldade. Aqui, ali, tem um mexendo aqui (Assistente administrativa Mangaba, 2024).

[...] eles ficaram presos em casa e eles procuraram ocupar a mente através da tecnologia. Eles estão mais desenvolvidos, desenrolados, sabe como é? (Assistente administrativa Jurema, 2024).

4.3.2 As pessoas idosas: crença coletiva, opiniões individuais e inclusão digital

Abordando pela ótica de Malinowski (1988) e Lévi-Strauss (1975), há uma dimensão coletiva nas opiniões das pessoas idosas: as ideias sociais, que são fortemente presentes no pensamento dos operadores do Estado e das políticas públicas. Por outro lado, há também a dimensão das opiniões individuais, que refletem ideias que são fruto das realidades e necessidade específicas de cada pessoa.

Para entender as necessidades de cada indivíduo, com base nas suas especificidades, a OPAS/OMS (2022) aponta a abordagem centrada na pessoa para o alcance de um envelhecimento saudável. Em função disso é necessário observar, além das capacidades intrínsecas à condição de cada pessoa idosa, as características dos ambientes que as cercam, com seus contextos sociais, econômicos e culturais específicos, considerando assim as necessidades que serão provenientes de cada realidade.

Com relação ao grupo das pessoas idosas que frequentam o CRMPI entrevistadas, pudemos observar uma diversidade de perfis socioculturais e certa diversidade nos padrões econômicos, como já apresentado em tópico anterior, residentes em bairros classificados com níveis médio, baixo e muito baixo de vulnerabilidade socioeconômica, conforme Maior e Cândido (2014). Quanto à questão etária, contamos com informantes numa faixa de 61 a 85 anos de idade. Quanto à escolaridade e vida profissional, tivemos pessoas idosas com diferentes níveis de instrução - de ensino médio à especialização - e com diferentes ocupações: algumas aposentadas, outras ainda trabalhando. Quanto ao dado familiar, a mostra reuniu pessoas inseridas em estruturas familiares diversas, incluindo entrevistados que residem sozinhos e outros que residem com familiares, amigos e/ou profissionais.

Esses aspectos sociais, econômicos e demográficos nos ajudaram a

compreender melhor como o aprendizado e a utilização do *smartphone* aconteciam entre os participantes. Pudemos observar que na maioria dos casos analisados o aprendizado, portanto a utilização do *smartphone*, acontecia efetivamente, mesmo quando se apresentava algum tipo de receio ou medo, em função de uma necessidade que se apresentasse no cotidiano da pessoa idosa, a depender do seu contexto socioeconômico-cultural.

De acordo com Malinowski (1988) a crença de uma determinada sociedade e os ritos e ações que são provenientes delas não excluem, necessariamente, a existência de uma opinião individual. Portanto, assim como o aumento de mulheres na política não exclui uma sociedade misógina e a inclusão de pessoas com deficiências não exclui uma sociedade capacitista, que julga ambos os grupos como incapazes, a crença de que as pessoas idosas têm dificuldades na tecnologia não implica na exclusão efetiva do uso do *smartphone* por idosos; entretanto, pode marcar esses usuários com bloqueios a partir de sentimentos de medo e angústia que poderão levá-los a desistir.

Em algumas entrevistas com pessoas idosas pudemos observar que isso acontece. Se por um lado a crença coletiva na dificuldade do idoso se apresentou como fator relevante no aprendizado e na utilização do *smartphone* pelos entrevistados e isso não impediu a utilização do aparelho; por outro, percebemos que, em alguns casos, as tarefas que geravam algum tipo de sofrimento e angústia eram evitadas pelos idosos. Ou seja, nesta situação, a pessoa idosa continuava utilizando o *smartphone*, mas evitava algumas ações que lhe causavam desconforto, mesmo tendo a possibilidade de ajuda externa, delegando a atividade a outra pessoa.

Em alguns casos, foram mencionadas situações de utilização de aplicativos que causam medo; no entanto, a pessoa idosa, optou por contar com a instrução para a execução dessas ações conforme alguns outros depoimentos. Foram ainda mencionados casos nos quais surge a necessidade de uso acompanhada da percepção do risco quanto à utilização, embora a própria pessoa idosa, mesmo correndo risco e errando efetivamente, opta por executar a ação sozinha até aprender, seja pela dificuldade de pessoas para solicitar ajuda ou ainda pela indisponibilidade das pessoas que, porventura, existam.

Nos depoimentos a seguir pudemos observar duas idosas que não executam

as atividades que as causa desconforto, sendo citados operações bancárias e a solicitação de carro de aplicativo, como Uber. As falas da idosa Xique-xique, de 76 anos e Coroa-de-frade, de 85 anos, são dois exemplos destes casos. Ambas as idosas optam por não realizar as operações que as causam medo, angústia e, portanto, desconforto.

[...] eu tenho medo de abrir... de banco, e tenho medo de abrir, assim... de Uber, que possa ser que eu faça alguma coisa errada (Idosa Xique-xique, 76 anos, 2024).

Para mim, eu acho difícil [...] Eu consigo muito pouco [...] eu só tenho a minha conta, tiro o dinheiro na boca do caixa com o cartão mas esse negócio de fazer Pix, não sei o que, não quero nem saber (Idosa Coroa-de-frade, 85 anos, 2024).

Xique-xique conta com uma rede de apoio composta pelo filho, pela secretária dele e por uma amiga, que realizam operações bancárias e outras consideradas mais complexas, para a idosa. Em outro trecho da conversa, a entrevistada afirmou que não teve interesse em aprender a efetuar esses usos, pois sua rede de apoio realiza as operações por ela. No caso das viagens de Uber, seu filho e sua secretária que normalmente executam a solicitação. No caso de viagens com saída do CRMPI, sua amiga, a idosa Mandacaru, é quem solicita o serviço pelo aplicativo, já que elas residem no mesmo bairro.

Ah... Eu mando alguém fazer, ainda não pedi ajuda para aprender, não. Meu filho chama o Uber, a secretária dele. Eu abuso muito a secretária. Quem chama o meu Uber é Mandacaru pra mim. Porque eu não sei não (Idosa Xique-xique, 76 anos, 2024).

Já com relação às operações bancárias é somente o filho que as faz:

[...] porque tudo meu ele que faz. Que já tô nessa idade, deixe que eu... Por exemplo, a aposentaria ele que tira. Essas coisas (Idosa Xique-xique, 76 anos, 2024).

Já a idosa Coroa-de-frade, de 85 anos, que também opta por não efetuar operações bancárias, descreve que igualmente não teve interesse. A idosa reside sozinha e recebe regularmente a visita de um sobrinho. Ela conta que a esposa dele trabalha fora e passa alguns períodos trabalhando em outro estado, intervalos de tempo em que ele fica com a idosa em seu apartamento. No entanto, segundo informou, o sobrinho não oferece ajuda se ela não solicitar, e não expressa nenhum tipo de estímulo. Ela conta que já contratou uma pessoa de confiança para fazer seus pagamentos mensais e lhe ensinar algumas coisas, mas que essa pessoa não tem correspondido às suas expectativas.

Ele (o sobrinho) não se mete na minha vida! [...] Aí, então, eu acertei com a pessoa para treinar um pouco, mas essa pessoa tem falhado.

[...] até falei com a pessoa que tira minhas contas. [...] Para me dar umas aulas. Mas se a pessoa tem falhado, não tem vindo (Idosa Coroa-de-frade, 85 anos, 2024).

Já nos depoimentos a seguir, temos as falas de duas idosas em relação a atividades no *smartphone* que lhes causam medo. Essas informantes contam com o auxílio de pessoas próximas para ajudarem-na a executar as operações, elas próprias. Ou seja, em ambos os casos, mesmo havendo uma dificuldade instaurada, a realização da tarefa é efetuada pelas próprias idosas, que não delegam a atividade a outrem, ambas mostrando-se interessadas em aprender.

Tipo assim, eu gosto muito de fazer (compras) na Shopee. Essas coisas, sabe? [...] mas eu tenho medo, porque usa cartão, sempre é só no cartão. Eu tenho medo de errar. [...] E quem me ensinou mesmo, quem fez tudo para mim, quando comprou, quando eu comecei... Sim, foi o meu neto que mora no Rio. Ah, quando ele tava aqui ele é que me ajudava. E a minha neta também agora, minha neta que me ajuda também. Ajuda também, quando eu preciso é ela (Idosa Juazeiro, 67 anos, 2024).

Não tem aquelas promoções, né? A Shein, né? Eu digo, ah, minhas roupinhas da Shein. Aí eu ligo pra minha neta, aí eu digo: me ensina. Aí eu vou aí pra tu me ensinar, eu quero aprender (Idosa Umbuzeiro, 62 anos, 2024).

Já os depoimentos a seguir expressam a perspectiva de pessoas idosas que, apesar da ausência de uma ajuda constante ou da indisponibilidade de pessoas ao seu redor para ajudar, optam por tentar realizar as atividades sozinhas, mesmo correndo o risco de cometer algum erro. No caso do idoso Facheiro, de 61 anos, a separação da primeira esposa fez com que ele ficasse um período morando sozinho. Ele conta que antes da separação era a ex-esposa que fazia as operações bancárias. Depois que se separou, Facheiro teve que aprender sozinho, pois, segundo ele, seus filhos residem em outra cidade e não tinham disponibilidade para ensiná-lo a realizar operações bancárias à distância. Entretanto, a fala revelou que o idoso se dispõe a aprender, objetivando adquirir mais independência e confiança no uso do equipamento para operações em geral, apesar das dificuldades e desconforto que tais operações envolvem.

Aí, fui eu aprendendo. Realmente, fiquei quebrando a cabeça. Tive que apanhar. Eu aprendi. [...] Tudo você tem que fazer. Eu não sabia mexer muito assim, aplicativo de banco. Mas eu já comecei, eu já mexo, eu já faço meus pix. Pagamento, é... Porque eu não sabia fazer isso. Eu uso, assim, mais pra pagar a conta. [...] Eu quero aprender mesmo para me sentir, pra eu ter mais segurança. Eu fazer coisas que eu tenha mais segurança (Idoso Facheiro, 61

anos, 2024)

A idosa Carnaúba, de 65 anos, também é um típico caso de pessoa idosa que, na indisponibilidade de uma ajuda constante, optou por aprender sozinha ou com a pouca ajuda que esporadicamente recebe. Ela fala de duas atividades que aprendeu praticamente sozinha: solicitar Uber e realizar operações bancárias.

Pronto. Aprendi. Uso. Eu baixei o aplicativo (Uber), e comecei a usar e aprendi. E aí aprendi. Comecei a pedir.

Faço PIX, faço tudo assim. [...] Hoje eu faço PIX, faço pagamento. E, inclusive, até pagamento eu aprendi a fazer. Pagar minhas contas, umas coisas (Idosa Carnaúba, 65 anos, 2024)

A idosa teve, em 2016, o diagnóstico de Esclerose Múltipla e, segundo Carnaúba, desde então perdeu a convivência com seus colegas de trabalho, já que a comunicação com eles foi diminuindo, sendo seu convívio atual basicamente com familiares. Carnaúba conta que, em função da Esclerose Múltipla, está sendo necessário reaprender várias atividades que antes realizava com facilidade.

O arranjo familiar da idosa é composto por ela, sua irmã, sua mãe, uma cuidadora e o esposo da cuidadora, totalizando 5 pessoas. Porém, ela destaca que as pessoas que moram com ela nem sempre têm paciência para ensiná-la no que precisa. Em função disso, conta esporadicamente com o suporte de uma sobrinha que não reside com ela e nem sempre tem disponibilidade. As pessoas que residem com ela, segundo a própria informante, não a incentivam à utilização do *smartphone*; pelo contrário, criticam-na dizendo que ela passa muito tempo no telefone, apesar dela mesma discordar desta crítica. Enfim, observamos que a idosa se mostra interessada em aprender, mesmo não contando com a disponibilidade das pessoas da família.

[...] em coisas que eu não sei fazer também. Eu faço o que eu sei fazer. Vou aprendendo devagar. Se for para fazer, enviar (e-mail), eu consigo. Mas tem coisas que eu não consigo, eu também não forço muito não, porque senão...

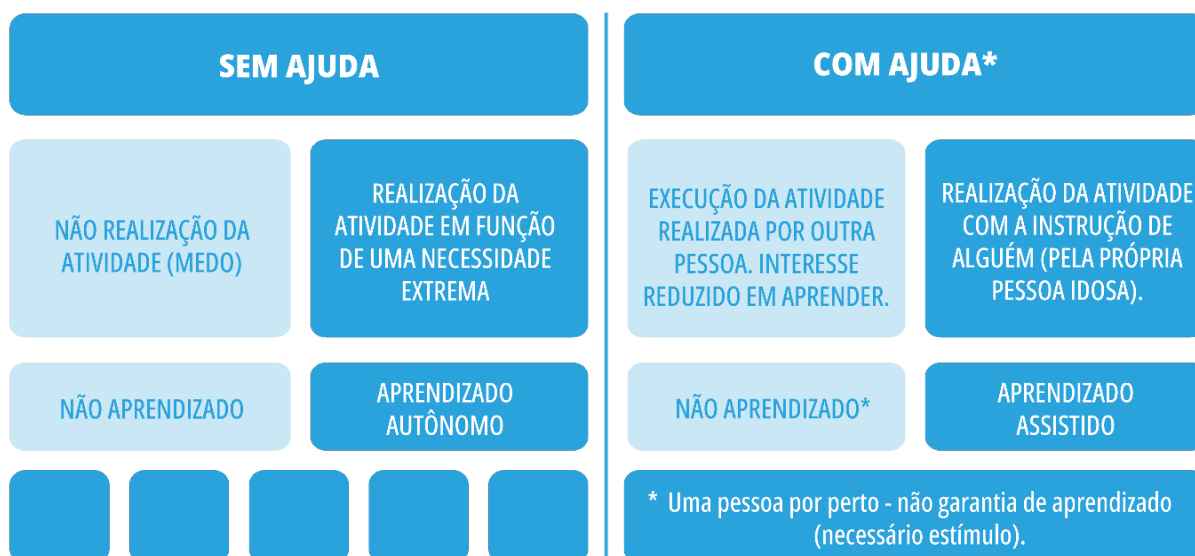
[...] consigo. Se tiver alguém... Aí como eu não tenho em casa quem ajude... Você tem que esperar que alguém diga. E nem todo mundo tem paciência, né?

Aí eu pergunto! E nem sempre tem tempo e paciência para responder. Porque as pessoas pensam assim. Você tem que aprender. Minha irmã mesmo, que eu moro com ela, é a mesma coisa. É prática. Aí eu... Para não esquentar muito minha vida, eu não insisto muito não, sabe? (Idosa Carnaúba, 65 anos, 2024)

Em função dos depoimentos pudemos ver que entre as pessoas idosas entrevistadas há sim o medo da tecnologia, porém isso não as impede de usar o

smartphone. Algumas evitam utilizar pontualmente as atividades que causam esse medo, essa angústia; já outras, utilizam o equipamento para essas atividades contando com o auxílio de alguém. E há também aquelas que, na indisponibilidade de alguém para ajudar, precisam aprender sozinhas ou com muito pouca ajuda (quadro 4).

Quadro 4 - Relação do aprendizado das pessoas idosas do CRMPI com ajuda de terceiros



Fonte: A autora (2024).

Pudemos observar que nos casos em que houve presença de alguma fonte auxílio, a forma como essa relação se deu implicou diretamente no aprendizado e na utilização das atividades mencionadas como temerárias e que causam desconforto pelos idosos. Por outro lado, nos casos em que a atividade era realizada por outras pessoas, que não a pessoa idosa proprietária do *smartphone*, sem intenção de colaboração didática, não houve um aprendizado e possivelmente não existirão utilizações futuras desses aplicativos pelos idosos de forma autônoma. Já nos casos em que a relação com as pessoas que auxiliaram foi de instrução, houve algum tipo de aprendizado, mesmo que ainda não se caracterize como aquisição efetiva de competência. Entretanto, considerando que o uso dos equipamentos tecnológicos que se popularizam tende a assumir uma feição de naturalidade nos círculos sociais onde está disponível, acreditamos que a repetição das atividades poderá levar à utilizações mais autônomas pelas pessoas idosas.

Já nos casos em que houve ausência ou indisponibilidade de ajuda, duas

situações se desenvolveram: uma primeira, na qual não houve nem aprendizado, nem execução da atividade e uma segunda na qual a pessoa idosa buscou meios próprios para aprender a realizar a atividade, como por exemplo a repetição da própria tarefa que necessitava dominar.

Assim, no processo de análise das entrevistas observamos uma relação entre a persistência da execução da atividade que causa desconforto e o aprendizado e uso efetivo dos *smartphones*, motivados pela disponibilidade em aprender. Ou seja, observamos que as experiências daquelas pessoas idosas que apresentaram, em função das suas condições e necessidades específicas, motivação e interesse no aprendizado, conseguiram avançar na realização de atividades no *smartphone*, mesmo que diante de certo desconforto nesta utilização.

Vale salientar que o idoso Facheiro e a idosa Carnaúba, ambos tiveram uma experiência profissional com a utilização do computador antes da aposentadoria. Facheiro atuou por 40 anos como técnico administrativo na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), campus Campina Grande, atual Universidade Federal de Campina Grande. Quando trabalhava, o computador era sua ferramenta de trabalho. O idoso relata que o computador foi, por muito tempo a sua ferramenta de trabalho e destaca que não tinha dificuldades na época. Atualmente, o idoso não possui mais um computador, pois todas as suas atividades são realizadas no *smartphone*. Já Carnaúba trabalhou durante muitos anos como supervisora educacional na cidade de Sapé e na Prefeitura de João Pessoa (PMJP). Apesar de estar aposentada desde 2016, ano que obteve o diagnóstico de esclerose múltipla, conta que durante a atividade profissional fazia uso de computador com frequência. Como trabalhava na formação de outros professores, Carnaúba conta que preparava materiais didáticos e fazia apresentações. Atualmente, a idosa destaca que não consegue mais operar o computador com tanta facilidade em função da esclerose múltipla, apesar de contar com o artefato em sua residência, destacando que o *smartphone* é o aparelho mais utilizado por ela atualmente.

Apesar de ambos possuírem um nível de instrução superior, a experiência com a tecnologia, mesmo que com a utilização de um artefato diferente do *smartphone*, se diferencia entre os demais entrevistados do grupo que também apresentam instrução de nível superior, mas que não tiveram, anteriormente, tempo

considerável de experiência com algum artefato tecnológico digital, como é o caso da idosa Coroa-de-frade. A idosa também possui instrução de nível superior, no entanto, durante a sua vivência profissional não teve contato com artefatos tecnológicos digitais. Ela conta que foi professora durante muito tempo em sua cidade natal, quando lidava com artefatos didáticos como lousa, giz, apagador e, em algumas oportunidades, um projetor analógico de transparências.

Portanto, a análise apontou que entre as pessoas idosas pesquisadas, o aprendizado e o uso efetivo do *smartphone* em atividades que lhes causavam temor e desconforto não teve relação com a instrução geral, mas sim com o aprendizado direcionado, sendo proveniente de experiência profissional com computador, como é o caso do idoso Facheiro e da idosa Caruaíba, ou como no caso das idosas Juazeiro e Umbuzeiro, que apesar de uma instrução de nível médio, conseguiram, com a ajuda da instrução por familiares, realizar as ações que lhes causavam desconforto.

De acordo com Mattos e Santos (2009) não basta a existência do aparelho, ou seja, somente o artefato digital para a inclusão de uma pessoa idosa, os autores destacam que outros fatores são necessários para que haja realmente uma inclusão digital, mostrando o quanto a educação, ou seja, um preparo, uma instrução para a utilização do equipamento e com isso o desenvolvimento da capacidade cognitiva, são importantes nesta relação.

Em síntese, apesar do medo existente e da crença na dificuldade, as pessoas idosas que estão em contato com fontes de aprendizado direcionado ao uso do *smartphone*, formais ou não, podem ser consideradas inclusas digitalmente, ao passo que, na falta dessa instrução, as pessoas que são resistentes ou impossibilitadas de adquirirem alguma forma de informação, terão seu potencial de inclusão diminuído, à medida que foram surgindo novos aplicativos e a necessidade de outras interações.

4.3.2.1 Refletindo sobre as necessidades que levam ao uso do *smartphone*

Pudemos ver com as entrevistas, que mesmo na existência de dificuldades, o aparelho *smartphone* ainda foi utilizado, no entanto, de formas diferentes, e este uso dependeu do contexto específico de cada pessoa idosa e suas necessidades.

Dois pontos se destacaram quanto à natureza das necessidades que foram percebidas como impulsionadoras do aprendizado e da utilização do *smartphone*

pelas pessoas idosas entrevistadas, conforme Tabela 1: a necessidade de construir e manter relacionamentos; e o desejo de aprender, desenvolver-se e tomar decisões. Tais necessidades refletem dois dos cinco aspectos componentes da habilidade funcional, definidos pela OPAS/OMS (2022) para que uma pessoa idosa consiga ter um envelhecimento saudável.

Tabela 1 – Quantidade de atividades percebidas entre as pessoas idosas entrevistadas do CRMPI

Necessidades percebidas		Ocorrências (nº)
A	Aprender, desenvolver e tomar decisões	51
C	Construir e manter relacionamentos	23
Nb	Suprir necessidades básicas	02
M	Ter mobilidade	02
S	Contribuir com a sociedade	02

Fonte: A autora (2024).

A primeira diz respeito à construção e a manutenção dos relacionamentos da pessoa idosa com sua família, amigos, e demais grupos sociais e a segunda refere-se ao fortalecimento da autonomia, da dignidade, da integridade, da liberdade e da independência da pessoa idosa. Apesar de mais presentes entre as demais capacidades necessárias ao envelhecimento saudável, essas necessidades não foram as únicas, porém as que mais se destacaram nas entrevistas.

Salientar que uma atividade pode constituir resposta a uma ou mais necessidade, dentre as acima mencionadas e, conseqüentemente, estar relacionada a várias competências (habilidades funcionais) ao mesmo tempo. Além disso podemos observar o reflexo da crença na realização das atividades, bem como, o desconforto causado ou não por algumas atividades entre as pessoas idosas entrevistadas do CRMPI, conforme quadro 5.

Quadro 5 – Necessidades percebidas entre as pessoas idosas entrevistadas do CRMPI.

LEGENDA	CRENÇAS		FINALIDADE				FORMAS DE USO		NECESSIDADE X DESCONFORTO															
	crença dificuldade	Interesse de aprender	C	Construir e manter relacionamentos	M	Ter mobilidade	Uso excessivo																	
			A	Aprender, desenvolver e tomar decisões	S	Contribuir com a sociedade	Atividades que se intensificaram na pandemia																	
Sim S	Não N	Nb	Suprir necessidades básicas																					
Surgida...	ANTES																DURANTE						DEPOIS	
Atividade	Whatsapp* Mensagens	Whatsapp** Ligação de vídeo	Facebook Instagram	Youtube	App Banco	Google	E-mails	Compras	Fotos	Google Drive	Ler .pdf	Sou Gov INSS	Pesquisar viagens	Whatsapp* Whatsapp**	App Banco	Missa IG	Liberar espaço	Facebook Instagram	Compras	Uber	Matrícula on-line			
Pessoa idosa																								
Mandacaru, 70	C S S				A							A		C Nb A		C A	A							
Palma, 72	N S		C Nb A															C A						
Macambira, 84	C N S		C A	A	A									C A S			A							
Coroa-de-frade, 85	C S S		C A	A	A	A																		
Xique-xique, 76	C S S	C A	C A	A	A									C A C A						M A				
Carnaúba, 65	C S S		C A	A	A		C A								C A					M A				
Juazeiro, 67	C S S	C A	C A					A																
Facheiro, 61	C S S													C A	A						S A			
Umbizeiro, 62	C S S	C A	C A	A	A				A	A	A	A	A	C A C A	C A				A					

Fonte: A autora (2024).

As atividades referentes à comunicação com parentes e amigos via redes sociais, associadas à capacidade de criar e manter relacionamentos, por exemplo, foras as mais recorrentes. A realização dessas atividades por sua vez, seria precedida pela capacidade de aprender, desenvolver e tomar decisões, pois antes de começar de fato a se comunicar por essas redes sociais, é necessário à pessoa idosa um aprendizado mínimo da atividade. Portanto, no caso das pessoas idosas entrevistadas no CRMPI, todas as atividades destacadas refletem primeiramente a capacidade de aprender, se desenvolver e tomar decisões, uma vez que a necessidade da realização da atividade utilizando-se um artefato tecnológico demanda o emprego de algum tipo de aprendizado tecnológico prévio.

Várias foram as pessoas entrevistadas que destacaram, por exemplo, que a utilização de aplicativos de troca de mensagens como o WhatsApp partiu de uma necessidade de se comunicar e manter o relacionamento com diversos grupos, de diversas naturezas, mesmo antes da pandemia do COVID-19. As motivações que levaram cada uma das pessoas a procurar a comunicação via *smartphone* dependeram de suas realidades e necessidades específicas, no entanto, todas tiveram esta necessidade como potencializadora do aprendizado e da utilização do aparelho. Neste ponto podemos destacar, além da necessidade de se relacionar, que aparece mais fortemente, a necessidade de aprender para ter autonomia e independência.

Mando texto, mando mensagem, foto, bom dia, sempre eu gosto de mandar, bom dia boa noite, boa tarde, foto que eu vejo, vá assistir uma aula dessa... Aí eu já mandei pra ele, né? Eu já mandei pra ele, já mandei pra minha comadre, já mandei pra minha amiga. Tem amiga de Recife, já viu já agora de tarde, eu vim... Mando tudo. [...] Rio de Janeiro, Fortaleza, São Paulo, Brasília, esse pessoal tudinho eu tenho amizade e eu ligo, todo dia eu falo, pelo WhatsApp, todo dia. [...] Ah! Eu gosto, eu gosto, viu? Porque eu gosto de comunicar. Eu gosto de falar, eu não gosto de ficar parada. Então quando eu não estou conversando com alguém na minha casa, eu estou no telefone (Idosa Palma, 72 anos, 2024).

Porque eu converso com as pessoas. Tou sempre interagindo com elas. [...] As amigas eu tenho, eu tenho... Bastante. Grupo de viagens, que eu viajo muito (Idosa Macambira, 84 anos, 2024).

Mas eu olho assim de manhã, pra ver alguma fofoca, também tem o pessoal dando bom dia. Todo dia também aquele pessoal (Coroa-de-frade, 85 anos, 2024).

E importante destacar que pelo fato de termos vivido recentemente uma pandemia, onde um período de isolamento social foi necessário para evitar o contágio pelo Corona Vírus, houve a necessidade de se avaliar até que ponto este período de isolamento impactou nas necessidades observadas nas entrevistas. De posse dos depoimentos, pudemos observar que, mesmo que tenha sido um período de extrema dificuldade em vários aspectos e, principalmente nas relações sociais, o isolamento social e as demandas geradas por ele não foram os únicos responsáveis pelas necessidades que se apresentaram nas entrevistas. Embora o período do distanciamento social tenha sido um potencializador, pudemos observar a existência prévia de outros fatores (alguns continuam a existir), inerentes aos contextos particulares dos entrevistados.

Nos depoimentos a seguir podemos enxergar a necessidade das pessoas idosas em manter seus relacionamentos e se manterem autônomas e independentes, antes

do período de isolamento social.

No caso da idosa Mandacaru, de 70 anos de idade, por exemplo, que é viúva e precisou administrar as finanças da casa sozinha após a morte de marido, a realização de operações bancárias - feitas com o uso do *smartphone* e com auxílio inicial de seu filho - foi uma demanda que se apresentou antes do período pandêmico. A idosa destaca que intensificou o uso das operações bancárias durante o período da pandemia de COVID-19, mas começou a usar a funcionalidade bem antes. E, apesar do medo de golpes, aprender a realizar operações bancárias representa para ela ser independente, não ter que dar satisfação de sua vida financeira nem para os filhos, nem para o atual namorado. O fato de fazer essas operações ajuda a fomentar a sua capacidade de aprender, se desenvolver e tomar decisões, fazendo-a sentir-se autônoma e independente.

Pago água, luz, pago cartão de crédito, cartão de crédito do Banco Brasil. Minhas continhas, tudo aí, plano de saúde. Meu INSS. Aí eu olho. Quando o salário vai... O dia que vai entrar. Essas coisinhas assim. Eu aprendi. [...] Ajuda demais. [...] Eu só tenho medo dos golpes. [...] Eu só fico pensando no dia em que eu não puder usar mais, né? Ixi, Maria. Todo mundo saber meus segredos. Meu saldo. Eu tenho o maior cuidado com meu saldo. O dinheiro que sobrou, depois da despesa, aí eu passo pra poupança da Caixa. Que eu tenho o aplicativo da Caixa e do Banco do Brasil (Idosa Mandacaru, 70 anos, 2024).

Já no caso depoimento da idosa Palma, de 72 anos, a utilização da ferramenta de comunicação é necessária ao seu trabalho de vendedora de roupas pela internet. A idosa conta que além de solicitar os pedidos ao seu fornecedor, também faz as vendas via aplicativo de mensagens Whatsapp. Neste caso temos abarcadas três capacidades da habilidade funcional da idosa que a ajudarão na manutenção de um envelhecimento saudável, segundo a OPAS/OMS (2022): primeiramente, a capacidade de criar e manter relacionamentos, que aparece no momento em que ela precisa fazer contato com seus fornecedores e clientes; depois vem a capacidade de suprir algumas necessidades básicas, já que ela se mantém com ajuda dessas vendas, mas também com ajuda financeira do filho e, por último, a capacidade de aprender, desenvolver e tomar decisões, se sentir autônoma, tanto realizando a venda sem ajuda de mais ninguém, como sendo responsável por uma parte dos custos básicos de sua vida, o que para ela representa ser independente e auto suficiente, pelo menos quanto às demandas supridas pela sua própria receita.

Eu peço mercadoria pra loja, a loja manda pra mim, aí eu exponho a

mercadoria, ali mesmo eu vendo pra quem eu ia vender. Aí eu só faço pedido, a mercadoria, e quando chegar eu já entrego. É tanto que eu fico sem mercadoria. [...] Meu dinheiro é só pra minhas é pra minhas... Pra os meus passeios, porque ele (o filho) pega no meu pé demais, né? (Idosa Palma, 72 anos, 2024).

Para Macambira, de 84 anos atender à capacidade de manter relacionamentos sociais aparece na necessidade de se manter conectada com familiares e amigos. Macambira, que mora com seu marido, também idoso, usa o aplicativo Whatsapp com frequência para conversar com suas amigas e seu grupo de viagens desde antes da pandemia do COVID-19.

Porque eu converso com as pessoas. Tou sempre interagindo com elas. As amigas eu tenho, eu tenho... Bastante. Grupo de viagens, que eu viajo muito (Idosa Macambira, 84 anos, 2024).

Ela conta que durante o isolamento social interrompeu as viagens, mas que, apesar de já conversar com suas amigas antes da pandemia do COVID-19, intensificou as conversas durante o isolamento social porque algumas delas necessitaram mais de ajuda durante o período. Essas afirmações refletem a capacidade de criar e manter relacionamentos e a capacidade de contribuir com a sociedade, pois a idosa sentiu-se útil em poder ajudar amigas que necessitavam de auxílio durante o período de isolamento social. Quando perguntada se tinha utilizado mais o *smartphone* durante a pandemia do COVID-19, respondeu:

[...] usei mais. [...] porque às vezes até pessoas que mereciam que eu desse uma palavra, né? Que estava muito... Eu tenho muitas amigas que são muito assim, tristonhas e são, sei lá (Idosa Macambira, 84 anos, 2024).

Na fala da idosa Xique-xique, de 76 anos de idade, a necessidade de comunicação e manutenção das relações surge também antes do período de isolamento social. Xique-xique tem três filhos e quando dois deles saíram de casa, com a filha indo morar fora do país, a idosa conta que teve que buscar alternativas para continuar se comunicando com eles à distância, principalmente com a filha e com os netos. Ela também tem parentes que moram em outros estados e se comunica bastante com os irmãos.

Faço vídeo, ligo para vídeo para conversar lá fora, minha filha mora nos Estados Unidos, eu ligo para ela. [...] Minha filha liga dos Estados Unidos. Mãe, como é que você está? Aí conversa. Bota o vídeo. Eu vejo ela, vejo meus netos. Ajuda muito. [...] É bom. Eu abro o vídeo, aí vejo eles lá, vejo ela. Minhas irmãs de São Paulo, abre o vídeo lá e manda eu abrir aqui. Aí eu vejo tudinho, canta parabéns pra mim lá em São Paulo. [...] Eu acho que essa tecnologia é bem-vinda, sabe? Porque a gente, como eu tenho um filho que está tão longe, a gente vem para conversar com ele, e já mata a saudade. E aí a notícia, a gente

quer perguntar alguma coisa, conversar com o irmão umas coisas. Passo o tempo todo conversando com ele, e ele longe, parece que a gente está perto. Mata a saudade da filha. Ele mata a saudade, é! (Idosa Xique-xique, 76 anos, 2024).

A idosa conta que, mesmo tendo começado a fazer ligações de vídeo antes do período de isolamento social, durante a pandemia de COVID-19 intensificou as atividades e isso a fez aprender com mais velocidade e ter mais prática na realização da ação.

E a gente não conseguiu sair muito, sem ir para a igreja, sem ir pra canto nenhum. É porque antes eu estava começando a aprender, né? E agora como já me acostumei, já (Idosa Xique-xique, 76 anos, 2024).

Xique-xique conta que se sente muito bem por conseguir manter contato com os filhos e com familiares, mesmo à distância. A manutenção do relacionamento com familiares faz a idosa matar a saudade, ficar feliz e satisfeita.

Eu acho bom. Muito bom! [...] Eu, na minha opinião, achei muito bom esse celular. Porque para mim está servindo muito. Porque se a gente está conversando com o filho de longe assim, vendo que ela bota a imagem na casa dela, estou aqui, estou ali, estou ali, mostra onde ela está, mostra onde ela viaja, mostra onde ela vai, é muito bom (Idosa Xique-xique, 76 anos, 2024).

A idosa Umbuzeiro, de 62 anos, é um outro exemplo em que a necessidade de comunicação e independência motivam a utilização do *smartphone*, mesmo antes do período de pandemia. Casada novamente em momento recentemente, destaca várias atividades que gostaria de fazer sem a ajuda de ninguém para manter a sua privacidade e autonomia sobre suas decisões. Algumas delas ela já domina e outras, ainda precisa de ajuda. Quando perguntada sobre o que o *smartphone* representa em sua vida, ela destaca a independência que o uso do equipamento pode trazer:

Eu acho que é a independência. [...] comprar, ver as mensagens, né? Mandar um bom dia, uma coisa e outra. Ver o que é que tem nos grupos daqui, né? Que a gente participa. Essas coisas assim. Pesquisar as viagens, sem ter que estar pedindo (Idosa Umbuzeiro, 62 anos, 2024).

No caso de Umbuzeiro, o marco para a mudança da forma como ela lida coma tecnologia e com seu *smartphone* hoje foi também foi a morte de seu primeiro marido. Ela destaca que ele era funcionário de uma instituição federal e que, quando faleceu, ela precisou fazer contato via canais eletrônicos com a instituição, enviando e recebendo documentos para agilizar o recebimento de sua pensão e que até hoje precisa manter esse contato para outras questões legais. Ela conta que no início dessas atividades precisou da ajuda do filho, que a incentivou a ter seu próprio

smartphone para conseguir ler os arquivos e enviar o que fosse necessário e para que não precisasse sempre da sua ajuda, quando fosse preciso entrar em contato com a instituição.

E é tudo por PDF, e não sei o que, e dessas coisas. Aí, eu sou viúva, né? Meu primeiro marido. [...] quando faleceu, aí eu fiquei com a pensão. Então tudo do IF, que é do IFPB, então tudo o povo fica mandando pra mim, como pode? Aí era o meu filho, [...] não pode mãe, a senhora tem que ter o seu, né? (Idosa Umbuzeiro, 62 anos, 2024).

Mesmo com tantas demandas surgidas antes do período do distanciamento social, não podemos ignorar o impacto da pandemia e de suas consequências nas vidas dessas pessoas idosas até hoje. O que se aprendeu durante o período pode influenciar a maneira como as pessoas idosas lidam com as necessidades surgidas após o término do período pandêmico e as que surgem atualmente.

Alguns depoimentos das pessoas entrevistadas que se seguem, mostram como as alternativas de comunicação propiciadas pelo uso do smartphone, foram importantes para prover certa autonomia e independência às pessoas idosas e para amenizar os efeitos negativos de toda a população durante a pandemia do COVID-19.

Por exemplo, a idosa Mandacaru, de 70 anos, viúva, como já citado anteriormente, pretende se casar novamente e conta que se reencontrou com seu atual namorado - que foi seu colega de trabalho na época em que foi bancária -, alguns meses antes do aparecimento dos casos de COVID-19 no mundo. Ela conta que começaram a namorar e que, quando a OMS decretou o isolamento social para que se evitasse o contágio do Corona Vírus, eles tiveram que aprender juntos a utilizar alguma ferramenta para se comunicar. Ela relata a importância daquela ação para eles e sua felicidade em atender à necessidade de comunicação com o namorado:

Aí durante a pandemia, a gente fazia pouco tempo de namoro. Acho que uns 6 meses, por aí. Aí apareceu a pandemia. Cadê ele? A gente com medo. Eu, principalmente, com medo de a gente se encontrar. Aí a gente ficou sem, durante muito tempo, a pandemia. Aí a gente inventou, ele que inventou, do vídeo. Ah! Aí era bom demais. Teve um Dia dos Namorados. Aí a gente fez um, bem engraçado. Eu tenho uma mesinha, as taças de vinho. Foi um negócio virtual. Esse Dia dos Namorados foi diferente, sabe? (Idosa Mandacaru, 70 anos, 2024).

A idosa ainda destaca que, durante o período do distanciamento social precisou manter a comunicação com uma filha, que não mora com ela, para

realização de atividades práticas do dia a dia no período que não era permitida a aproximação entre pessoas que não residissem no mesmo espaço, para evitar o contágio do COVID-19. A comunicação com a filha era necessária em função de outra demanda específica da época: a de suprir suas necessidades básicas, no caso, com a aquisição da feira semana que a filha fornecia e transportava para a idosa, a fim de evitar que ela saísse de casa. Ela conta que sua filha trazia suprimentos e que os deixava na entrada da casa e avisava, por exemplo, utilizando o aplicativo de mensagens Whatsapp, tanto para informar que já havia trazido as compras para que a idosa e o filho que mora com ela pudessem pegá-la, quanto para informar e dar orientações sobre o conteúdo das compras.

A minha filha chegava com a feira. Já que tava nós dois, né? Sim. Ficamos isolados. Ela abria o portão, deixava a feira, as coisas no terraço. Pelo WhatsApp: mainha, eu tô deixando as coisas aí. Que a senhora tá precisando. Ovos, carne, essas coisas. Aí deixava lá no terraço. Aí eu ia pegar. Pra gente comer (Idosa Mandacaru, 70 anos, 2024).

O idoso Facheiro, de 61 anos, conta que se separou de sua primeira esposa durante o período de isolamento social, o que dificultou bastante sua vida prática, pois, segundo ele, teve que aprender a fazer várias coisas no *smartphone* e, como sua ex-esposa e seus filhos ficaram em outra cidade e em função do isolamento social não havia a possibilidade de visitas, a comunicação, principalmente com os filhos, teve que começar a acontecer de forma virtual. O idoso destaca que foi um período de muito aprendizado e diz que hoje se sente bem utilizando seu *smartphone*.

Foi, na pandemia, foi. Foi uma maneira que eu comecei assim, né? Porque meus filhos sempre vinha lá. Pai, o senhor tá bem? Como é que tá? Mas é aquela história, né? É, a mesma coisa, é a mesma coisa. Oh, todos os dias meus filhos mandam pra mim mensagens. Pai, como é que o senhor tá? O senhor tá bem? Porque eles moram em... Em Campina Grande... Com a mãe. É, os dois filhos. Foi um período de muito aprendizado. E me despertou mais. Para aprender, assim, porque você é aquela coisa... Eu gosto. Eu gosto mesmo (Idoso Facheiro, 61 anos, 2024).

A idosa Carnaúba, de 65 anos, também conta que no período do distanciamento social houve a necessidade de manter sua relação com o grupo da igreja que frequenta até hoje de forma virtual. Carnaúba destaca que hoje, ainda faz ligações de vídeo, porém, com menos frequência que antes, assinalando que alguns encontros ainda acontecem virtualmente. A idosa destaca que, para ela, isso significa comunicação, mesmo mostrando certa preocupação sobre até que ponto o

uso da tecnologia vai favorecer realmente a comunicação entre as pessoas, tema que será abordada no próximo tópico.

Por exemplo, a igreja, que eu ia para a igreja, na pandemia não fui. Não havia como a gente ir. Então, assim... Mas a gente, a parte dos cultos era online. A gente... Tinha assim, palavra, o estudo da palavra, a ceia. Porque aí fazia chamada e a gente participava. [...] Por exemplo, eu fazia reunião, chamada de vídeo com cinco, integrado. Eu conseguia fazer... Conseguia conversar com cinco pessoas, reunião do povo. Então, assim, essa coisa eu usei muito na pandemia. [...] Hoje, só na quarta-feira, a gente estuda um livro, faz um estudo na quarta-feira à noite. É. Uma vez só por semana. [...] Utilizar o celular, eu acho que ajuda a comunicação. A gente tem esse instrumento porque hoje... A comunicação é difícil com as pessoas. Principalmente se for gente mais distante (Idosa Carnaúba, 65 anos, 2024).

Também foram relatadas, entre as pessoas idosas entrevistadas, necessidades que se apresentaram após o término do isolamento social que permanecem válidas até os dias de hoje.

A esse respeito, a idosa Carnaúba destaca que quando começou a se deslocar para outros lugares em função do fim do isolamento social, começou a utilizar serviços de carro de aplicativo, como Uber. Ela conta que até hoje utiliza os serviços e que teve que aprender a usar o aplicativo para suprir suas necessidades de deslocamentos e de forma independente e autônoma. Em função da sua prática no aplicativo, atualmente ela ainda vivencia certa angústia, não a proveniente da tarefa de efetuar o pedido da corrida, como no início, mas agora, relativa a tarefas mais complexas (ou menos usuais) do aplicativo, como fazer uma reclamação em função de um cancelamento de viagem.

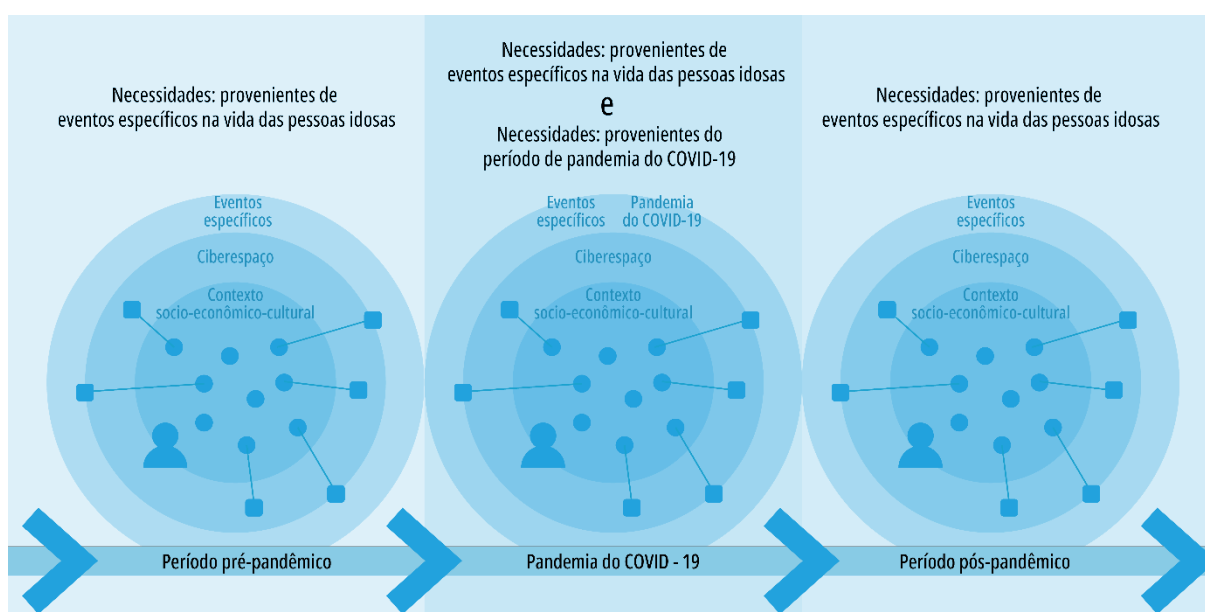
Agora a reclamação eu acho complicado. Porque você pede, a gente tem o retorno que a gente tem que fazer. Tipo assim: se eu cancelar uma viagem eu tenho que pagar. Eles cancelam à vontade, à vontade e a gente não pode fazer nada (Idosa Carnaúba, 65 anos, 2024).

Também o idoso Facheiro conta que após o período de isolamento social, teve a necessidade de socializar de forma presencial e, para tanto, quis fazer um curso de música junto com sua atual esposa, já que, segundo ele, ambos gostam bastante de música. As inscrições eram feitas somente através do envio de um formulário online, que o casal não conseguiu efetuar, gerando desconforto e frustração para ambos.

Aí, teve um... Negócio de um questionário. Aí, você mandava esse negócio de documento. Eu não sabia, agora. Foi... Perdi a inscrição, porque eu não sabia mandar o negócio que tinha. Preenchi o formulário todo direitinho, que eles me pediram. Aí, na hora de mandar a documentação, eu digo... Eu vou mandar como? (Idoso Facheiro, 61 anos, 2024).

Da análise dessas falas, pudemos observar que a janela temporal representada pelo período do distanciamento social relativo à COVID-19 foi bastante significativa no que diz respeito à expressão de diversas demandas entre as pessoas idosas; no entanto, os depoimentos trazidos pelos entrevistados mostram que muitas delas preexistiam antes mesmo do período pandêmico ou até depois do que foi definido pela OPAS/OMS como isolamento social (figura 38).

Figura 38 – Necessidades surgidas em períodos de antes, durante e após a pandemia do COvid-19.



Fonte: A autora (2025).

Isso pode indicar que a pandemia do COVID-19 não foi a única responsável pelo aparecimento das necessidades impulsionaram o aprendizado de algumas tarefas e a utilização do *smartphone* entre as pessoas pesquisadas. Mesmo assim, é importante destacar que as experiências vivenciadas à época impactaram, de forma direta ou indireta, na maneira como as pessoas idosas utilizam seus *smartphones* atualmente.

Pudemos ver também que o significado deste aprendizado (como do não aprendizado), que se refere ao atendimento de uma necessidade prática, depende de múltiplos fatores: por exemplo, se ela é uma atividade já internalizada, aprendida, ou se causa desconforto por medo ou pela percepção de risco; se a pessoa idosa conta com ajuda para a realização da atividade, ou se ela, por conta de algum receio, não utiliza o equipamento; se ao realizar a atividade ela se sente bem por satisfazer uma

necessidade de comunicação com um familiar, amigo, etc.; se ela se sente empoderada em fazer algo de forma independente, entre outros.

Portanto, cada pessoa idosa entrevistada, em função de seu contexto de vida seja, social, cultural, financeiro e da experiência que esse contexto proporciona com o uso do *smartphone*, terá as suas percepções particulares específicas a respeito de cada atividade executada através do artefato e da importância da resolução do problema ao qual esse uso faz face.

4.3.2.2 Formas de uso. *Smartphone*: mocinho ou bandido?

O uso do *smartphone* é referido de diferentes maneiras entre as pessoas entrevistadas. Na maioria dos casos, independente da ferramenta utilizada, é feito um uso doméstico do aparelho, sendo útil, muitas vezes, nas comunicações com família e amigos ou operações bancárias domésticas, por exemplo. Em alguns casos, este uso transcende à esfera doméstica e serve a um propósito profissional, como é o caso da idosa Palma, de 72 anos, que utiliza seu artefato digital para comprar e vender roupas femininas, como já citado anteriormente.

No entanto, o tempo dedicado às ações realizadas no artefato aparece em algumas entrevistas como excessivo para a própria pessoa idosa ou para o que seus familiares, amigos e pessoas próximas consideram aceitável. Alguns depoimentos mostram a preocupação dos entrevistados com seu próprio uso e/ou com o de outras pessoas.

A idosa Palma, que usa o aparelho para seu trabalho, conforme já citado, reclama que seu filho a repreende com frequência, alegando excesso.

Meu filho fala demais, porque quando eu não tou na rua falando da vida do povo, eu tô no telefone. Ele já fala: pare que faz mal à vista (idosa Palma, 72 anos, 2024).

A idosa Carnaúba, de 65 anos apesar de ter se beneficiado da tecnologia tanto antes, quanto durante a pandemia, comunicando-se com seu grupo da igreja, também se refere à preocupação com o excesso de comunicação virtual e externa. Ela destaca que vê várias pessoas ao seu redor usando bastante o *smartphone* e que isso a incomoda.

Há necessidade de a gente poder interagir com as pessoas. Mas, de uma certa forma, tanto une como ele separa. Porque, às vezes, vamos sair, aí a gente chega num canto, com três, quatro... O povo tá assim, no telefone, você tá

com a pessoa e a pessoa tá agarrada aqui. Então, não acho essa época que a gente tá vivendo de celular boa, não. Para a comunicação, para a interação das pessoas. Acho que as pessoas estão muito mais voltadas para aquilo... Do que da relação pessoal. Eu acho estranho, porque, às vezes, assim... Você tá num grupo de pessoas assim. E isso é nato, a pessoa já faz sem perceber. Não tem essa questão muito da comunicação. Não tem. Há uma dificuldade, eu acho que na humanidade, na verdade. De interagir, de conversar. Tem não. É muito fast-food, essa geração (Idosa Carnaúba, 65 anos, 2024).

Apesar de mostrar sua preocupação, ela reconhece que em determinados momentos faz uso excessivo do seu *smartphone*:

Diz que eu fico pendurada no celular. E assim. Quando eu tô em casa: você fica muito tempo. Passa do dia é com o telefone. E... no Instagram. As mulheres ficam... Porque a pessoa vê a pessoa online e acha que eu tô pendurada (Idosa Carnaúba, 65 anos, 2024).

A idosa Coroa-de-frade, de 85 anos, traz o tema da falta de educação, ao abordar o uso excessivo do equipamento por outras pessoas, inclusive externando preocupação em relação ao comportamento e à saúde de familiares amigos e de outras pessoas quanto ao uso do *smartphone*:

Tem gente que fica direto, é capaz até de morrer. Não, eu não sou assim não. Não fico o tempo todo, eu vejo que tem gente... Olha: eu as vezes morro de achar graça, se eu vou no consultório médico todo mundo com o celular, só tava eu e parece que outra pessoa que não estava todo mundo com o celular, parece que tava tudo louco assim e eu só fico achando engraçado. [...] No consultório, ninguém conversa com outra pessoa. [...] Na casa do meu sobrinho, lá em Manaíra, a mulher dele não é daqui, ela tem umas amigas da terra dela, aí foi um fim de ano, ela fez uma reunião em casa, foi todo mundo e ela convidou esse pessoal, contrerrâneo, foram pra lá. Chegaram lá, sentaram na sala, os mais novos, cada um com o celular na mão, inclusive também uma que não era mais nova, tudo com o celular na mão, não conversavam com ninguém. Foram fazer uma visita... Não conversavam com ninguém, só com o celular. Aí, eu só olhando. Depois eu disse: mas que coisa engraçada, só tem duas pessoas aqui que não estão com o celular, eu e Fulaninha, o resto tudo com o celular, ninguém conversava. [...] Eu já tinha lido também sobre isso, mas eu vi a verdade. E outras vezes também, chega lá em casa do meu sobrinho, com dois filhos já grandes e a mulher, as filhas ficam só com o celular. É falta de educação (Idosa Coroa-de-frade, 85 anos, 2024).

Já a idosa Xique-xique, de 76 anos, reconhece que está viciada no uso do *smartphone* para algumas atividades. Em seu depoimento se refere à preocupação do filho com o uso excessivo por parte da mãe e à preocupação dela própria em relação ao que percebe como vício:

Toda hora, todo instante. Estou viciada... só quando saio... tô na igreja, quando entro dentro de casa. Aí eu fico reclamando, e eu falo pro meu filho reclamando assim, esse povo vai pra... Às vezes eu fico no médico, eu contando a ele, a gente vai no médico, chega lá, que o povo, umas pessoas de idade, eu reclamando e fazendo o mesmo, né? É. Ele caiu na risada depois.

Aí eu reclamando. Aí a gente entra no médico, é aquele senhor de idade, entra, dá um boa noite, baixa a cabeça dos dois, fica tudo, já vai para o celular. Aí eu reclamando aí, e aí meu filho fala assim: e a senhora está do mesmo jeito, quando a senhora chega em casa. Vai chegando... Vai olhar se tem recado, vai olhar se a filha ligou, vai olhar a receita, vai olhar (Idosa Xique-xique, 76 anos, 2024).

A idosa Macambira, de 84 anos, fala a respeito do uso de aplicativo de entretenimentos, como por exemplo o uso do Youtube, quando está sem sono durante à noite, apontando para uma forma tóxica de utilização do *smartphone*.

Nossa. Até as vezes estou sem dormir, aí eu vou para o YouTube e fico horas e horas passando (Idosa Macambira, 84 anos, 2024).

É importante destacar que, apesar da crença da sociedade de que a pessoa idosa tem dificuldades com o uso da tecnologia e mais especificamente com o uso do *smartphone*, o uso do equipamento para certas atividades está plenamente legitimado e até naturalizado entre as pessoas idosas, mesmo diante das dificuldades que algumas atividades representam e que certas atividades não sejam utilizadas ou sejam utilizadas com menor intensidade. No entanto, é importante observar que, assim como a sociedade em geral, a qual as pessoas idosas pertencem, também elas, em algum nível se percebem ou são percebidas por seus familiares e amigos como presas a um uso excessivo do aparelho, principalmente na utilização de redes sociais, como foi o caso de alguns dos depoimentos citados.

Também é importante destacar a preocupação das próprias pessoas idosas com as pessoas que as cercam e com os rumos que as relações sociais irão tomar em virtude dos avanços tecnológicos.

Todas as informações levantadas e as reflexões tecidas no cotejamento das percepções das pessoas idosas sobre o *smartphone* reforçam a nossa preocupação com uma de educação digital que seja inclusiva e esclarecedora sobre as formas mais saudáveis de utilização da tecnologia, em específico sobre a utilização do *smartphone*. Destacamos a necessidade de uma perspectiva que ajude os usuários em geral (e os idosos) a não ultrapassarem o limite do uso razoável, contemplando a ideia de um processo de envelhecimento saudável, no qual tecnologia venha contribuir com a boa capacidade humana de criar e manter conexões e não para obstruir as conexões humanas, implicando em processos de envelhecimento não saudáveis.

5 CONCLUSÃO

A partir dos dados encontrados durante as observações e entrevistas, foi possível compreender um pouco densamente a realidade de parte da população idosa na capital paraibana: o grupo de pessoas idosas que frequenta o Centro de Referência Municipal da Pessoa Idosa, em João Pessoa. Um primeiro aspecto a destacar: foi possível observar que as necessidades das pessoas estudadas vão muito além das questões de acessibilidade física e mental, ou seja, de suas capacidades intrínsecas de atuação no mundo. Apesar de ser fundamental a uma pesquisa sobre idosos compreender se as suas necessidades básicas estão sendo atendidas, se têm acesso a alimentos, remédios, cuidados médicos, é necessário também um olhar atento às questões do ambiente ao seu redor, compreendendo o universo sociocultural e os simbolismos do mundo no qual se inserem que permeiam as comunicações no mundo contemporâneo.

Destacamos então aspectos mais ligados às representações que a sociedade mais ampla faz das pessoas idosas, que dizem respeito à forma como lidam com suas necessidades de interação social, autonomia, entre outros.

Aqui, trazemos como parâmetro de análise as recomendações contidas em documentos referenciais de orientação de políticas no trato com este segmento etário, que destacam a importância de fomentar a capacidade da pessoa idosa quanto ao ato de aprender, se desenvolver e tomar decisões, fortalecendo a sua independência e autonomia; de proporcionar mais e melhor mobilidade; de entender mais profundamente as relações sociais da pessoa idosa visando contribuir com a criação de novos vínculos sociais e a manutenção de relações já existentes; e, finalmente, de entender como a pessoa idosa gostaria de contribuir com a sociedade onde vive, fazendo-a se sentir útil dentro de seus grupos sociais.

Entre as pessoas idosas do CRMPI pudemos observar que duas categorias específicas de necessidades se destacaram como desejos e objetivos dos pesquisados: a necessidade de criar e manter relações sociais e a necessidade de aprender, desenvolver-se e tomar decisões. Ambas refletem uma parte das capacidades que compõem a habilidade funcional da pessoa idosa no caminho de um envelhecimento saudável segundo a OPAS/OMS (2022), juntamente com as questões do ambiente e sua capacidade intrínseca.

O fato de as necessidades que mais se destacaram entre os pesquisados estarem ligadas às duas citadas capacidades específicas, demonstra que as pessoas idosas do CRMPI têm interesse em se manter ativas socialmente, bem como têm vontade de aprender e de se desenvolver, com o intuito de se tornarem autônomas e independentes.

Os resultados evidenciaram ainda que o interesse em aprender mostrou-se mais forte quando houve incutida a necessidade de se resolver alguma questão da vida cotidiana. Um outro ponto observado é que tais necessidades não foram fruto exclusivo do período pandêmico; muito pelo contrário, os resultados mostraram que apesar do impacto da pandemia sobre as necessidades mais ligadas à sobrevivência terem impulsionado a utilização do *smartphone*, nem todas as iniciativas e experiências de uso foram consequência do distanciamento social. Em muitos casos, foram demandas inerentes a necessidades práticas cotidianas e suas transformações em diferentes fases da vida dos pesquisados. Quanto a este tema, foram citados dois eventos específicos: a morte do cônjuge de uma das entrevistadas que controlava finanças da família pelo *smartphone*; e a mudança dos filhos de uma das entrevistadas para local de moradia distante, demandando o contato virtual; ambos expressam necessidades outras, que impulsionaram o aprendizado e o uso de recursos específicos deste artefato tecnológico.

Essas evidências reforçaram a necessidade de reformulação da hipótese inicial desta pesquisa - de que o valor simbólico do *smartphone* viria a se alterar em função das necessidades surgidas especificamente durante o período pandêmico - induzindo o novo caminho adotado por este estudo - a ideia de que o valor simbólico do *smartphone* está muito mais ligado ao desejo (e a viabilização) do aprendizado de competências específicas no uso do equipamento. Destacamos que a representação criada em torno do uso e adesão dos informantes à utilização se mostrou associada à natureza da experiência vivenciada neste uso e à efetivação ou não do aprendizado para uma prática mais efetiva com o *smartphone*. Portanto, não se refere especificamente a um período, mas sim ao sucesso ou não das experiências de aprendizado e aquisição de competência no uso de aplicativos para realizar atividades específicas. Tais necessidades foram surgindo e se expressando ao longo da experiência de vida dos pesquisados, fruto de necessidades que surgiram tanto

antes, quanto durante e depois da pandemia.

Mesmo que o isolamento social tenha se apresentado como um momento impactante na relação da pessoa idosa com a tecnologia digital e que tenha contribuído para o aumento da frequência de uso direcionado a algumas atividades e demanda por novas práticas com o equipamento, pudemos concluir que, entre as pessoas idosas do CRMPI, este período, apesar de ter impulsionado a utilização do aparelho pela intensificação da necessidade, não foi único gerador das carências que estimularam a relação das pessoas idosas com seus *equipamentos*. Os resultados das análises mostraram necessidades que surgiram antes deste período e que perduraram durante e depois do distanciamento social, bem como, mostraram também atividades surgidas após o término do período pandêmico e que perduram até hoje. Portanto, pudemos observar que existe, além das demandas de uso do *smartphone* que foram desencadeadas por necessidades que apareceram no contexto da crise social gerada pela COVID-19, demandas que são fruto de necessidades outras.

Para o entendimento dessas outras necessidades, foi fundamental a estratégia de observar atentamente os contextos de vida específicos dos nossos informantes, indagando-os sobre suas demandas em relação ao uso do *smartphone*. É importante salientar que, independentemente do período no qual tenham surgido as necessidades que motivaram este uso e pelas pessoas idosas do CRMPI, o aprendizado (ou não aprendizado) e a execução de tarefas através do aparelho para satisfazer alguma demanda da vida prática assumiram significados distintos para cada uma das pessoas entrevistadas, a depender tanto dos contextos específicos de cada uma (social – cultural – econômico), quanto da importância da necessidade a ser suprida.

Tarefas realizadas no *smartphone* podem assumir também significados distintos, a depender das condições em que a atividade é realizada: se é uma atividade já internalizada, aprendida, ou se a pessoa idosa precisa de ajuda para a sua realização; se causa apreensão ou desconforto ou insegurança, levando à evitação da atividade; ou ainda, se ao realizar a ação, há uma percepção de bem-estar - pela satisfação da necessidade de comunicação com um familiar, amigo - ou de empoderamento, relacionado ao fato de se fazer algo que é necessário e de forma

autônoma e independente.

Portanto, podemos concluir que, entre as pessoas idosas do CRMPI, diferentes aspectos influenciaram na representação das atividades realizadas no *smartphone*. Ou seja, cada pessoa entrevistada a partir de seu contexto de vida teve percepções distintas do artefato, impulsionadas por necessidades específicas e pelas diferentes experiências vivenciadas na realização das atividades motivadas por tais necessidades.

Outra reflexão construída nessa pesquisa, que também diz respeito às transformações recentes no valor simbólico do *smartphone* e à indagação sobre se o uso do artefato contribui ou não para o envelhecimento saudável das pessoas do CRMPI, pudemos concluir que, apesar da contribuição do *smartphone* para se evitar o inteiro isolamento social durante a pandemia do COVID-19 e também da constatação de que o uso deste artefato tecnológico tem proporcionado novas formas de comunicação e autonomia em tempos diversos, surgiu entre os participantes da pesquisa a preocupação com o uso excessivo do aparelho, através da menção a situações onde o artefato contribuiu para situações de vício e como prática que desvirtua ou dificulta as relações sociais, inclusive entre pessoas idosas. Portanto, apesar, de todas as situações nas quais o *smartphone* pode ajudar a atender às necessidades das pessoas idosas e efetivamente contribuir para o envelhecimento saudável, o uso em excesso, principalmente de redes sociais, segundo a percepção dos informantes, pode comprometer este processo, já que, ao invés ajudar a criar ou manter relações sociais, pode contribuir com o isolamento das pessoas idosas e, portanto, com a diminuição da comunicação tão necessária a este segmento etário e à toda a sociedade.

Mesmo diante da diversidade de possibilidades provenientes dos diferentes contextos das pessoas idosas que convivem em uma comunidade, como já citado, de acordo com a OPAS/OMS (2022), é dever da sociedade como um todo observar as necessidades das pessoas idosas a fim de possibilitar satisfazê-las e, com isso, contribuir para o envelhecimento saudável da população mundial. O CRMPI e outras instituições públicas, como representantes do Estado e parte desta sociedade que tem responsabilidades sobre as pessoas idosas que compõem a comunidade local, precisam, além de observar as necessidades de seus frequentadores, se preparar para

o envelhecimento da população do município de João Pessoa como um todo, criando ações que possibilitem o envelhecimento saudável na cidade.

Os resultados mostraram que há entre as pessoas locais a prevalência de uma crença - de que pessoas idosas têm dificuldades com a tecnologia e com seus *smartphones*. O Estado, além das próprias pessoas idosas atendidas pelas políticas da instituição, tem intrinsecamente este pensamento. No entanto, pudemos observar que ele não impede que as pessoas idosas utilizem seus *smartphones*, mas que esta crença impacta na forma como o público utiliza esse artefato tecnológico. Este impacto aparece muitas vezes através de desconforto na realização de algumas atividades no *smartphone*, a exemplo das operações bancárias, representadas como tendo maior risco e envolvendo maiores responsabilidades - o que demandaria operadores mais seguros e competentes. No caso, boa parte dos idosos pesquisados não reconhecem em si esses atributos, preferindo operar atividades mais simples e de menor responsabilidade, embora algumas sejam de grande valor enquanto estratégia de relacionamento, obtenção de informação, registros de memórias afetivas (através de fotografias de parentes, de eventos vivenciados, de animais e de outros objetos de afeto), etc.

Quanto às opiniões específicas das categorias de atores sociais pesquisados, pudemos observar que existem algumas diferenças entre os pensamentos dos representantes do Estado e as aspirações das pessoas idosas entrevistadas. Um dos pensamentos nos quais o ente público acredita é o de que as pessoas não têm interesse em aprender sobre tecnologia, diferente do que foi constatado na pesquisa com os informantes idosos. Os depoimentos mostram que, apesar da crença em sua própria dificuldade, as pessoas idosas do CRMPI têm interesse em aprender e melhorar a sua relação com a tecnologia, a fim de utilizar seu *smartphone* de forma autônoma e independente.

Outra divergência entre o pensamento do Estado e das pessoas idosas locais refere-se ao seguinte achado: na concepção dos operadores do Estado, para que uma pessoa idosa possa aprender e ser incluída digitalmente é necessário que ela tenha o nível de educação superior. Entretanto, os resultados mostraram que as pessoas entrevistadas que possuíam educação ao nível do ensino médio foram capazes de realizar as mesmas atividades no *smartphone* que pessoas que tem educação ao nível

superior. Portanto, a motivação e a competência na utilização do *smartphone* entre as pessoas idosas do CRMPI não dependeu especificamente do nível educacional formal; pelo contrário, pessoas com níveis de instrução distintos, mas que tiveram, em comum, alguma ajuda da família, amigos ou instituições, no sentido de uma orientação direcionada no uso de tecnologias digitais ao longo da vida e que conseguiram se manter ativas, com a prática constante de atividades no uso de artefatos digitais, como computador, por exemplo, apresentaram mais desejo e facilidade em manipular seu *smartphone*.

Portanto, podemos concluir que o Estado, representado pelo CRMPI, não compreende na totalidade as reais necessidades das pessoas idosas locais. É importante lembrar que uma das ações para promover o envelhecimento saudável, segundo a OPAS/OMS (2022, p. 3) é “mudar a forma como pensamos, sentimos e agimos em relação à idade e ao envelhecimento” e o ente público, como parte da sociedade que lida com as pessoas idosas, precisa se empenhar em entender suas reais necessidades e aspirações para caminhar na direção dessa mudança de pensamento, contribuindo para a superação da crença de que uma pessoa idosa não tem vontade de aprender ou que pessoas que não tenham um curso superior são incapazes de lidar com a tecnologia.

Assim, se pessoas idosas carecem de algo e para isso precisam fazer uso do *smartphone*, é necessário proporcionar-lhes possibilidades de aprendizado direcionado, formal ou informal – para que consigam transpor a citada crença e possam suprir suas necessidades.

Para finalizar, destacamos que a inclusão social, a eliminação do estigma da incapacidade e as oportunidades de aprendizado são princípios orientadores fundamentais e estão associados ao intuito de propiciar à pessoa idosa a utilização do *smartphone* e o usufruto das possibilidades que o equipamento traz, mesmo diante das dificuldades que porventura se apresentem. Iniciativas que realizem na prática esses princípios contribuem para a mudança de mentalidade no futuro em relação às capacidades e possibilidades de vida e de atuação das pessoas idosas e para a minimização de crenças capacitistas e etaristas entre as próprias pessoas idosas e na sociedade mais ampla, podendo diminuir o impacto deste pensamento sobre a relação dessas pessoas com as tecnologias.

REFERÊNCIAS

BARROS, Aparecida da Silva Xavier; BARROS, Winnie Gomes da Silva; SARMENTO, Camila Freitas; LIMA, Andréa Raquel da Silva, ALMEIDA, Franklin José; SOUZA, Lucas da Silva. **Terceira idade & tecnologia: reflexões sobre a inserção de idosos no mundo digital.** *Expressa Extensão*, v. 25, n. 3, p. 184-193, 30 ago. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/expressaextensao/article/view/18140>.

Acesso em: 08 set. 2023.

BARROS, Myriam Lins de. **Autoridade & afeto: avós, filhos e netos na família brasileira.** Zahar, 1987.

BATISTA, Marina Picazzio Perez; SOUZA, Fabiana Gomes de; SCHWARTZ, Gilson; EXNER, Camila; ALMEIDA, Maria Helena Morgani de. **Utilização no cotidiano de tecnologias da informação e comunicação por idosos participantes da Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade de São Paulo.** *Revista Kairós-Gerontologia*, v. 18, n. 4, p. 405-426, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/30257>. Acesso em 24 mai. 2022.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice.** Tradução Maria Helena Franco Martins. – 3. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Recurso digital (e-book Kindle). 1970/2018.

BERNARDO, Lilian Dias. **As pessoas idosas e as novas tecnologias: desafios para a construção de soluções que promovam a inclusão digital.** *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 25, n. 4, p. e230142, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/PMhnYJp4D4RBRMny573nrQx/?lang=pt>. Acesso em: 28 out. 2024.

BISPO, Antônio dos Santos. **Nego Bispo e o seu encantamento.** ICL Notícias, 2024. Disponível em: <https://iclnoticias.com.br/nego-bispo-e-o-seu-encantamento/>. Acesso em: 02 dez. 2024.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaio de Psicologia.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 18 abr. 2023.

BRASIL. **Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994.** Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 5 jan. 1994. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/110060/politica-nacional-do-idoso-lei-8842-94>. Acesso em: Acesso julho. 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.** Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosas e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 3 out.

2003. Acesso em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso julho. 2023.

BRASIL. Participa+Brasil. **SE LIGA na Convenção Interamericana**. 2024a. Disponível em: <https://www.gov.br/participamaisbrasil/cartilhas>. Acesso em: 07 out. 2024.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. **Plano Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa**. 2024b. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/pessoa-idosa/plano-nacional-dos-direitos-da-pessoa-idosa>. Acesso em: 07 out. 2024.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. Ubu Editora LTDA-ME, 2016.

CARDOSO, Denise Machado; NETTO, Felipe Bandeira. **Reflexão antropológica sobre viver e conviver em família no isolamento**. GROSSI, Miriam Pillar; TONIOL, Rodrigo (org.). Cientistas sociais e o Coronavírus. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. Disponível em: https://anpocs.org.br/wp-content/uploads/2024/03/Livro_Cientistas-Sociais_eo_Coronavirus.pdf. Acesso em: 29 mai. 2023.

CASTRO, Gisela G.S. **Precisamos discutir o idadismo na comunicação**. Comunicação & Educação, São Paulo, Brasil, v. 20, n. 2, p. 101-114, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comeduc/article/view/102306>. Acesso em: 09 out. 2024.

COSTA, Thayane Souza. **O impacto das redes sociais na saúde mental: um estudo sobre a relação entre o uso excessivo de redes sociais e o sofrimento psíquico em usuários de internet**. 2021. Disponível em: <http://repositorio.undb.edu.br/handle/areas/625>. Acesso em: 10 out. 2024.

COUTINHO, Gustavo Leuzinger. **A Era dos Smartphones: Um estudo exploratório sobre o uso dos Smartphones no Brasil**. 2014. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/9405/1/2014_GustavoLeuzingerCoutinho.pdf. Acesso em: 18 set. 2024.

GEIB, Lorena Teresinha Consalter. Determinantes sociais da saúde do idoso. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, p. 123-133, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000100015>. Acesso em: 02 out. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008. Acesso em 10 agosto. 2022.

GOMES, Romeu. **Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 79 – 108.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Idosos indicam caminhos para uma melhor idade**. Agência de Notícias IBGE, 2019. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade>. Acesso em: 20 out 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2023** in Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua. Rio de Janeiro: IBGE, 2024a. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102107>. Acesso em: 18 out. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Em 2023, expectativa de vida chega aos 76,4 anos e supera patamar pré-pandemia**. 2024a. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41984-em-2023-expectativa-de-vida-chega-aos-76-4-anos-e-supera-patamar-pre-pandemia>. Acesso em: 06 dez. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Indicadores Implícitos**. 2024b. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html>. Acesso em: 10 out. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **População por sexo e grupos etários específicos e respectivas proporções**. 2024c. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html>. Acesso em: 10 out. 2024.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Projeções indicam aceleração do envelhecimento dos brasileiros até 2100**. 2021. Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=38577&catid=10&Itemid=9. Acesso em: 10 out. 2024.

IVORRA, Paula Vano; GUTZEIT, Julia Carvalho; SCHEIDT, Isabela Vinharski; BERNARDO, Lilian Dias; RAYMUNDO, Taiuani Marquine. **A família como rede de apoio na aprendizagem do uso de smartphones por idosos**. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, v. 19, n. 2, 2022. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/download/12819/114117436/15313302>. Acesso em: 28 out. 2023.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LEITE, Marinês Tambara; CAPPELLARI, Viviane Tolfo; SONEGO, Joseila. **Mudou, mudou tudo na minha vida: experiências de idosos em grupos de convivência no município de Ijuí/RS**. Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 4, n. 1, 2002. Disponível em <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/746/810>. Acesso em 07 de outubro. 2024.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O feiticeiro e sua magia**. Antropologia estrutural, v. 5, p. 193-214, 1975.

MAGALHÃES, Carlos Pires; FERNANDES, Adília; ANTÃO, Celeste; ANES, Eugénia. **Repercussão dos estereótipos sobre as pessoas idosas.** Revista Transdisciplinar de Gerontologia, p. 7-16, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10198/2606>. Acesso em: 09 out. 2024.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Discurso e representação, ou de como os baloma de Kiriwina podem reencanar-se nas atuais pesquisas.** A aventura antropológica: teoria e pesquisa, 1997.

MAIOR, Mônica Maria Souto; CÂNDIDO, Gesinaldo Ataíde. **Vulnerabilidade socioeconômica: um estudo transversal para o município de João Pessoa-PB.** Revista Principia, n. 24, p. 72-87, 2014.

MALINOWSKI, Bronisław. **Magia. Ciência e Religião.** Lisboa: Edições, v. 70, 1988.

MATTOS, Fernando Augusto Mansor de; SANTOS, Bruna Daniela Dias Rocchetti. **Sociedade da informação e inclusão digital: uma análise crítica.** Liinc em Revista, v. 5, n. 1, 2009. Disponível em https://revista.ibict.br/liinc/article/download/3143/2815/7342?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 18 ago. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. COIMBRA JUNIOR, Carlos E.A., orgs. **Introdução: Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento.** In: Antropologia, saúde e envelhecimento. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. Antropologia & Saúde collection, pp. 11-24. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf>. Acesso em: 10 agosto. 2022.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA. **Plano Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa.** Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/pessoa-idosa/plano-nacional-dos-direitos-da-pessoa-idosa>. Acesso em: 07 out. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **We're not seeing large-scale community transmission of #COVID19.** X, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://x.com/WHO/status/1237777021742338049>. Acesso em: 15 abr. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Progress report on the United Nations decade of healthy ageing, 2021-2023.** World Health Organization, 2023. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/374192/9789240079694-eng.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 set. 2024.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE / ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Década do Envelhecimento Saudável: Relatório de Linha de Base.** Washington, DC: OPAS, 2022. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/56894>. Acesso em: 18 set. 2024.

PAPALIA, Diane E. e FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano.** Porto Alegre, Artmed, 12ª ed., 2013.

PIRES, Herivelton Pereira; MARQUES, Lidiane Aparecida. **A terceira idade digital e conectada**. Revista Ciência Geográfica, [S. l.], v. 26, n. 01, p. 346-355, 2022. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/cienciageografica/article/view/2890>. Acesso em: 28 out. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. **Prefeitura de João Pessoa inicia nesta quinta-feira atividades da Semana Municipal da Pessoa Idosa**. Portal da Prefeitura de João Pessoa, 22 set. 2021. Disponível em: <https://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/prefeitura-de-joao-pessoa-inicia-nesta-quinta-feira-atividades-da-semana-municipal-da-pessoa-idosa/>. Acesso em: 15 mar. 2024

PRESTES, Fabiana da Silva; ALFARO, Andrew Silva. **Importância da inclusão digital da pessoa idosa visando a qualidade de vida**. Revista Saúde e Desenvolvimento, v. 14, n. 20, 2020. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistasauade/index.php/saudeDesenvolvimento/article/view/1183/679>. Acesso em: 15 set. 2024.

RAYMUNDO, Taiuani Marquine; ELUI, Valeria Meirelles Carril; SANTANA, Carla da Silva. **A presença da tecnofobia na utilização de equipamentos eletrônicos por idosos**. In: CONGRESO ARGENTINO DE BIOINGENIERÍA, XVIII, 2011, Mar del Plata. Disponível em: http://www.sabi2011.fi.mdp.edu.ar/proceedings/SABI/Pdf/SABI2011_175.pdf. Acesso em: 29 mai. 2023.

ROMERO, Dalia Elena; MUZY, Jéssica; DAMACENA, Giseli Nogueira; SOUZA, Nathalia Andrade de; ALMEIDA, Wanessa da Silva de; SZWARCOWALD, Celia Landmann; MALTA, Deborah Carvalho; BARROS, Marilisa Berti de Azevedo; SOUZA JÚNIOR, Paulo Roberto Borges de; AZEVEDO, Luiz Otávio; GRACIE, Renata; PINA, Maria de Fátima de; LIMA, Margareth Guimarães; MACHADO, Ísis Eloah; GOMES, Crizian Saar; WERNECK, André Oliveira; SILVA, Danilo Rodrigues Pereira da. **Idosos no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho**. Cadernos de saúde pública, v. 37, n. 3, p. e00216620, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csp/a/gXG5RYBXmdhc8ZtvKjt7kzc/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 18 set. 2024.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SÉ, Elisandra Vilela G. **Inclusão digital traz benefícios em qualquer faixa etária**. 2016. Disponível em: http://www2.uol.com.br/vyaestelar/inclusao_digital.htm. Acesso em: 18 mar. 2023.

SILVA, Bárbara Garcia Ribeiro S. da. **A preponderância da sociabilidade do telefone em rede na quarentena brasileira**. GROSSI, Miriam Pillar; TONIOL, Rodrigo (org.). Cientistas sociais e o Coronavírus. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. Disponível em: <https://anpocs.org.br/wp->

content/uploads/2024/03/Livro_Cientistas-Sociais_eo_Coronavirus.pdf. Acesso em: 29 mai. 2023.

SIMÕES, Camila de Andrade; LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. **Comunicação móvel: popularização do telefone celular e seus efeitos nas práticas comunicacionais de idosos em Belém do Pará.** 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Camila-Simoes/publication/367380453_Comunicacao_movel_popularizacao_do_telefone_celular_e_seus_efeitos_nas_praticas_comunicacionais_de_idosos_em_Belem_do_Para_Mobile_communication_cell_phone_popularization_and_its_eff. Acesso em: 15 out. 2024.

SOUZA FILHO, Marcos. **Idosos e tecnologia: discussões sobre a contribuição do design de artefatos digitais para a gerontecnologia.** In: FILGUEIRAS, Araguacy Paixão Almeida; MENEZES, Arthur Paixão Telles de; SILVA, Brenda Larissa Teixeira da; VASCONCELOS, Camila Brito de (Org.). *Design para a multiplicidade*. [S.l.]: Bagai, 2023. p. [87-96]. Disponível em: <https://editorabagai.com.br/product/design-design-para-a-multiplicidade/>. Acesso em: 15 out. 2024.

TILVITZ, Aline Inêz; AREOSA, Silvia Virginia Coutinho. Inclusão digital de idosos: as (TICS) e o uso do celular. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 27, n. 1, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/96322/87650>. Acesso em: 08 set. 2023.

TORRES. Cláudio. *A Bíblia do marketing digital: tudo o que você queria saber sobre marketing digital e publicidade na internet e não tinha a quem perguntar*. São Paulo: Novatec Editora, 2009.

TSAI, Hsin-Yi Sandy; SHILLAIR, Ruth; COTTEN, Shelia R. **Social support and 'playing around': an examination of how older adults acquire digital literacy with tablet computers.** *Journal of Applied Gerontology*, [S.l.], v. 36, n. 1, p. 29-55, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0733464815609440>. Acesso em: 28 out. 2023.

VELHO, Fábio Daniel; HERÉDIA, Vania B. M. **O Idoso em Quarentena e o Impacto da Tecnologia em sua Vida.** *Rosa dos Ventos*, v. 12, n. 3, p. 1-14, 2020. Disponível em <https://www.redalyc.org/journal/4735/473564229010/473564229010.pdf>. Acesso em: 08 set. 2023.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA REALIZADA COM AS PESSOAS IDOSAS DO CRMPI

Legenda:

- **Identificação do perfil sociocultural:**
 - Escolaridade;
 - Classe social;
 - Faixa etária;
 - Contexto Social;
 - Sexo/Gênero.
- **Perguntas que remetem ao período de antes da pandemia:**
 - Como vivia antes?
 - Como era a relação dele com a tecnologia antes?
- **Perguntas que remetem ao período de durante a pandemia:**
 - Como foi a vida durante a pandemia (sozinho ou com a família)
 - E como foi a relação desse idoso com a tecnologia durante a pandemia?
- **Perguntas que remetem ao período de depois da pandemia (impactos do período de pandemia):**
 - Quem é, como vive hoje no contexto geral?
 - Como é a relação com a tecnologia hoje? Como ficou depois da pandemia?

1ª Etapa – Informações acerca do local de residência, dos componentes da família e sobre o contexto de vida atual da pessoa entrevistada (período atual - depois da pandemia):

- Qual seu nome e idade?
- Endereço (Finalidade: breve avaliação socioeconômica)
- Mora com quem? Qual seu estado civil?
- Tem filhos? Quantos? Ou seja, pessoas que compõem a unidade (finalidade: entender a estrutura familiar da pessoa idosa e suas relações. Necessário uma breve descrição de quem são estas pessoas e qual o papel social dentro da família).

- Ainda trabalha ou é aposentado?
- Contribui com a renda da casa? (finalidade: Entender a sua autonomia financeira e a sua influência na família)
- Passa mais tempo com pessoas da família ou sozinho?
- Quais atividades faz durante o dia? (finalidade: Entender o nível de atividade física/intelectual/cognitiva do idoso).

2ª Etapa - Entender qual era seu contexto de vida anterior à pandemia:

- Onde nasceu? Como viveu? (Qual era a estrutura familiar quando criança, jovem e adulto)
- Morava no interior ou na cidade?
- Estudou? Até que nível?
- Trabalhava com o que antes de se aposentar? (no caso dos aposentados)

3ª Etapa - Relação com a tecnologia:

- No trabalho (ou no dia a dia, caso seja aposentado) usa algum eletrônico? Quais seriam?
- É fácil utilizar tecnologia digital? Telefone, computador, *smart TV* ou outro qualquer?
- O que você sente quando sabe que vai precisar utilizar algum eletrônico?
- Usa *smartphone*? Para que? Sempre usou ou começou com a pandemia?
- Você usa um *smartphone* próprio? (ou compartilha com alguém da família ou amigos?)
- Como adquiriu o equipamento? (Comprado? Dado por alguém? Por quem?)
- Qual é o aparelho?
- Considera que utiliza bem o equipamento?
- Ele ajuda ou atrapalha a sua vida?
- Usa o *smartphone* desde quando? Você lembra? Lembra quais aparelhos? Quando usava, precisava de ajuda antes? Você se sentia bem usando? Era fácil?
- Que aplicativos usa mais hoje? E quanto a esses aplicativos, você começou a

usar mais ou diminuiu a frequência com a pandemia? Você já usava esses aplicativos antes da pandemia? E com que frequência usava antes?

- Ficou sozinho (a) ou com a família durante a pandemia?
- Como você se comunicava com a família e amigos antes da pandemia começar?
- Como você se comunicava com a família e amigos durante a pandemia?
- E como fala com a família e amigos agora? Ainda usa alguma coisa que aprendeu durante a pandemia?
- Alguém ajuda nesse uso? Sempre foi assim? Ou a ajuda veio em função do uso intenso durante a pandemia?
- E hoje, acha difícil ou fácil?
- Alguém o incentivou ou incentiva a utilizar o *smartphone* para suas comunicações e atividades cotidianas?
- Que atividades imagina que poderia fazer através do *smartphone* que ainda não faz hoje? E por que ainda não faz?

4ª Etapa - Sobre a pandemia do COVID-19:

- Se comparamos os períodos de antes da pandemia e hoje, você acha que está usando mais o *smartphone*? Ou seja, com maior frequência? A pandemia influenciou?
- E se comparamos os períodos (antes e agora), você acha que está mais fácil usar o *smartphone*? Ou seja, está usando com mais facilidade)?
- Qual a sensação em relação às outras pessoas quando utiliza seu *smartphone* em público? (Ex: surpresa, indiferença, preconceito, etc).

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA REALIZADA COM ASSISTENTES ADMINISTRATIVAS DO CRMPI

- Qual seu nome, sua idade?
- Em qual bairro da cidade você reside?
- Qual seu nível de instrução e sua função no CRMPI?
- Você já estava no Centro de Referência antes do período de pandemia?
- Qual a sua relação com as pessoas idosas deste local? Você lida diretamente com as elas?
- Você acha que a relação das pessoas idosas deste local com o *smartphone* atualmente é boa? Eles têm facilidade? Fazem que tipo de atividades?
- E como acha que era antes do período do período de distanciamento social? Você acha que a pandemia influenciou esse uso? Você acha que esta relação mudou em comparação com aquele período anterior?
- Você sente que as pessoas idosas deste local têm muitas, poucas ou não tem dificuldades para lidar com a tecnologia? E com o *smartphone*, especificamente?
- Em caso positivo, você já observou alguma situação que demonstrou essa dificuldade?
- O que acha que as pessoas idosas deste local sentem quando precisam usar a tecnologia/*smartphone*?
- Qual sentimento você atribuiria para definir esta utilização do *smartphone*, por pessoas idosas do local?
- Você já presenciou alguma situação na qual alguma pessoa da família ou amigo teve que prestar algum tipo de assistência no uso do *smartphone* por parte da pessoa idosa? Você lembra qual?
- Você acha que quando for uma pessoa idosas, terá dificuldades também ao usar a tecnologia? Por quê?
- Você percebe algum tipo de dificuldade com relação ao uso da tecnologia entre as pessoas idosas do seu convívio particular?
- Se sim, você costuma auxiliar estas pessoas no tocante à realização destas atividades?
- Que tipo de ajuda já deu a uma pessoa idosa do centro ou na sua família?

- Você já pensou em fazer uso de equipamentos tecnológicos em suas atividades com as pessoas idosas do local? Por quê?
- No geral, quando relacionamos pessoa idosa e *smartphone* (tecnologia), o que vem a sua mente?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) APRESENTADO AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CULTURA E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa **Pessoas Idosas e Smartphone: valor simbólico do artefato na capital paraibana a partir dos impactos do covid-19**, que está sob a responsabilidade da pesquisadora **Elaine Feitosa da Silva**, domiciliada na [REDACTED]

[REDACTED]. **Contato de telefone:** [REDACTED] (inclusive ligações a cobrar), e-mail: **helainefs@gmail.com**.

Esta pesquisa está sob a orientação da: **Prof.^a Dr.^a Kátia Medeiros de Araújo** Telefone: [REDACTED], e-mail **katia.araujo@ufpe.br**.

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubricue as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

O (a) senhor (a) estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

→ **Descrição da pesquisa e esclarecimento da participação:**

Os desafios relativos ao envelhecimento vêm se tornando, nas últimas décadas, cada vez maiores para a população brasileira, por conta do crescimento elevado do número de pessoas idosas nos últimos tempos. Por outro lado, o distanciamento social, para conter o aumento dos casos de COVID-19, afetou toda população mundial e, mais efetivamente, as pessoas idosas, que, segundo as informações divulgadas na mídia, poderiam pegar o vírus com mais facilidade que outras parcelas da população. Felizmente, devido às tecnologias encontradas nos telefones atuais e nos computadores e as formas de contato que a internet proporciona, não houve um completo isolamento social ao redor do mundo. Esta pesquisa, que está sendo desenvolvida através do Programa de Pós-Graduação em Design, da Universidade Federal de Pernambuco, tem como objetivo analisar o uso do *smartphone* (equipamento usado para fazer ligações e para outras atividades na internet) por pessoas idosas, na cidade de João Pessoa, após os impactos do período de isolamento social do covid-19, visando entender o significado do aparelho para pessoas que, através dele, se comunicaram com famílias, amigos e outros grupos. Para tanto, serão realizadas observações no local e entrevistas que terão tempo médio de 1 hora. A princípio será apenas uma única entrevista a ser realizada com cada participante individualmente. Serão feitas fotografias durante as observações e gravações em áudio durante as entrevistas. Tanto as entrevistas gravadas em áudio quanto as fotografias não serão divulgadas em outros meios de comunicação a não ser nesta pesquisa e, de toda forma, a identidade do pesquisado será preservada, inclusive no produto da pesquisa. Todo o material será guardado em poder da pesquisadora Elaine Feitosa da Silva, em seu computador, além de HD externo, que serão mantidos, durante 05 (cinco anos), no endereço da pesquisadora, localizado na [REDACTED], e poderão ser consultados a qualquer tempo, por cada participante e também pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

→ **Riscos:**

1) Risco de constrangimento em função do surgimento de possíveis lembranças do período de isolamento social do Covid19, já que se tratou de um período no qual muitas pessoas ficaram doentes e faleceram, ou em função de inibição da pessoa voluntária no momento de gravações em áudio ou em registros fotográficos:

Para minimizar esses dois riscos, será apresentada, de antemão, a possibilidade de desistência de participação na pesquisa a qualquer momento do processo de entrevista, sem que haja nenhum ônus ou constrangimento para os entrevistados. É

interessante destacar que, a cada início de procedimento, todas as instruções serão dadas para que as pessoas participantes da pesquisa tenham ciência da possibilidade de desistência.

2) Risco de fadiga ou desconforto da pessoa voluntária, gerados pelo tempo dedicado à entrevista e pela própria situação de ser entrevistado:

Para isso, as entrevistas serão realizadas com no máximo 1 (uma) hora de duração e, preferencialmente, dentro das dependências da instituição, onde se dispõe de espaço adequado, seguro, confortável e no qual se pode manter o sigilo das informações fornecidas pelas pessoas entrevistadas, de modo a se respeitar sua integridade e privacidade; ou ainda em local externo, indicado pelos entrevistados, que apresentem essas mesmas características.

3) Risco de perda, extravio ou exposição de informações pessoais da pessoa voluntária, gerando constrangimento:

Quanto à segurança das informações dos participantes, para que sejam evitadas perdas, extravios ou exposições indevidas, todo o material da pesquisa será armazenado durante período estipulado pelo CEP de 05 (cinco) anos no computador e em mídia off-line (HD externo), ambos de propriedade da pesquisadora, sendo ambos mantidos em seu endereço residencial, localizado à [REDACTED]

→ **Benefícios diretos/indiretos para os voluntários:**

Esta pesquisa busca acolher e entender como as pessoas idosas se sentem frente às tecnologias utilizadas nos *smartphones* (equipamentos usados para fazer ligações e para outras atividades na internet). A possibilidade de entendimento desta relação colabora para uma melhor convivência social de pessoas idosas em sociedade, a partir da análise dos impactos dessas tecnologias em suas vidas depois da pandemia. A execução de realização de relatório devolvido à instituição, expressando como acontece atualmente a relação da pessoa idosa com o *smartphone* (equipamento usado para fazer ligações e para outras atividades na internet) na capital paraibana, após o período do isolamento social vivenciado durante o período mais crítico da Covid19 no Brasil, pode contribuir para que o ente público consiga entender melhor a pessoa idosa que frequenta o local, podendo assim otimizar as formas de se comunicar com este público, baseadas nas necessidades das pessoas idosas descritas neste relatório, que traz informações sobre a sua relação com a tecnologia.

De forma indireta, o benefício se estende à toda a cidade de João Pessoa e à toda sociedade que, de posse dos resultados desta pesquisa, pode entender a relação da pessoa idosa com a tecnologia e, com isso, contribuir no entendimento mais amplo das necessidades das pessoas idosas.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo, a qualquer tempo da interação, bastando para tanto a comunicação aos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa são confidenciais e apenas os resultados serão divulgados em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. **Os dados coletados nesta pesquisa: gravações, entrevistas, anotações e fotografias, ficarão armazenados em pastas de arquivo físico e em computador pessoal, além de serem armazenados também em HD externo, ambos de propriedade e sob a responsabilidade da pesquisadora Elaine Feitosa da Silva, no endereço [REDACTED], pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.**

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o(a) senhor(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br).

Assinatura da pesquisadora

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo **Pessoas Idosas e Smartphone: valor simbólico do artefato na capital paraibana a partir dos impactos do covid-19**, como voluntário(a). Fui devidamente informada(o) e esclarecida(o) pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

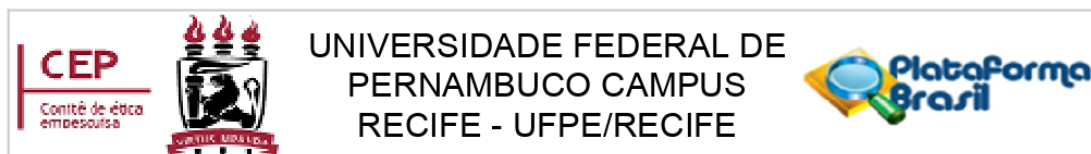
Local e data _____

Assinatura do participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____	Nome: _____
Assinatura: _____	Assinatura: _____

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO PRIMEIRA VERSÃO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Pessoas Idosas e Smartphone: valor simbólico do artefato na capital paraibana a partir dos impactos do covid-19

Pesquisador: ELAINE FEITOSA DA SILVA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 77316824.0.0000.5208

Instituição Proponente: Centro de Artes e Comunicação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.702.066

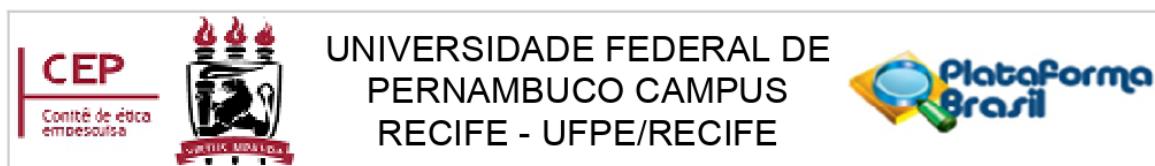
Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto, Objetivo da pesquisa e Avaliação dos Riscos e Benefícios", entre outros, foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2279369.pdf de 05/02/2024) e do Projeto Detalhado (PROJETO_DETALHADO_ELAINE_FEITOSA_05_02.pdf de 05/02/2024).

O projeto sob responsabilidade de ELAINE FEITOSA DA SILVA, destina-se a obtenção do título de Mestre em Design pelo Curso de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, PPGDesign/UFPE, sob orientação da Profª Kátia Medeiros de Araújo.

A questão condutora da pesquisa é responder: Qual o valor simbólico do smartphone para as pessoas idosas que sofreram os impactos da tecnologia e dos artefatos tecnológicos utilizados durante a pandemia de COVID-19? É uma pesquisa qualitativa, de abordagem etnográfica, que tem base na Antropologia Social, e se realiza através das técnicas de observação participante, entrevistas e outras estratégias imersivas. As observações que permitirão maior proximidade da pesquisadora com os participantes ocorrerão durante oficinas de memória, realizadas no Centro de Referência Municipal da Pessoa Idosa (CRMPI), em João Pessoa/PB, onde os participantes serão recrutados. A estimativa é de 15 pessoas idosas e 05 professores/assistentes administrativos do local, podendo haver variação desse número em função da demanda de participantes no momento da execução da pesquisa. A análise será

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br



Continuação do Parecer: 6.702.066

realizada utilizando-se a abordagem etnográfica e técnicas de análise e interpretação dos dados, com uma visão geral, categorização das informações e elaboração de síntese interpretativa. Espera-se como desfecho da pesquisa entender a relação da pessoa idosa com o artefato smartphone e contribuir para que o cenário tecnológico consiga atender os anseios da população de pessoas idosas no Brasil.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL: Analisar o uso do smartphone por pessoas idosas, na cidade de João Pessoa, após os impactos do período de isolamento social do covid-19, abordando a dimensão simbólica deste uso no tocante às necessidades de comunicação e relações de sociabilidade com famílias, amigos e outros grupos por parte deste segmento etário, levando-se em consideração as especificidades relativas ao contexto social, cultural, ambiental, econômico e tecnológico que marcaram esse uso.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

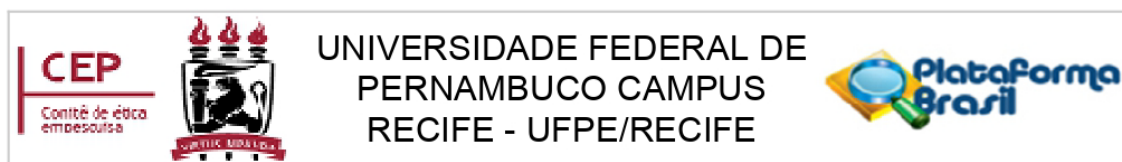
- Identificar diferentes perfis socioculturais de pessoas idosas, dentre as que utilizaram o smartphone durante o período do distanciamento social requerido pela pandemia do covid 19, os artefatos utilizados, bem como as principais atividades executadas durante o citado período;
- Refletir sobre o papel dos artefatos de comunicação digital nas relações das pessoas idosas com a família, amigos e outros grupos sociais;
- Mapear os aspectos que foram importantes para impactar a relação da pessoa idosa com a 10 tecnologia atualmente;
- Analisar os impactos na relação atual da pessoa idosa com o smartphone, causados pela utilização do artefato durante o período de distanciamento social entre as pessoas idosas. níveis de atenção à saúde na Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência de Pernambuco

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora não informa nenhuma resolução ética a ser cumprida; não informa o endereço de guarda e consta no TCLE o tempo de armazenamento do material de pesquisa por 5 anos. No entanto, afirma que todo o material da pesquisa será armazenado além de no computador da pesquisadora, também em mídia off-line (HD externo), mantidos em local seguro.

Como riscos e benefícios são assumidos o que está transcrito a seguir:

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br



Continuação do Parecer: 6.702.066

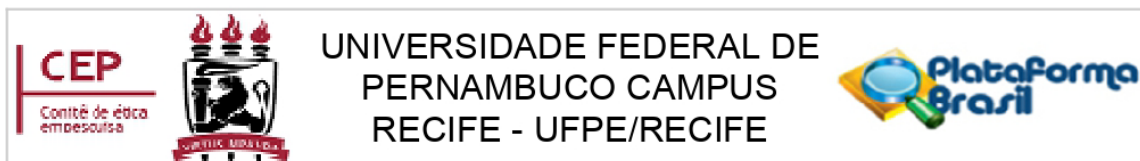
RISCOS: Como trata-se de uma pesquisa que visa obter informações acerca de um momento atual, no entanto, após os impactos da utilização do smartphone durante o período de isolamento social da Covid19, um dos riscos eminentes no momento da realização da pesquisa é o aparecimento de um possível mal-estar momentâneo, que pode ser causado pelas lembranças do período. Outro risco diante da realização da pesquisa, é que talvez, alguns participantes não se sintam à vontade e possam a vir a ficar um pouco envergonhados diante da gravação em áudio de sua entrevista. Para minimizar estes efeitos, será dada a qualquer momento, a opção de desistência de participação na pesquisa, caso o entrevistado não se sinta à vontade em responder aos questionamentos levantados pela pesquisadora ou não ache pertinente ou necessária a gravação de sua entrevista, sem que haja nenhum ônus ou constrangimento para o voluntário. É interessante destacar que, a cada início de procedimento, todas as instruções serão dadas para que o voluntário tenha ciência desta possibilidade da desistência. Cada participante terá a possibilidade também de escolha de local, dentro do centro, onde se sinta mais à vontade para participar da entrevista. Caso indique a intenção de realização não no centro, mas em sua própria residência, se assim for se sentir mais confortável, desta forma será feito e indicado ao início da entrevista que a intenção de realização do procedimento na residência da pessoa entrevistada foi uma medida para que fosse mais cômodo para ela. Quanto à segurança das informações dos participantes, para que sejam evitadas perdas, extravios, ou exposições, todo o material da pesquisa será armazenado além de no computador desta pesquisadora, também em mídia off-line (HD externo), mantidos em local seguro.

BENEFÍCIOS: Esta pesquisa busca acolher e entender como as pessoas idosas se sentem frente à tecnologia digital. A possibilidade de entendimento desta relação e o trabalho, acadêmico ou de mercado, que pode ser gerado em função de pesquisas assim, colaboram com a construção de um cenário onde o aumento do número de pessoas idosas - que já é uma realidade em virtude do aumento de sua expectativa de vida -, possa ser visto não como um problema ou um fardo social, mas como novas possibilidades de interação com a tecnologia digital, tão em voga hoje, principalmente depois dos impactos do Covid19. A realização do diagnóstico, de como acontece atualmente a relação da pessoa idosa com smartphone, principalmente após os efeitos de um isolamento social, pode contribuir para que possam ser melhor pensados os futuros artefatos digitais, como o smartphone, de maneira a atender as reivindicações do público.

26 Armazenamento dos dados coletados: Todo o material gerado pela pesquisa

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br

Página 03 de 07



Continuação do Parecer: 6.702.066

(fotografias, filmagens, entrevistas, gravações em áudio, anotações diversas e textos) será armazenado no computador desta pesquisadora: Elaine Feitosa da Silva, bem como em mídia off-line (HD externo). Ambos ficarão em poder da pesquisadora sendo disponibilizados a qualquer momento, à depender da necessidade dos voluntários da pesquisa e/ou deste comitê.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto bem estruturado e com relevância por estudar um problema atual que desde a pandemia Covid-19 alcançou muitas pessoas incluindo as idosas. Buscar identificar problemas e possíveis soluções para a relação da pessoa idosa com a tecnologia e no caso o uso do smartphone, poderá contribuir para soluções que atendam a esse público

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os documentos de apresentação obrigatória que foram anexados, são os listados abaixo. A necessidade de ajuste está listada na seção de Conclusões e Pendências:

1. PROJETO DETALHADO
2. FOLHA DE ROSTO.
3. PDF DE INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROJETO
4. CARTA DE ANUÊNCIA e Coordenador do Centro de Referência Municipal da Pessoa Idosa de João Pessoa/PB
5. TCLE
6. CURRÍCULO LATTES e anexados (pesquisadora principal e orientadora).
7. TERMO DE COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE.
8. DECLARAÇÃO DE VINCULO AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO.
9. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS e anexado no projeto detalhado os roteiros de entrevistas para cada grupo de participantes.

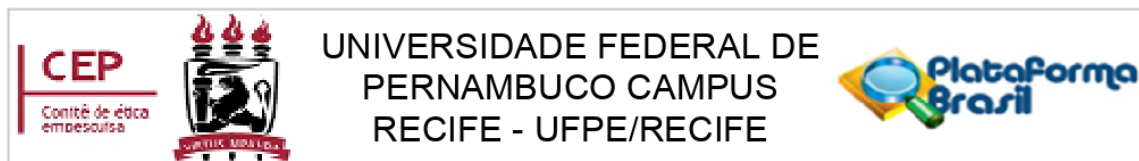
Recomendações:

Nenhuma

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Protocolo precisa ajustar as informações a seguir listadas para nova apreciação ética. Todas as correções devem ser padronizadas no Projeto Detalhado, nos campos e documentos anexados a Plataforma Brasil, uniformizando as informações prestadas ao CEP.

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br



Continuação do Parecer: 6.702.066

1) METODOLOGIA

a. **COLETA DE DADOS:** Esclarecer a finalidade e uso que serão feitos das gravações em áudio/vídeo e registros fotográficos. Será para análise das entrevistas? Serão divulgadas, onde por quais meios? Como preservar a identidade dos participantes? Essas informações precisam constar também no TCLE. E se forem parte da análise de dados, ainda ser explicitado o seu uso na seção específica do projeto detalhado e no preenchimento das informações na Plataforma Brasil (PDF DE INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROJETO)

b. **AMOSTRA DE PARTICIPANTES:** esclarecer as bases que possibilitaram estabelecer/calcular o número de participantes em 15 pessoas idosas e 05 professores/assistentes administrativos do local; informar as bases para o cálculo ou estimativa de participantes e como esse número será obtido, caso o quantitativo que atende aos critérios de inclusão seja maior que o estimado. Haverá sorteio? Será por ordem de adesão a pesquisa? Atentar para não convidar e excluir pessoas sem justificativa, causando possível constrangimento.

c. **ASPECTOS ÉTICOS:** informar qual a resolução ética a ser cumprida (Nº 466/2012 ou Nº 510/2016); incluir o endereço de guarda e o tempo de armazenamento do material de pesquisa. Definir se são benefícios diretos ou indiretos ou assumir que não há benefícios diretos com a participação na pesquisa, se for o caso.

2) TCLE:

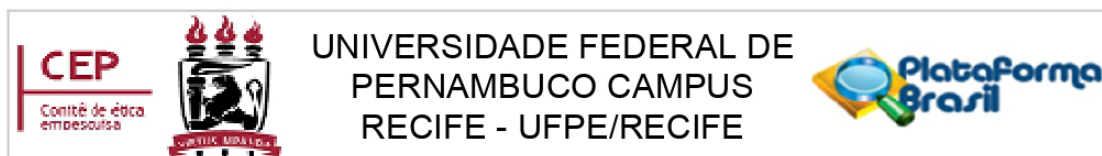
a. **LINGUAGEM:** excluir ou explicar termos que podem ser de difícil compreensão para os participantes, como mitigação; mídia off-line, smartphone; prover acesso; tecnologia digital, confecção de diagnóstico do cenário atual, artefatos digitais entre outros.

b. **DESCRIÇÃO DA PESQUISA E ESCLARECIMENTO DA PARTICIPAÇÃO:** explicar SE a entrevista individual será em um único momento; que haverá registro de imagens, audiovisuais; qual a finalidade, uso, forma de armazenar e destino das gravações, fotos e filmagens;

c. Informar como será dados retorno com acesso aos resultados obtidos, as pessoas e instituição participantes da pesquisa

d. Excluir a caixa de coleta de impressão digital, que eticamente não é mais aceitável,

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br



Continuação do Parecer: 6.702.066

bastando para quem não assina, constar as testemunhas do consentimento.

3. CRONOGRAMA: ajustar e compatibilizar as etapas de pesquisa no projeto detalhado e Plataforma Brasil, considerando o período de nova apreciação ética. Incluir no cronograma a previsão de apresentar o relatório final ao CEP.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Protocolo foi avaliado na reunião do CEP e está em PENDÊNCIA. O (A) pesquisador (a) deverá atender as considerações deste Parecer Consubstanciado, corrigindo as pendências diretamente na Plataforma, no Projeto detalhado e no TCLE, se for o caso. Todas as modificações realizadas devem ser destacadas em amarelo.

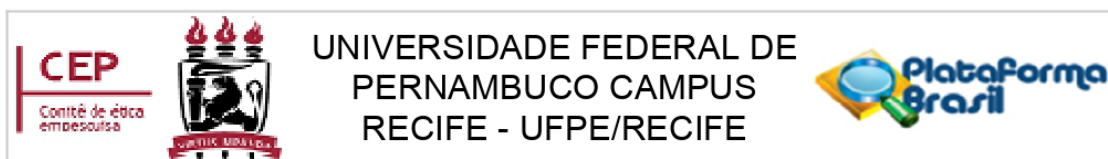
É obrigatório anexar à parte, uma carta de RESPOSTA ÀS PENDÊNCIAS, informando onde foram feitas as correções (em qual documento/item/página). Siga as instruções do link [Para resolver pendências](#), disponível no site do CEP/UFPE. O (A) pesquisador (a) tem 30 dias para responder aos quesitos formulados pelo CEP em seu parecer. Após esse prazo, o projeto será considerado arquivado (res.466/12).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2279369.pdf	06/02/2024 00:09:44		Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_ASSINADA.pdf	06/02/2024 00:09:15	ELAINE FEITOSA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ELAINE_FEITOSA.pdf	05/02/2024 23:57:19	ELAINE FEITOSA DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO_ELAINE_FEITOSA_05_02.pdf	05/02/2024 23:56:11	ELAINE FEITOSA DA SILVA	Aceito
Outros	VINCULO_HISTORICO_ELAINE_FEITOSA.pdf	03/02/2024 14:54:35	ELAINE FEITOSA DA SILVA	Aceito
Outros	Termo_Confidencialidade_Elaïne.pdf	03/02/2024 14:18:00	ELAINE FEITOSA DA SILVA	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Katia_Medeiros_de_Araujo.pdf	03/02/2024 14:13:52	ELAINE FEITOSA DA SILVA	Aceito

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br

Página 06 de 07



Continuação do Parecer: 6.702.066

Outros	Curriculo_Lattes_Elaine_Feitosa_da_Silva.pdf	03/02/2024 14:12:29	ELAINE FEITOSA DA SILVA	Aceito
Declaração de concordância	CARTA_DE_ANUENCIA_ELAINE_FEITOSA.pdf	03/02/2024 14:08:35	ELAINE FEITOSA DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RECIFE, 14 de Março de 2024

Assinado por:
LUCIANO TAVARES MONTENEGRO
 (Coordenador(a))

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br

Página 07 de 07

ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO SEGUNDA VERSÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PERNAMBUCO CAMPUS
RECIFE - UFPE/RECIFE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Pessoas Idosas e Smartphone: valor simbólico do artefato na capital paraibana a partir dos impactos do covid-19

Pesquisador: ELAINE FEITOSA DA SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 77316824.0.0000.5208

Instituição Proponente: Centro de Artes e Comunicação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.813.187

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto, Objetivo da pesquisa e Avaliação dos Riscos e Benefícios", entre outros, foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2279369.pdf de 04/04/2024) e do Projeto Detalhado (PROJETO_DETALHADO_ELAINE_FEITOSA_POS_PARECER_CEP.pdf de 04/04/2024).

O projeto sob responsabilidade de ELAINE FEITOSA DA SILVA, destina-se a obtenção do título de Mestre em Design pelo Curso de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco e PPGDesign/UFPE, sob orientação da Profª Kátia Medeiros de Araújo.

A questão condutora da pesquisa é responder: ¿Qual o valor simbólico do smartphone para as pessoas idosas que sofreram os impactos da tecnologia e dos artefatos tecnológicos utilizados durante a pandemia de COVID-19? ¿ É uma pesquisa qualitativa, de abordagem etnográfica, que tem base na Antropologia Social, e se realiza através das técnicas de observação participante, entrevistas e outras estratégias imersivas. As observações que permitirão maior proximidade da pesquisadora com os participantes ocorrerão durante oficinas de memória, realizadas no Centro de Referência Municipal da Pessoa Idosa (CRMPI), em João Pessoa/PB, onde os participantes serão recrutados. A estimativa é de 15 pessoas idosas e 05 professores do local, podendo haver variação desse número em função da demanda de participantes no

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PERNAMBUCO CAMPUS
RECIFE - UFPE/RECIFE



Continuação do Parecer: 6.813.187

momento da execução da pesquisa. A análise será realizada utilizando-se a abordagem etnográfica e técnicas de análise e interpretação dos dados, com uma visão geral, categorização das informações e elaboração de síntese interpretativa. Espera-se como desfecho da pesquisa entender a relação da pessoa idosa com o artefato smartphone e contribuir para que o cenário tecnológico consiga atender os anseios da população de pessoas idosas no Brasil.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL: Analisar o uso do smartphone por pessoas idosas, na cidade de João Pessoa, após os impactos do período de isolamento social do covid-19, abordando a dimensão simbólica deste uso no tocante às necessidades de comunicação e relações de sociabilidade com famílias, amigos e outros grupos por parte deste segmento etário, levando-se em consideração as especificidades relativas ao contexto social, cultural, ambiental, econômico e tecnológico que marcaram esse uso.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ¿ Identificar diferentes perfis socioculturais de pessoas idosas, dentre as que utilizaram o smartphone durante o período do distanciamento social requerido pela pandemia do covid19, os artefatos utilizados, bem como as principais atividades executadas durante o citado período;
- ¿ Refletir sobre o papel dos artefatos de comunicação digital nas relações das pessoas idosas com a família, amigos e outros grupos sociais;
- ¿ Mapear os aspectos que foram importantes no sentido de impactar a relação da pessoa idosa com a tecnologia atualmente;
- ¿ Analisar os impactos na relação atual da pessoa idosa com o smartphone, a partir do uso durante o período de distanciamento social, atentando à relação entre as próprias pessoas idosas, a questão do cuidado com a saúde, como resolveram problemas de manutenção da vida no dia a dia.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora informa que cumprirá resolução ética 466/2012 e que o tempo de armazenamento do material de pesquisa será de 5 anos. Afirma que o material da pesquisa será armazenado além de no computador da pesquisadora, também em mídia off-line (HD externo), mantidos em local seguro.

Como riscos e benefícios são assumidos o que está transcrito a seguir:

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PERNAMBUCO CAMPUS
RECIFE - UFPE/RECIFE



Continuação do Parecer: 6.813.187

RISCOS: Como trata-se de uma pesquisa que visa obter informações acerca do momento atual, no entanto, após os impactos da utilização do smartphone durante o período de isolamento social da Covid19, um dos riscos eminentes no momento da realização da pesquisa é o aparecimento de um possível constrangimento momentâneo causado pelas lembranças do período. Outro risco diante da realização da pesquisa é que o participante não se sinta à vontade com a gravação em áudio de sua entrevista. Para minimizar esses dois riscos, será apresentada, de antemão, a possibilidade de desistência de participação na pesquisa a qualquer momento do processo de entrevista, sem que haja nenhum ônus ou constrangimento para os entrevistados. É interessante destacar que, a cada início de procedimento, todas as instruções serão dadas para que as pessoas participantes da pesquisa tenham ciência da possibilidade de desistência. Outro possível risco é aquele relacionado à fadiga ou ao desconforto do voluntário frente ao tempo necessário para as entrevistas ou ao local de aplicação das mesmas. Para isso, as entrevistas serão realizadas com no máximo 1 (uma) hora de duração e, preferencialmente, dentro das dependências da instituição, onde se dispõe de espaço adequado, seguro, confortável e no qual se pode manter o sigilo das informações fornecidas pelas pessoas entrevistadas, de modo a se respeitar sua integridade e privacidade; ou ainda em local externo, indicado pelos entrevistados, que apresentem essas mesmas características. Quanto à segurança das informações dos participantes, para que sejam evitadas perdas, extravios ou exposições indevidas, todo o material da pesquisa será armazenado durante período estipulado pelo CEP de 05 (cinco) anos no computador e em, mídia off-line (HD externo), ambos de propriedade da pesquisadora, sendo ambos mantidos em seu endereço residencial.

BENEFÍCIOS: Esta pesquisa busca acolher e entender como as pessoas idosas se sentem frente às tecnologias utilizadas nos smartphones (equipamentos usados para fazer ligações e para outras atividades na internet). A possibilidade de entendimento desta relação colabora para uma melhor convivência social de pessoas idosas em sociedade, a partir da análise dos impactos dessas tecnologias em suas vidas depois da pandemia. A execução de realização de relatório devolvido à instituição, expressando como acontece atualmente a relação da pessoa idosa com o smartphone (equipamento usado para fazer ligações e para outras atividades na internet) na capital paraibana, após o período do isolamento social vivenciado durante o período mais crítico da Covid19 no Brasil, pode contribuir para que o ente público consiga entender melhor a pessoa idosa que frequenta o local, podendo assim otimizar as formas de se

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br

Página 03 de 06

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PERNAMBUCO CAMPUS
RECIFE - UFPE/RECIFE



Continuação do Parecer: 6.813.187

comunicar com este público, baseadas nas necessidades das pessoas idosas descritas neste relatório, que traz informações sobre a sua relação com a tecnologia. De forma indireta, o benefício se estende à toda a cidade de João Pessoa e à toda sociedade que, de posse dos resultados desta pesquisa, pode entender a relação da pessoa idosa com a tecnologia e, com isso, contribuir no entendimento mais amplo das necessidades das pessoas idosas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto bem estruturado e com relevância por estudar um problema atual que desde a pandemia Covid-19 alcançou muitas pessoas incluindo as idosas. Buscar identificar problemas e possíveis soluções para a relação da pessoa idosa com a tecnologia e no caso o uso do smartphone, poderá contribuir para soluções que atendam a esse público

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os documentos de apresentação obrigatória que foram anexados, são os listados abaixo:

1. PROJETO DETALHADO
2. FOLHA DE ROSTO.
3. PDF DE INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROJETO
4. CARTA DE ANUÊNCIA e Coordenador do Centro de Referência Municipal da Pessoa Idosa de João Pessoa/PB
5. TCLE
6. CURRÍCULO LATTES e anexados (pesquisadora principal e orientadora).
7. TERMO DE COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE.
8. DECLARAÇÃO DE VINCULO AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO.
9. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS e anexado no projeto detalhado os roteiros de entrevistas para cada grupo de participantes.

Recomendações:

Não há

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Protocolo Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

As exigências foram atendidas e o protocolo está APROVADO, sendo liberado para o início da coleta de dados. Conforme as instruções do Sistema CEP/CONEP, ao término desta pesquisa, o pesquisador tem o dever e a responsabilidade de garantir uma devolutiva acessível e

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PERNAMBUCO CAMPUS
RECIFE - UFPE/RECIFE**



Continuação do Parecer: 6.813.187

compreensível acerca dos resultados encontrados por meio da coleta de dados a todos os voluntários que participaram deste estudo, uma vez que esses indivíduos têm o direito de tomar conhecimento sobre a aplicabilidade e o desfecho da pesquisa da qual participaram.

Informamos que a aprovação definitiva do projeto só será dada após o envio da NOTIFICAÇÃO COM O RELATÓRIO FINAL da pesquisa. O pesquisador deverá fazer o download do modelo de Relatório Final disponível em www.ufpe.br/cep para enviá-lo via Notificação de Relatório Final, pela Plataforma Brasil. Após apreciação desse relatório, o CEP emitirá novo Parecer Consubstanciado definitivo pelo sistema Plataforma Brasil.

Informamos, ainda, que o (a) pesquisador (a) deve desenvolver a pesquisa conforme delineada neste protocolo aprovado. Eventuais modificações nesta pesquisa devem ser solicitadas através de EMENDA ao projeto, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2279369.pdf	04/04/2024 21:43:37		Aceito
Outros	CARTA_DE_RESPOSTA_AS_PENDENCIAS.pdf	04/04/2024 21:26:25	ELAINE FEITOSA DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO_ELAINE_FEITOSA_POS_PARECER_CEP.pdf	04/04/2024 21:22:48	ELAINE FEITOSA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ELAINE_FEITOSA_POS_PARECER_CEP.pdf	04/04/2024 21:20:11	ELAINE FEITOSA DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_ASSINADA.pdf	06/02/2024 00:09:15	ELAINE FEITOSA DA SILVA	Aceito
Outros	VINCULO_HISTORICO_ELAINE_FEITOSA.pdf	03/02/2024 14:54:35	ELAINE FEITOSA DA SILVA	Aceito
Outros	Termo_Confidencialidade_Elaïne.pdf	03/02/2024 14:18:00	ELAINE FEITOSA DA SILVA	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Katia_Medeiros_de_Araujo.pdf	03/02/2024 14:13:52	ELAINE FEITOSA DA SILVA	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Elaïne_Feitosã_da_Silva.pdf	03/02/2024 14:12:29	ELAINE FEITOSA DA SILVA	Aceito
Declaração de concordância	CARTA_DE_ANUENCIA_ELAINE_FEITOSA.pdf	03/02/2024 14:08:35	ELAINE FEITOSA DA SILVA	Aceito

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 50.740-600

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2126-8588

Fax: (81)2126-3163

E-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PERNAMBUCO CAMPUS
RECIFE - UFPE/RECIFE



Continuação do Parecer: 6.813.187

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RECIFE, 09 de Maio de 2024

Assinado por:

LUCIANO TAVARES MONTENEGRO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br